



ISPA | Instituto Superior de Psicologia Aplicada

A Irrequietude Motora como
expressão de uma
Função Materna comprometida
- Método Rorschach -

Raquel Maria Cunha Fragoso
Nº 10915

Orientador de Dissertação:

Professora Doutora Maria Emília Marques

Coordenador de Seminário de dissertação:

Professora Doutora Maria Emília Marques

**Tese submetida como requisito parcial para
a obtenção do grau de:**

MESTRE EM PSICOLOGIA
Especialidade em Psicologia Clínica

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Professora Doutora Maria Emília Marques, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica conforme o despacho da DGES, nº19673/2006 publicado em Diário da Republica 2ª série de 26 de Setembro, 2006.

Agradecimentos

À Professora Maria Emília Marques, por ter partilhado comigo esta longa caminhada, imprimindo rigor na minha aprendizagem e tornando-me mais resiliente e destemida na procura de novas significações.

Ao Bruno, a criança que me permitiu olhar o caos de frente e perceber, que até na escuridão, é possível encontrar um raio de luz. Em conjunto, destruimos muralhas e construimos uma casa, onde retorno sempre que preciso de encontrar respostas.

À minha família, que soube acolher as minhas angústias e devolver-me o sorriso quando ele teimou desvanecer e que, do modo mais singelo, sabe sempre eximir a minha essência. Ressalvo ainda a minha mãe, por ter desempenhado a sua *revêrie* de modo inigualável, excedendo todos os seus propósitos, no que de melhor o amor materno tem para dar.

Ao Rui, por me ter trazido de volta e a quem devo o desejo de nunca mais querer deixar de sonhar.

NOME: Raquel Maria Cunha Fragoso

Nº: 10915

CURSO: Mestrado Integrado em Psicologia

ÁREA DE ESPECIALIZAÇÃO: Clínica

ANO LECTIVO: 2008/2009

ORIENTADOR: Professora Doutora Maria Emília Marques

DATA: 11 de Janeiro de 2010

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: “A Irrequietude Motora como expressão de uma Função Materna comprometida – Método Rorschach”

RESUMO:

Este estudo pretende atestar uma relação entre a controversa psicogénese da irrequietude motora e as vicissitudes da função materna. Contudo, não se pretende enfatizar as debilidades de um funcionamento, cujos pilares reportam a uma fase precoce do desenvolvimento da criança, mais precisamente, ao contexto interaccional mãe-bébé, como aqui se concebe. Pretende-se sim, aceder à lógica individual da criança, para compreender o valor e singularidade dos mecanismos emergentes. A procura de um instrumento, de um método e de uma metodologia, convergentes com o vigente referencial psicanalítico e os objectivos definidos, foi sensível à abordagem que aqui se preconiza. Desta feita, foram valorizadas estratégias metodológicas específicas, como a observação minuciosa e os registos comportamentais verbais e relacionais. Neste enquadramento, o Rorschach foi elevado a método e tomado neste estudo, não só pela potencialidade que revela na apreensão da individualidade do sujeito, como pelo ímpar contexto intersubjectivo que presta à compreensão da dinâmica residual continente-conteúdo (♀♂). A lógica aqui instituída e o papel que tem preconizado na ampliação do conhecimento em Psicologia Clínica, fez do estudo de caso único, uma escolha metodológica incontornável, também pela possibilidade de promover um contexto de intervenção centrado no sujeito. Deste modo, sobressaíram mecanismos específicos, ao nível da modalidade de investimento relacional, da qualidade do processo de pensamento e da dinâmica conflitual, que delegam na agitação motora uma função reguladora da necessidade mais urgente da criança. A débil capacidade de contenção interna permite atestar a relação proposta neste estudo, dada a precocidade das falhas identificadas.

Palavras-chave: Irrequietude - Função Materna - Rorschach

ABSTRACT:

This study aims to demonstrate a link between the controversial psychogenesis of motor restlessness and the vicissitudes of the maternal function. However, it is not intended to emphasize the weaknesses of a mental functioning, whose pillars relate to an early stage of child development, more precisely, the interactional context of mother-baby, like is conceived here. The aim is rather to access the individual logic of the child to understand the value and uniqueness of emerging mechanisms. The

demand for a tool, a method and a methodology convergent, with advocated here. This time, were valued specific methodological strategies such as careful observation and behavioral, verbal and relational records. Following this, the Rorschach was considered as a method and taken in this study, not only because it reveals the potential seizure of the individuality of the subject, as the unique intersubjective context that provides an understanding of the dynamics of residual content (♀♂). The logic here established and the role that had been advocating in the expansion of knowledge in clinical psychology, made the single case study, one inescapable methodological choice, also because they may promote an intervention focused on the subject. Thus, specific mechanisms highlights stood out at the relational mode of investment, the quality of the thinking process and the conflictual dynamics, who delegate the motor agitation a regulatory function of most urgent need of the child. The weak capacity of internal contention to demonstrate the relationship proposed in this study, given early failures identified.

Key-words: Restlessness – Maternal Function - Rorschach

ÍNDICE

Introdução	III
1. Irrequietude Motora	
1.1. As hipóteses actuais de um conceito controverso	1
1.2. Perturbações na relação precoce e adversidades na função materna	6
2. Função Materna	
2.1. D. Winnicott – O meio envolvente e a mãe <i>real</i>	12
2.2. D. Anzieu – Pele: de espaço partilhado, para espaço interno individual	16
2.3. W. Bion – A incessante procura entre continente e conteúdo (♀ ♂)	20
2.4. Pontos de intersecção entre as perspectivas focadas	26
3. Objectivos de Estudo	31
4. Modelo de Investigação	33
5. Rorschach	
5.1. De Instrumento a Método de Investigação em Psicologia Clínica	36
5.2. Expressão Infantil no Rorschach	38
5.3. Expressão da Irrequietude Motora no Rorschach	42
5.4. Procedimentos de Análise	45
5.5. Etapas da análise	49
6. O Participante	
6.1. Dados Relevantes	50
6.2. Recolha do Protocolo	51
7. Apresentação e Análise do Protocolo de Rorschach	
7.1. Análise das respostas cartão a cartão	54

7.2. Psicograma	67
8. Discussão da Análise	69
9. Conclusão	77
Referências Bibliográficas	79
Anexos	84

Introdução

O interesse pelo presente estudo, teve a sua origem na esfera de contacto proporcionada pelo estágio curricular, que decorreu num Centro de Acolhimento Temporário para crianças em risco. O interesse pela temática aqui abordada, não é resultado directo de uma observação inquieta do contexto interventivo, mas sim de um processo contínuo de reflexão, durante o qual várias questões despontaram.

No seguimento desta reflexão, foi possível verificar que duas temáticas se destacavam do contexto geral e impôs-se a necessidade de aprofundá-las e averiguar uma eventual ligação entre elas. Uma das maiores falências, atestada pelos traços e manifestações comuns a estas crianças, reporta para a ausência de figuras de referência estáveis e constantes nas suas vidas. Este facto permite evidenciar a negligência de uma das funções mais relevantes para o processo de formação da personalidade e do crescimento mental - a função materna. Por outro lado, também a passagem ao acto ou o recurso ao corpo se revelam frequentes, ao ponto destes mecanismos serem vulgarizados e encarados como características quase inerentes a estas crianças, desvalorizando o valor da sua emergência.

Mas, rapidamente se tornou claro, que restringir o estudo da referida ligação a um contexto institucional, seria estrangular a potencialidade do mesmo. É certo que estas problemáticas são muito mais evidentes nestas crianças, se bem que, meramente, pela precariedade do seu registo de funcionamento. Porém, à luz do que Claudon (2001) defende, um dos melhores modos para expressar uma perturbação do desenvolvimento, é o movimento corporal infantil. Justifica-se deste modo, elevar a abordagem destas questões a um nível mais lato, ou seja, a enquadrá-la numa perspectiva desenvolvimental, sem restrições contextuais, que obrigariam a uma dispersão pelos vários factores adversos.

Assim sendo, este estudo desvincula-se de qualquer intenção classificativa das perturbações do desenvolvimento. Prima sim, por uma abordagem positiva desse processo, no sentido de salientar quais os seus pilares fundamentais e sublinhar a necessidade duma perspectiva de promoção, que contrarie a tendência enraizada e reducionista de sobrevalorização das fragilidades da criança.

Deste modo, a abordagem teórica implícita neste trabalho, será feita à luz do referencial teórico psicanalítico. Esta escolha justifica-se não só pela especificidade dos seus contributos conceptuais para este estudo, mas também pela atitude científica que lhe

está implícita. Nesta linha não se reduz o indivíduo à identificação dos sintomas, existe sempre um movimento de procura do sentido para o que interfere no funcionamento desse indivíduo particular. Essa compreensão permite aceder a um nível mais profundo da dinâmica interna dum ser, que por direito, deveria estar a desenvolver e consolidar os seus alicerces psíquicos, ao longo do percurso escalado e sinuoso, que pode ser o crescimento.

No caso da criança irrequieta, algo sabotou o seu percurso evolutivo e tatuou no seu mundo interno, um sofrimento que ganha forma através do corpo. Aceder às causas desta problemática possibilita, invertendo o prisma de análise, identificar condições essenciais para um desenvolvimento harmonioso nas suas várias vertentes.

Verifica-se que a irrequietude motora é uma temática marcada pela divergência de opiniões, mas no que concerne à sua psicogénese existe uma consonância. Designadamente, em sequência duma revisão da literatura psicodinâmica, que compreende o período de 1976 a 2000, Claudon (2001) apurou as causas clínicas reconhecidas para a irrequietude. De facto, o movimento teórico dominante remete para as fases precoces do desenvolvimento da criança, especificamente, para a qualidade da relação mãe-bebé; ainda que outras causas sejam mencionadas, como a dificuldade em pensar a triangulação edipiana, quando se testemunha uma certa ausência paternal. Porém, é essencial ter presente, que embora as hipóteses que se centram nas fases precoces do desenvolvimento constituam, actualmente, uma posição maioritária, não representam a sua unanimidade.

É no seguimento deste raciocínio que se encontra o ponto de intersecção entre os dois grandes eixos teóricos deste estudo – função materna e irrequietude motora. Ou seja, a origem da problemática da irrequietude é contextualizada no âmbito das dinâmicas relacionais precoces, mais precisamente, nas implicações das falhas na função contentora materna. Constatou-se que as perturbações nas dinâmicas relacionais com o objecto primário, quase sempre flagelam o suporte psico-afectivo proporcionado pela função materna. Independentemente, do grau que esta função está afectada, resultam sempre consequências nefastas sobre o processo de individuação e subsequentemente, o processo de construção da identidade pode ser comprometido. A função materna é considerada, deste modo, como o suporte essencial à emergência duma nova individualidade psíquica, pertencente a um ser que se aventura pela primeira vez, num mundo desconhecido.

Assim sendo, este estudo inserido numa lógica compreensiva, tem como objectivo revelar as falências da função materna numa criança irrequieta, no sentido de perceber que implicações daí resultaram para o seu processo de desenvolvimento, respeitando a singularidade do significado e valor adaptativo da expressão motora para essa criança.

Este trabalho inicia, inevitavelmente, com um enquadramento teórico composto pelos dois eixos temáticos essenciais. Num primeiro capítulo, são reunidas as concepções fundamentais para a contextualização e compreensão, daquela que se percebeu ser uma vasta e complexa problemática, marcada por uma controvérsia teórica comum às perspectivas inerentes. A irrequietude motora é assim abordada, através de uma breve retrospectiva histórica, que permite antever as hipóteses actuais sobre a sua categorização e significação. A incidência recai, obviamente, sobre a hipótese convergente com o referencial teórico adoptado, porém, são apenas explicitadas as suas perspectivas vigentes, dado que se pretende contextualizar a problemática no seio do modelo e não, ingressar num trabalho de revisão teórico-classificativa. Ruma-se assim, a um dos propósitos essenciais deste enquadramento, ou seja, fundamentar uma associação entre a psicogénese da irrequietude e as perturbações na relação com o objecto primário.

Assume-se, portanto, uma tendência teórica, relativamente à emergência desta problemática, que reporta a uma fase muito precoce do desenvolvimento da criança. Esta tendência é sustentada pela consensualidade, quase total, de um significativo grupo de autores, que se pronuncia, especificamente, sobre as implicações de uma função continente materna adversa.

Num segundo capítulo, surge a necessidade de aprofundar os parâmetros relacionais da díade, no sentido de compreender o exercício da função materna e o modo como participa no desenvolvimento da criança. Assim sendo, são apresentadas três perspectivas concebidas por autores de destaque, no que foi considerado um movimento de reformulação do discurso psicanalítico, relativo à esfera infantil. Como tal, atesta-se a assinatura de Winnicott, Anzieu e Bion, numa revisão de literatura que permite identificar convergências e divergências entre as respectivas abordagens, constatação que apenas enriquece a reflexão sobre a temática inerente. A necessidade de servir um propósito incita a um estreitamento teórico, concebido a partir da intersecção dos conceitos mais relevantes das mencionadas perspectivas, cuja articulação serve a especificidade deste estudo.

Após um trabalho de revisão e síntese conceptual, pertinente neste âmbito, toma lugar a tarefa que estabelece uma mudança na condução deste trabalho. Segue-se então, o terceiro capítulo com a definição dos objectivos, que partindo dos fundamentos teóricos organizados, permite delinear estratégias adequadas à aplicação da lógica compreensiva, aqui preconizada, e à aproximação da realidade concreta do sujeito.

A especificidade do presente modelo de investigação justifica um breve enquadramento, concretizado no quarto capítulo. Ainda que legítimo, o referido modelo não revela grande adesão, não é muito comum, um trabalho desta natureza assentar num

estudo de caso único, através de uma abordagem qualitativa. Contudo, tendo em conta o referencial teórico, a lógica implementada e os objectivos definidos, a referida conjuntura serve com distinção o actual delineamento. Desde o início da sua idealização, que este estudo avança pela impulsão de um trabalho reflexivo, que busca a subjectividade do indivíduo, pelo que opera a um nível mais profundo. Para tal, é requerida uma estratégia que implique a revisão do estatuto dos seus intervenientes, promovendo uma matriz relacional intersubjectiva, assim como uma perspectiva sistémica, holística e integrativa sobre o fenómeno estipulado.

Através de uma imagem conceptual, Marques (1999) aproxima esta concepção ao contexto clínico. A autora idealiza o conhecimento do sujeito como resultado dum percurso partilhado e concebido numa relação a dois, cujo objectivo é alcançar a essência da actividade mental, nas suas duas dimensões – interna e externa – do indivíduo e do modo como estabelece e manifesta relações, ligações e transformações. Desta forma, aceder ao sujeito envolve um processo de construção e reconstrução intersubjectiva, no palco duma relação dual.

Este enquadramento remete para o recurso à metodologia projectiva, efectuada na escolha do instrumento, cuja conceptualização é apresentada no quinto capítulo. Apoiado no quadro teórico psicanalítico, será o Rorschach enquanto instrumento privilegiado da Psicologia Clínica, que servirá o propósito de revelar a essência do sujeito. A fim de aceder aos objectivos traçados, do modo mais próximo possível, o uso do Rorschach será tratado na sua qualidade de método, ou seja, excederá os parâmetros de análise, exclusivamente associados a uma lógica clínico-psicopatológica.

Após a clarificação dos pilares que consagram esta ferramenta, num método de investigação em psicologia clínica, surge a necessidade de sublinhar a potencialidade do mesmo, no contexto infantil. Captar a expressão infantil e mobilizar as potencialidades compreensivas do Rorschach nesse sentido, implica interpretar os sinais de acordo com o desenvolvimento e as reacções comportamentais, dado que o significado dos dados depende do contexto e do modo como emergem (Traubenberg & Boizou, 1984/1999). Deste modo, foi privilegiada uma análise inserida num plano observacional e descritivo, de modo a aceder com maior precisão à complexidade do processo de elaboração de respostas.

A controvérsia que ainda envolve a aplicação do Rorschach em crianças, conduziu a um reforço do seu suporte teórico. Como tal, este capítulo encerra com dois pontos complementares, que na sua articulação cedem um vector de orientação para a discussão: um padrão de desempenho normativo, previsto para a idade da criança visada; e as evidências recolhidas de um restrito grupo de estudos, sobre o desempenho de crianças

irrequietas no Rorschach. Esta prova inscrita num percurso metodológico, delineado numa convergência e coerência com o modelo psicanalítico, permitiu estabelecer dois procedimentos de análise, que de acordo com os objectivos já definidos, permitem aceder a uma compreensão mais profunda do funcionamento individual pretendido. Estabeleceram-se assim, os seguintes procedimentos: o encontro entre objecto interno/externo – significação de um experiência emocional; e a qualidade da transformação simbólica – representação de si e do objecto.

O sexto capítulo remete para a apresentação do caso, caracterizado em traços gerais, porém relevantes para o presente contexto de estudo.

A análise do protocolo constitui o sétimo capítulo e encontra-se estruturada em duas etapas. Na primeira, a análise apresenta um carácter mais descritivo, obedecendo a uma leitura individual das respostas, sensível aos movimentos inter e intra-cartão. Na segunda etapa, procede-se à sintetização das respostas, através da apresentação do psicograma.

No oitavo capítulo, surge a discussão da análise, concretizada a partir da articulação das constatações do capítulo anterior, com o corpo teórico relevante, extrapolando para o contexto real de vida da criança, num trabalho de interpretação conduzido segundo os procedimentos estabelecidos.

O nono e último capítulo, concerne à conclusão, onde são evidenciadas as linhas salientes do trabalho interpretativo efectuado até então, mas também onde se efectua uma reflexão crítica sobre a natureza e condução do estudo, com incidência nas potencialidades e limitações do modelo de investigação adoptado.

1. Irrequietude Motora

1.1. As Hipóteses Actuais de um Conceito Controverso

Desde a emergência deste conceito, no início do século XX, uma marcada controvérsia tem vindo a acompanhar o seu estudo.

Atendendo ao percurso histórico do referido conceito, é possível verificar uma mutabilidade acentuada nas perspectivas referentes a esta problemática, consoante a evolução das diferentes linhas de investigação científica. As constantes alterações resultavam não só, das divergências teóricas entre diferentes paradigmas, como das que surgiam no seio do mesmo paradigma.

Estas divergências não se prendem a uma só dimensão, de modo genérico, atingem a designação, estatuto, definição conceptual, avaliação e intervenção.

Instabilidade psicomotora, *Hiperactividade/DHA*, ou *Irrequietude motora*, são os termos mais comuns na identificação desta problemática. A discussão relativa à designação encerra a questão da conotação ideológica implícita que, por sua vez, denuncia uma orientação teórica. Esta é uma questão de destaque para Salgueiro (2002), presente na construção duma hipótese etiopatogénica que sustentou o corpo teórico da sua tese de doutoramento. Para este autor, *irrequietude motora* é a designação mais adequada, pois considera que esta escolha terminológica elimina envezamentos ideológicos (ex. hiperactividade – enfoque quantitativo) ou conotações negativas (ex. instável – associação a sinónimos depreciativos como “turbulento”). No seguimento deste raciocínio, privilegia-se a mesma designação.

A irrequietude motora apresenta, ao longo do seu percurso histórico, divergências significativas entre a linha de investigação norte-americana e a europeia. Desta última, salienta-se a contribuição fundamental dos autores franceses e também a dos autores ingleses, ainda que ocupando uma posição mais intermédia.

Ao longo do percurso histórico da linha de investigação norte-americana, sobressai um eixo central, definido pelo peso dos factores orgânicos que, progressivamente, deixou de ter um enfoque central e absoluto.

Numa tentativa de tornar a abordagem americana mais precisa, assistiu-se a uma aproximação com a linha europeia através da inclusão dos factores ambientais, nos factores potencialmente responsáveis pelo desencadear de comportamentos hiperactivos. Por consequência, os modelos interventivos deixaram de se cingir estritamente ao paradigma médico, para incluir uma perspectiva cognitivo-comportamental.

Mas, apesar da plasticidade alcançada pela linha americana, os seus investigadores continuam a procurar factores neurofisiológicos, genéticos e metabólicos responsáveis pela génese da hiperactividade. Deste modo, a abordagem terapêutica depende essencialmente da prescrição médica, mesmo incluindo modelos mais cognitivos (Salgueiro, 2002).

Em Inglaterra, levantou-se um movimento de contestação à escola americana. Vários autores ingleses teceram duras críticas ao que consideraram ser uma perspectiva reducionista da conduta.

Partilhando os referidos pressupostos com a escola inglesa, Ajuriaguerra e Marcelli (1984) criticaram o facto da perspectiva americana incidir apenas na constatação da falha e ignorar a contextualização do sintoma, a busca do seu sentido. Argumentaram ainda que o comportamento não pode ser compreendido numa perspectiva linear, mas sim numa perspectiva multifactorial, que permita aceder à individualidade de cada criança. As especificidades do processo de maturação e da relação com o meio assumem um papel preponderante na compreensão do comportamento, segundo os referidos autores.

Desde os primeiros indícios do estudo da irrequietude, que os autores franceses têm contribuído para a compreensão desta problemática, através de uma abordagem mais compreensiva.

A evolução histórica desta perspectiva testemunha uma desvinculação da raiz biológica da irrequietude, para privilegiar, a partir da década de 20, uma concepção psicogénica. Esta concepção centrou-se inicialmente na psicopatologia para, na década de 70, sobressair uma aproximação psicodinâmica.

Deste modo, como afirma Salgueiro (2002), a escola francesa alcançou uma “perspectiva sindromática” da irrequietude, de base psicodinâmica, num “plano latente”. Ou seja, esta perspectiva encontra o sentido para os sintomas da irrequietude, na forma como a criança regula os processos internos ao nível mais profundo.

Em Portugal, a evolução da concepção sobre a instabilidade infantil foi fortemente influenciada pela escola francesa.

Salgueiro (2002) destaca António Aurélio da Costa Ferreira, por ter sido o verdadeiro responsável pela introdução da médico-pedagogia, no nosso país. Costa Ferreira publicou diversos trabalhos, onde se pronunciou sobre a relevância da motricidade no desenvolvimento infantil. Para este autor, a irrequietude motora era uma variação do normal e não uma patologia.

A forte influência da concepção psicogénica no nosso país é explícita; e os trabalhos de cariz psicanalítico, desenvolvidos por João dos Santos, são um exemplo consagrado desse facto. O referido autor é para Salgueiro (2002) uma das suas grandes influências, nos trabalhos que desenvolveu, após a década de 80.

Exposto um sucinto enquadramento histórico deste conceito, torna-se pertinente, neste momento, definir as suas perspectivas mais actuais.

Diversos autores de diferentes correntes admitem uma origem multifactorial, que associa factores psíquicos, genéticos e neurofisiológicos para a irrequietude motora de algumas crianças.

Berger (2001) é um bom exemplo, na medida em que apesar de assumir a linha psicanalítica como base teórica do seu trabalho, não exclui a possibilidade duma interacção de factores. Posição esta que surge da sua preocupação em prevenir decisões interventivas desadequadas, e até prejudiciais, à evolução terapêutica da criança.

Neste seguimento, compreende-se que todas as hipóteses explicativas possam dar contribuições válidas para a discussão da irrequietude, pois “...é impensável encontrar um qualquer factor que por si só dê origem à hiperactividade.” (Lopes, 2003, p.133).

O que deve ser combatido é uma vincada atitude reducionista, que enfatize um tipo particular de causalidade, em detrimento de outros factores, cuja influência já fora provada.

Coimbra de Matos (2002) manifesta-se a este propósito, apontando a causalidade linear das teorias genético-constitucionais como arriscada e epistemologicamente incorrecta. Este autor assinala que perturbações afectivas crónicas ou acontecimentos agudos violentos, com marcada ressonância emocional, podem ser responsáveis por lesões estruturais no sistema nervoso central. Aliás, assume ainda, que mesmo nos reduzidos casos em que a existência de lesões constitucionais ou transmissão hereditária está comprovada, a influência dum sistema relacional perturbado sobressai sobre os factores coexistentes.

Actualmente, administram-se psicofármacos como se de “poções mágicas” se tratassem, até que o objectivo central seja alcançado – a eliminação do sintoma – o que por vezes, não passa dum adormecimento da mente que virá a desvirtuar o sujeito.

Deste modo, a irrequietude, em especial a sua origem, devem ser contextualizadas na história da criança, respeitando a complexidade do seu funcionamento individual e das suas dinâmicas relacionais.

Posto isto, a presente discussão seguirá no sentido de uma aproximação ao modelo teórico implícito neste trabalho. Para tal, adoptou-se a proposta de Berger (1999/2001) que, independentemente da posição dominante nos diferentes países, reúne em três hipóteses principais, as actuais perspectivas sobre a irrequietude - *hipótese genética*, *hipótese neurofisiológica* e *hipóteses psicodinâmicas*. No cumprimento do referido propósito, apenas a última hipótese será desenvolvida.

As hipóteses psicodinâmicas distanciam-se do orgânico, para explorarem a vertente psíquica da vida da criança. Mas ao contrário do que se verifica nas hipóteses acima

mencionadas, não existe uma concordância quase harmoniosa sobre os processos inerentes a esta problemática, no seio deste paradigma.

A vasta experiência clínica de Berger (1999/2001) proporcionou-lhe o contacto com diferentes enquadramentos da instabilidade infantil (como a designa), o que lhe permitiu mais tarde, defender duas concepções distintas da problemática. Segundo o autor, a instabilidade pode surgir como mais um *sintoma* no quadro de diferentes entidades clínicas (ex. psicose, depressão, desarmonia evolutiva...), ou por outro lado, corresponder a uma estrutura psíquica específica, constituindo por si só uma *entidade clínica*.

Mas foi a heterogeneidade na associação dos processos mentais destas crianças, que serviu de catalizador à forma como o autor conduziu os seus trabalhos.

Na tentativa de compreender melhor os mecanismos subjacentes a esta perturbação, dedicou-se ao estudo da irrequietude enquanto entidade, definindo-a como o resultado do que não pode ser integrado psiquicamente num sujeito. A questão da perturbação das relações objectais primárias impôs-se irredutivelmente, no decurso da análise dos casos seleccionados para este estudo.

Na realidade, a confirmação da existência de irrequietude enquanto entidade clínica carece de um suporte teórico mais sólido, pelo que não é partilhada pela maioria dos autores que se dedicam ao estudo deste tema.

A propósito da discussão sobre as concepções da irrequietude motora, Rodrigues (1997) defende uma outra perspectiva, partindo dum pressuposto comum a Berger – a heterogeneidade. Deste modo, encarar a irrequietude como um sintoma psicopatológico ou como uma entidade clínica, é igualmente redutor na óptica desta autora, pois consoante a associação e proeminência dos mecanismos envolvidos, assim emergem diferentes subtipos.

Rodrigues (1997) sugere que a irrequietude, quanto muito, seja abordada como um *conjunto de sintomas primários* (impulsividade, défice de atenção, excesso de actividade motora...) e *secundários* (dificuldades de aprendizagem e integração social...). Esta problemática "...deverá ser preferencialmente abordada como um conjunto de características (sintomas) que se interligam de maneira muito forte e, pelos mesmos mecanismos, contribuem para estabelecer uma diferença em relação ao padrão de comportamento normal..." (Rodrigues, 1997, p.12).

Ainda que não partilhando a intenção de definir o estatuto da irrequietude, Claudon (2001) subscreve o que foi referido sobre a sua expressão, ao enunciar quatro grandes áreas do funcionamento do sujeito, às quais faz corresponder as manifestações dominantes. Designadamente, assinala a agitação motora, associada ao comportamento; assinala também, uma instabilidade psíquica que se pode reflectir numa atenção flutuante; os

problemas emocionais são atribuídos a uma vincada labilidade; e impõem-se dificuldades relacionais duplicadas a dois níveis – com o Outro e com o próprio.

Mas se é certo, que a heterogeneidade dos processos implícitos dificulta o consenso teórico, também o é, o facto desta problemática não apresentar grande profundidade na investigação psicanalítica. O modelo psicoterapêutico correspondente é pouco adaptado a este tipo de crianças e ainda não existe uma abordagem definida, que antecipe as dificuldades mais comuns neste contexto. Nomeadamente, a interrupção do pensamento pela constante mudança de actividade ou a pobreza das interações verbais (Berger, 1999/2001).

Independentemente, desta problemática continuar a suscitar novas discussões no seio deste paradigma, tal como Berger (1999/2001) sugere, podem considerar-se três eixos principais, em torno dos quais se agrupam de um modo genérico, as posições mais frequentes relativas ao tema.

- Alguns autores consideram a irrequietude como uma *defesa maníaca* contra a depressão.

Berger (1999/2001) manifesta algum desconforto relativamente a esta posição, pois considera existir uma precipitação na interpretação dos comportamentos destas crianças, além do que, no decorrer do seu estudo, as poucas crianças que manifestaram sentimentos depressivos, apresentavam uma instabilidade reactiva a acontecimentos dolorosos ocorridos nessa fase.

Este autor defende que não é na depressão que se encontra o cerne da problemática, ou seja, não é o medo da perda objectal que limita a criança, mas sim, uma dificuldade precoce de estar na relação com o objecto primário.

- Outros autores associam-na a uma *deficiência ao nível dos invólucros corporais*.

Um dos nomes que sobressai, quando se considera esta perspectiva, é o de Bèrges (1985) ao sugerir dois cenários diferentes que podem incorrer na mesma perturbação. O corpo pode assim ser vivido como uma célula de membrana intransponível, onde a mente se sente asfixiada; ou contrariamente, como um espaço de limites indefinidos, onde se sente perdida.

Em qualquer das situações a agitação motora assume uma função de procura, seja de libertação ou de limites concretos, apenas possíveis no mundo exterior ou no Outro.

Esta hipercinesia não é sentida com constrangimento pela criança, como o é pelos que a rodeiam; pois constitui o seu modo particular de estar no mundo. Situação comum, quando se trata de irrequietude como resultado duma contenção materna insuportável, levando a criança a desligar-se das relações e a perturbar a sua organização.

As falhas ao nível dos invólucros corporais implicam uma perturbação do desenvolvimento da capacidade de simbolização; por isso, para alguns autores este quadro é categorizado como desarmonia evolutiva ou incluído estruturalmente, no funcionamento limite/ *borderline* ou pré-psicose infantil (Ajuriaguerra, 1991).

- Existem ainda outros autores que associam a irrequietude a um *funcionamento operatório*.

Esta associação parte do princípio, que o corpo é utilizado como modo de expulsão das tensões internas, o que denuncia uma dificuldade extrema no processo de integração pulsional. A pobreza da capacidade de fantasmática e a escassez de afectos caracterizam o tipo de pensamento (operatório) responsável por este recurso à agitação corporal.

Szwec (1998) é referenciado por Berger (1999/2001), na tentativa de aludir a uma falha deste modelo. Não que este seja inaplicável, mas porque em muitos casos, tanto a manifestação da irrequietude, como do pensamento operatório, é restrita a uma determinada área do funcionamento psíquico. As crianças que se enquadram neste contexto podem apresentar processos psíquicos adaptados e criativos noutras áreas do seu funcionamento.

Deste modo, impõe-se mais uma vez, a necessidade de reconhecer a heterogeneidade desta perturbação. Pelo que muitos autores adoptam um método de classificação baseado no nível de evolução do funcionamento psíquico da criança. A partir da organização defensiva, o enquadramento da irrequietude oscilará do funcionamento neurótico ao pólo oposto – o psicótico.

É no culminar deste breve enquadramento sobre as actuais concepções da irrequietude, que se segue incidindo nas dinâmicas inerentes à sua psicogénese, não num sentido de subscrever a hipótese dominante, mas de revelar a intersecção entre os dois grandes eixos teóricos deste estudo – função materna e irrequietude motora.

As condições propiciadoras da emergência desta problemática são integradas no âmbito das dinâmicas relacionais com o objecto primário, especificamente, nas implicações das falhas na função contentora materna.

1.2. Perturbações na relação precoce e adversidades na Função Continente Materna

Ao longo do primeiro ano de vida, a dimensão motora assume grande relevância no desenvolvimento da criança, não só pelo domínio da marcha, mas também pela

possibilidade de realizar os seus desejos mais emergentes. A criança finalmente poderá concretizar a sua ânsia de exploração, assim como sentir o prazer de desfrutar em pleno do próprio corpo.

Claudon (2001) sublinha a estreita relação entre o movimento da criança e o processo de desenvolvimento. Por conseguinte, afirma que o movimento corporal infantil é um meio privilegiado de expressão das perturbações desenvolvimentais.

Concretamente, a irrequietude motora consiste numa patologia do movimento, mas antes de se manifestar externamente, já existia no espaço psíquico da criança sob a forma duma representação corporal da acção, que evoca uma relação de dependência ao objecto materno (Claudon, 2001).

Todos os trabalhos que vieram corroborar a associação entre as perturbações relacionais primárias e a irrequietude motora partiram duma base comum, independentemente, das diferentes tonalidades teóricas que foram surgindo pela mão de autores como os que serão referidos de seguida.

É bastante vigente na maioria dos autores, uma forte influência do trabalho desenvolvido por Mahler (1958/1989), nas décadas de 60 e 70; mas também das concepções winnicottianas, sobre as quais Mahler alicerçou a sua perspectiva.

A forma como é superada a fase de separação/individuação, assume uma elevada preponderância para esta autora, pois denuncia a natureza da relação objectal primária.

Como facilmente se pode depreender, o desempenho da figura materna torna-se central, pelo que lhe é associada uma forte influência sobre o percurso do desenvolvimento psico-afectivo do bebé.

Tendo estes pilares teóricos como referência, dedicou-se ao estudo das vicissitudes relacionais com o objecto de amor primário. Deste modo, refere que a separação de um objecto inconstante ou insuficientemente bom, logo não securizante, corresponde a uma separação psicologicamente prematura.

A impossibilidade de estabelecer uma confiança emocional impede, simultaneamente, a exploração do mundo externo, incitada pelas crescentes necessidades de autonomização, assim como o recurso à reaproximação dum objecto contentor que alivie as ansiedades próprias da entrega ao desconhecido.

Para Mahler (1963/1982), a existência dum desajuste precoce provoca uma ansiedade de separação excessiva, que se pode manifestar emocionalmente através da tristeza, raiva ou corporalmente, sob a forma de hiperactividade, enquanto mecanismo de defesa primário.

Flavigny (1988) sublinhando o trabalho desenvolvido por Mallarive e Bourgeois, defende nesse sentido que as perturbações relacionais geram falhas no objecto interno que por sua vez, fragilizam as funções contentoras.

O autor supracitado destaca a insegurança e vulnerabilidade narcísica destas crianças, resultantes de relações de objecto predominantemente agressivas, pressuposto estudado inicialmente por Bergès (1995). Este último autor, que segue a enunciada linha psicogénica, concebe a instabilidade motora como expressão duma vivência interna que consiste na dificuldade de estar sozinho na presença do Outro.

Tal como já foi referido, Mallarive e Bourgeois, seguidos por Lepage (ref. por Salgueiro, 2002), surgem como autores pioneiros no estudo das crianças consideradas actualmente como irrequietas.

Partindo dos trabalhos de Mahler (1975), estes autores concluíram, em 1979, que distorções precoces na relação primária provocavam uma forte dependência mãe-bebé e necessidades regressivas com tonalidade depressiva, ansiedades e fobias na criança.

Mallarive e Bourgeois defendiam que estas distorções derivam da incapacidade da mãe em satisfazer as necessidades da criança, mais especificamente, de não conseguir assumir um papel de reparação securizante. Esta falha amplifica-se, segundo os referidos autores, na fase da separação/individuação, levando a criança a fantasmaticar a autonomia motora como um “abandono depressivogénico” (Claudon, 2001, p.201).

Constataram assim, um padrão interaccional que viria a ser estudado com maior incidência por outros autores, padrão esse que denotava uma alternância entre movimentos maternos de rejeição e movimentos maternos de hiperprotecção.

Nomeadamente, Ains e Mazet (ref. por Claudon, 2001) demonstraram a existência de uma descontinuidade interaccional precoce, no seio da relação entre a mãe deprimida e o seu recém-nascido. Verificaram que, em poucas semanas, o bebé acabava por manifestar comportamentos de instabilidade tanto ao nível motor como psíquico. Estes autores defenderam ainda, que os referidos comportamentos do bebé podiam mais tarde encontrar-se sob outras formas de irrequietude – como se estes mecanismos evoluíssem enquanto parte integrante do psiquismo da criança.

Partindo destes pressupostos, foi traçado um rumo seguido por muitos autores, que incidiram no estudo da depressão materna precoce enquanto responsável pela perturbação da função continente.

Designadamente, Golse (ref. por Claudon, 2001) sustentou a sua perspectiva, através da intersecção destes conceitos, mas foi mais longe ao considerar que a agitação motora surge como um recurso alternativo da mente.

Para este autor, a depressão materna precoce atinge a função continente primária de holding e handling, o que induz uma falha na constituição dos primeiros envelopes psíquicos. Vulnerável às angústias arcaicas, o bebé recorre à agitação motora como veículo de evacuação dos sentimentos mais dolorosos e depressivos, permitindo assim ao aparelho

psíquico ainda em construção, alguma continência normalmente investida na construção de uma segunda pele psíquica substitutiva.

Independentemente da valiosa contribuição do estudo da depressão materna precoce para a compreensão das dinâmicas subjacentes à irrequietude motora, não deve ser descurado que, como referiu Claudon (2001), nem todas as mães deprimidas induzem instabilidade; e nem todas as crianças instáveis têm mães deprimidas.

Como foi assinalado anteriormente, a discussão teórica desta problemática também foi enriquecida por autores portugueses.

João dos Santos (1988) foi um dos nomes que se destacou desde o início, e curiosamente, também coloca o quadro depressivo na base da irrequietude motora. Porém, não se deteve na exploração da depressão materna, preferiu aceder à problemática através do funcionamento psíquico da criança, que considerava ser de natureza depressiva.

Por outro lado, este autor defendeu a existência duma condição comum à figura materna, responsável pelas falhas na relação primária.

Neste contexto, a mãe revela-se insuficientemente disponível, e como tal, incapaz de gerar um sentimento de segurança imprescindível à estabilidade da criança. Na tentativa de esbater a intensa ansiedade provocada por um objecto que lhe é desconhecido e por isso atemorizador, a criança recorre à irrequietude. Ou seja, envolve-se num movimento contínuo de fuga desse objecto, para conseguir definir um território seguro, que lhe permite avançar na procura da segurança junto de outro objecto mais disponível; ocorrendo todo este mecanismo num ciclo constante.

Esta ideia subentendida, duma utilização do movimento enquanto mecanismo de desinvestimento relacional, foi também abraçada por Szwec (1993). Segundo este, o afastamento físico da mãe permite a algumas crianças, declarar independência psíquica das representações maternas, pois “o registo perceptivo e motor desempenha (...) o papel de substituto da actividade de ligação das representações” (Berger, 1999/2001, p.98).

O recurso à agitação motora pode assumir uma função auto-calmante, perante a incapacidade do bebé em lidar com angústia de separação, devido ao prejuízo provocado pela ausência duma contenção materna. É uma conquista paradoxal da calma através da busca repetitiva da excitação.

Como explicitado anteriormente, Berger (1999/2001) defende que o funcionamento depressivo não é o cerne da problemática, isto é, o medo da perda objectal; mas sim, uma dificuldade precoce de estar na relação com o objecto primário. Emerge um mal-estar difuso que domina o bebé, cuja vivência se traduz numa intensa sensação de angústia, abandono e desmoronamento, desencadeada pela inadequação do holding materno.

A perturbação da interacção que promove a irrequietude decorre, segundo o autor, no período pré-verbal, não permitindo o estado de integração psíquica do bebé, ou tão pouco a unidade entre o seu corpo e os seus pensamentos.

Assim sendo, a irrequietude traduz o que não se pode estruturar psiquicamente, ou seja os afectos, não se trata duma resistência contra as representações. A fase em que ocorrem as falhas relacionais com o objecto primário, impede a simbolização do vivido de angústia descrito, sendo o mundo interno da criança povoado por uma “névoa negra” persistente.

Berger (1999/2001) partilha pressupostos psicogénicos fundamentais com autores como Golse (*op.cit.*), dos quais a existência de um holding deficiente; porém, adverte para a diferença entre a problemática da insuficiência de suporte e a problemática do invólucro, ainda que possam estar associadas nalguns casos. Para este autor, a forma como as crianças irrequietas expressam os produtos do seu funcionamento interno, corresponde à impossibilidade de interiorizar a função de suporte, promovida pelos cuidados maternos.

Concebe esta problemática como uma “moeda de duas faces”, isto é, considera-a simultaneamente uma defesa e um estado. É uma defesa, pelo facto de ser o mecanismo mais primitivo, ao qual um bebé recorre para lidar com um vivido de angústia muito arcaico, desencadeado pela sensação de abandono; um estado porque “a criança fica em *estado de agitação*” (Berger, 1999/2001, p.91), permanece num funcionamento que ela própria suscitou.

Sá (2003) foi outro dos autores portugueses, que atribuiu a origem da instabilidade psicomotora a uma falência na relação precoce. A sua leitura não surge dum estudo exclusivo da problemática, não a aborda como entidade clínica específica ou associada, mas sim, como um sintoma que pode emergir nos diferentes quadros clínicos. Porém, constata uma maior incidência do sintoma nos quadros infantis de psicose e pré-psicose, enquadramento último ao qual dedicou maior investimento.

Deste modo, considera que a criança pode vivenciar, numa fase precoce da sua vida, níveis tão elevados de angústia que assumem um valor de traumatismo.

A intensidade desta experiência emocional, que designou como “écran de angústia” e aflui para o “vivido de angústia” proposto por Berger, atinge o processo de mentalização e cria estados brancos no psiquismo, desencadeando uma série de afecções no funcionamento interno da criança.

Nomeadamente, a integração do objecto total é substituída por uma integração patológica ou como nomeou Sá (2003), “clivagem operante”, donde emergem representações inconsistentes que conduzem a emoções contraditórias expressas através de interacções desajustadas. Estes “écrans” são consequência do insucesso da capacidade

de pára-excitação materna, que constitui um suporte essencial ao processo de mentalização.

Torna-se assim perceptível, que a criança se encontre permanentemente submersa num estado de inconstância, pois a mentalização reenvia para a capacidade de tolerar a angústia intrapsíquica e os conflitos interpessoais (Claudon, 1998).

Tal como foi referido, Salgueiro destacou-se pela sua dedicação a um estudo mais profundo da problemática.

Salgueiro (2002) baseia a sua hipótese numa falha de contenção materna, mais precisamente, na sua insuficiência perante as necessidades de contenção do bebé.

Este contexto relacional não promove a confiança básica essencial à superação da fase de separação/individuação, a partir da qual, é esperado que o bebé se sinta preparado para investir na exploração do mundo externo autonomamente. O subjacente impedimento da construção de bons objectos internos securizantes contribui para a construção dum núcleo de desconfiança/insegurança básica, gerador duma alternância cíclica de experiências angustiantes e tal como afirma o autor “angústias contidas estimulam o crescimento, angústias transbordantes paralisam-no” (Salgueiro, 2002, p.55).

Partindo da concepção kleiniana sobre o movimento integrativo da mente, intrínseco à passagem da posição esquizo-paranóide para a posição depressiva, Salgueiro (*op.cit.*) estabeleceu uma correspondência entre este mecanismo e o surgimento da agitação motora nestas crianças. Propõe que a emergência de angústias persecutórias e depressivas pode desencadear uma resposta motora, como recurso de manutenção do equilíbrio narcísico. Apoiando-se desta vez, na concepção bioniana da identificação projectiva patológica, o autor justifica a expressão do movimento através da ambivalência aproximação/afastamento.

Independentemente das intersecções ou divergências conceptuais que se podem identificar entre as hipóteses colocadas pelos autores revistos, verifica-se a partilha dum pressuposto incontornável, que se encontra subjacente a todas elas – a relevância da função materna no desenvolvimento da criança.

Nomeadamente, Salgueiro (*op.cit.*) realça o papel da mãe, considerando-a uma matriz organizadora externa ao bebé. Contudo, apenas quando a criança partilha uma experiência emocional afectuosa com a mãe, se desencadeia internamente uma propensão para distinguir saberes básicos como presença/ausência, interno/externo, bom/mau, construir/destruir, sentir, pensar, agir... é a apreensão destes saberes que determina o potencial evolutivo da criança e a sua transição para saberes mais complexos que transpõem o seu meio familiar.

2. Função Materna

2.1. D. Winnicott – O meio envolvente e a mãe *real*

A década de 50 marcou o retomar das questões inerentes à estruturação da personalidade, mais precisamente, da relevância que a função materna assume nesse processo. Consequentemente, assistiu-se à emergência de uma reformulação teórica no seio do paradigma psicanalítico, que redimensionou a abordagem do Desenvolvimento.

Dos inúmeros e reconhecidos autores que contribuíram para este movimento teórico, Winnicott é um dos nomes de destaque que, tal como Bion, se desvinculou progressivamente da sua formação de base kleiniana. A formulação conceptual, da pulsão de morte e das fantasias arcaicas sádico-destrutivas do bebé, excedeu a aceitação de Winnicott, pelo que tomou um rumo teórico diferente, defendendo a importância do ambiente exterior.

O investimento na realidade externa do bebé, em particular, na valorização do papel da mãe *real* no desenvolvimento emocional do filho, denuncia a discordância assumida pelo autor e coloca-o no extremo oposto da posição teórica de Klein (Zimerman, 1999).

O cerne da perspectiva winnicottiana encontra-se na relação do bebé com o meio, pois segundo o autor “a criança cria o ambiente e o ambiente cria a criança” (Zimerman, 1999, p.99).

Para Winnicott, cada ser humano é dotado de um potencial inato para se integrar e evoluir, porém, o facto dessa tendência ser inata não garante que ela se concretize. A manifestação desse potencial dependerá de um ambiente facilitador, que inicialmente se configura nos cuidados prestados pela mãe.

Assim sendo, é imperativa a necessidade dum ambiente seguro (*holding environment*), que propicie ao bebé as condições definidas por Winnicott como essenciais, nomeadamente a experiência de contenção e a dedicação característica da mãe.

Esta perspectiva revela uma dimensão relacional proeminente, cuja primeira expressão concerne à interacção existente entre as necessidades emocionais da díade, partindo do pressuposto que a criança tem a necessidade de se relacionar com a mãe, ou seja, que é propensa à disponibilidade para a interacção com o Outro (Greenberg & Mitchell, 1983/2003).

Como foi referido, Winnicott distanciou-se dum vértice conceptual centrado no mundo interno do bebé, para enfatizar o papel duma figura materna concreta e real, que influencia o bebé a partir do seu meio envolvente.

Na senda deste princípio, propôs o conceito de *mãe suficientemente boa*, por definição, aquela que “não frustra, nem gratifica, de forma excessiva e que possibilita um sadio crescimento do *self* do seu filho” (Zimerman, 1999, p.104).

Uma das condições inerentes ao estatuto acima explicitado remete para uma aptidão biologicamente enraizada na mãe, que se manifesta no último trimestre de gravidez e nos primeiros anos de vida da criança – a *preocupação materna primária*.

Trata-se de um estado psicológico muito particular de sensibilidade aumentada, considerado normal durante o período focado. Winnicott (1956/2000) comparou este estado inicial a uma dissociação, durante o qual, a mãe se dedica à maternidade e temporariamente se aliena de outras funções, como as sociais ou as profissionais, o que permite um elevado grau de adaptação ao bebé.

O estado de preocupação materna primário implica uma regressão parcial por parte da mãe, na direcção de suas próprias experiências enquanto bebé e das memórias acumuladas ao longo da vida, relativas ao cuidado e protecção de crianças.

Nas ditas condições normais, este estado, tão gradualmente como se instala, deve dissipar-se, pelo que é temporário.

Ao longo deste período, é esperado que o bebé passe naturalmente do estado de *dependência absoluta* para o de *dependência relativa*, essencial para o seu amadurecimento.

A mãe suficientemente boa deve compreender esse movimento rumo à dependência relativa, de modo a corresponder às necessidades do seu bebé, permitindo até, a ocorrência de falhas que abrirão espaço ao desenvolvimento.

Winnicott (1960/1983) reforça a importância do comportamento adaptativo da mãe ao bebé, no processo de desenvolvimento emocional da criança, referindo-se à díade como uma unidade. Numa fase precoce do seu desenvolvimento, o bebé não reconhece a existência duma entidade que lhe é externa, pois a sua realidade psíquica funciona ao nível da *identificação primária com a mãe* – “não existe um bebé sem a sua mãe” (Zimerman, 1999, p.98).

Por outro lado, a capacidade da mãe em se identificar com o seu filho permite-lhe satisfazer o que Winnicott (1960/1983) designou por *holding*. Esta capacidade é essencial desde a dependência absoluta até a autonomia do bebé, isto é, até à fase em que finalmente existem espaços psíquicos distintos entre o bebé e a mãe.

O holding serve a função materna, no sentido em que permite providenciar uma adaptação e satisfação das necessidades do bebé, numa fase de dependência plena, durante a qual a mãe deve sustentar as incapacidades e ansiedades do filho.

Na visão winnicottiana, o modo como a mãe toca, aconchega, manipula o bebé, desde o primeiro momento, é fundamental para a constituição do self. A dimensão física do segurar o bebé (*handling*) assume uma relevância incontornável nesta perspectiva, uma vez que é considerada expressão do sentimento nutrido pela mãe, expressa a sua forma de amar. Este contacto promove assim, a continuidade entre o inato, a realidade psíquica e um esquema corporal pessoal.

No início de vida do bebé, impera um estado de *não-integração* (não equivalente à angústia de desintegração) entre a sua mente e o seu corpo e entre as diferentes partes do mesmo (Zimerman, 1999). Este estado pode ser figurado num conjunto de pedaços desconexos e fragmentos de experiência difusos e dispersos.

Uma vez mergulhado no referido estado confusional, o bebé desencadeia um processo alucinatorio, quando se encontra num estado de excitação, no sentido de obter um objecto adequado às suas necessidades.

Num enquadramento ideal, a noção de ritmo e a capacidade empática da mãe, relativamente às necessidades do bebé, conjugam-se para que ela possa antecipar e apresentar o objecto adequado, que em retorno o bebé considera idêntico ao objecto alucinado.

O sucesso do processo alucinatorio depende inteiramente do desempenho da mãe, que assume a função de um espelho. Para Winnicott (1967, ref. por Zimerman, 1999) a *função especular materna* constitui um recurso valioso na aproximação do bebé ao mundo real. Segundo o autor, o rosto da mãe é o primeiro espelho do ser humano, em particular o seu olhar, pois no contacto ocular com a mãe, o bebé “revê-se”. O espelho materno emite um reflexo que devolve ao bebé uma resposta adequada, promovendo a sintonia com as suas funções e os seus impulsos.

A experiência destes momentos ilusórios é apenas pensável num ambiente securizador e contentor, permitindo ao bebé a criação onnipotente do objecto. Deste modo, a onnipotência representa a fonte de toda a criação, ao satisfazer a necessidade de contacto com a realidade exterior e ao conferir poder sobre a mesma.

Tal como foi acima explicitado, existe um espaço específico, onde decorre a interacção entre a realidade interior e a exterior, que Winnicott (1971) designou por *espaço potencial*. Este espaço é construído numa dimensão relacional, pois assume os contornos das experiências vividas na relação entre o bebé e a mãe, a criação emerge por isso, da actividade preferencial da díade, o brincar.

Contudo, Winnicott (1971) alude à necessidade de proporcionar ao bebê momentos individuais na descoberta do sentido para a sua existência, o que implica um “recuo” oportuno da mãe, que deve saber quando a sua presença se torna exigente para o bebê. Num período em que a criança está a construir o seu núcleo de confiança básica, deve ser promovida a *capacidade de estar só*, ainda que na presença da mãe. A partilha dum espaço comum, onde cada elemento da díade se absorve com os seus interesses, sem renunciar à presença do Outro, permite ao bebê arriscar na descoberta da realidade exterior.

Para poder criar o seu mundo interno com objectos subjectivos, o bebê terá que passar por uma fase intermediária, representada pela concepção de *objecto transitivo*, a partir da qual será capaz de reconhecer a realidade externa como uma entidade separada dele (Winnicott, 1971). A enunciada concepção surge como um compromisso entre dois mundos e representa a origem do *simbolismo*.

Nesta fase, o processo de incorporação dos objectos revela um carácter paradoxal. Quando este processo se desencadeia, o objecto não é submetido ao processo alucinatório, porque constitui um acontecimento real, porém, é criado e dotado de significado.

Esta experiência emerge da capacidade de brincar e mais tarde, da capacidade de sonhar as fantasias, de vaguear no mundo interno sem submissão à lógica da realidade, não correndo o risco de imiscuir mundos diferentes e cair num território “cinzento” e difuso. Em sequência desta fase, é criada uma terceira dimensão que perdura durante toda a vida.

Segundo Winnicott (1971), o objecto transitivo constrói-se como uma entidade projectiva, uma vez que a criança lhe atribui um significado, estabelecendo assim, uma relação com o objecto. No entanto, o carácter paradoxal deste processo revela-se novamente, perante a necessidade de destruir o significado atribuído, pois apenas deste modo será possível mobilizar o objecto como fenómeno externo numa realidade objectiva.

Neste enquadramento, Winnicott (1971) valoriza a existência dum ambiente contendor, cuja característica mais relevante é a confiança na figura materna, susceptível de induzir um estado de relaxação na criança, que lhe permite libertar a mente e abrir um espaço propício ao desenvolvimento espontâneo da criatividade. A mãe concede o corpo e a mente ao desenvolvimento do seu filho, numa dimensão relacional atenta às trocas sensoriais/emocionais.

2.2. D. Anzieu – Pele: de espaço partilhado, para espaço interno individual

Na senda do movimento teórico anteriormente referido e de um crescente investimento do paradigma psicanalítico na observação e intervenção com crianças, surgiram novas questões que denunciaram limitações no discurso psicodinâmico, impondo a necessidade de novos modelos e abordagens. Designadamente, a necessidade de contenção psíquica, enquanto condição necessária e comum ao ser humano, assumiu particular destaque.

Para Anzieu (1985), a construção do espaço interior depende da elaboração de uma estrutura intermediária do aparelho psíquico, que denominou *Ego-pele* e cujos alicerces se erguem na dimensão comunicacional da função materna. A enunciada estrutura permite, num período precoce do desenvolvimento, que a criança se represente como um Eu contendor de conteúdos psíquicos, correspondendo especificamente à fase em que o Eu psíquico se diferencia do Eu corporal no plano operativo, mas no plano figurativo estas entidades permanecem confusas.

Partindo da formulação de Freud sobre o conceito de Ego, cuja evolução se baseia na experiência corporal, Anzieu (1985) concebeu uma analogia com a pele, segundo a qual estruturou o processo de desenvolvimento do self. Neste sentido, é nas funções da pele que o ego-pele encontra o seu suporte, partindo do pressuposto que toda a actividade psíquica se apoia numa função biológica.

A pele funciona como um saco que contém e retém, no interior, o bom e a sensação de satisfação, que marca o limite entre fora e dentro, constituindo uma barreira de protecção contra a agressão do exterior/dos outros.

Estruturalmente, a pele é constituída por várias camadas, mas é na sua superfície que se encontram os órgãos dos sentidos, receptores da vasta informação a que o meio expõe o indivíduo. Deste modo, a pele apresenta-se como uma superfície de inscrição que, através da sua riqueza sensorial, permitirá estabelecer as mais variadas associações sensoriais.

Neste seguimento, Anzieu (1985) destaca o tacto pela singularidade das suas características, uma vez que é o único sentido que está inserido na própria epiderme. Deste modo, é reconhecido como um *pano de fundo mental*, no qual se inscrevem os conteúdos psíquicos, condição que remete para a função de contenção. O visado registo sensorial atribuí ao aparelho psíquico a capacidade de reter conteúdos, constituindo simultaneamente um *envelope táctil*.

Mas o tacto também se distingue pela sua estrutura reflexa, ou seja, pela percepção interna e externa do toque (a pele sente o objecto e, simultaneamente, sente que é tocada), que possibilita o desenvolvimento da simbolização e da representação, acompanhando a

evolução do pensamento do seu nível mais primário até à abstracção formal. É a partir da reflexividade do tacto que se constitui a reflexividade do pensamento.

Porém, a pele não assume apenas propósitos restritivos e individualizantes, constitui também um meio privilegiado de comunicação com o Outro e de estabelecimento de relações significativas, cujos traços ficam nela inscritos.

A pele é, neste sentido, concebida como superfície de contacto, assumindo-se como uma *interface*, resultante da solicitação mútua na díade como *duplo feed-back* (Brazelton, 1982, ref. por Cabral, 1998).

Esta interface é figurada sob a forma de uma pele comum à mãe e ao seu bebé, que os mantém juntos numa ressonância emocional recíproca, propulsora do desenvolvimento do *self*, através duma comunicação sem intermediários. É a partir do mútuo envolvimento da díade, que o ego-pele se estrutura e actualiza, assegurando a manutenção psíquica até que o Eu ainda em crescimento possa exercer, em pleno, as funções maternas. Tal como a pele mantém o esqueleto e músculos, sustentando a sua estrutura, também o ego-pele exerce a função de suporte e manutenção do psiquismo.

Mas a dissolução da interface, implícita no processo de reconhecimento da própria pele e conseqüente construção do Ego, desencadeia angústias associadas aos fantasmas da pele rasgada e mortífera, como expressão da reactivação do fantasma da vida intra-uterina. Este mecanismo parte duma negação do nascimento, pela dor que a percepção da separação do corpo materno inflige no bebé, emergindo o desejo de retorno ao útero.

Contudo, a referida dissolução não significa uma anulação, mas sim, um redimensionamento da interface. Ocorre uma integração desta estrutura, que assume o estatuto de envelope psíquico, prestando a contenção de conteúdos psíquicos e do invólucro materno (Anzieu, 1985).

Neste enquadramento, Anzieu (1985) equipara o seu conceito de ego-pele à concepção de Esther Bick sobre a formação de uma primeira pele psíquica, que também privilegia a dimensão comunicativa na evolução do bebé.

Bick (1968) considera que, numa fase precoce, o corpo e a mente do bebé existem de modo difuso e indiferenciado, tal como as suas diversas partes se encontram desconexas, devido à ausência de uma força coesiva (*binding force*). A sobrevivência do bebé depende assim, de um objecto externo que assegure uma função contentora. É na pele materna, que a autora figura este objecto continente, precisamente no contacto da boca com o mamilo. A este propósito, Cabral (1998) defende que para além do referido contacto, um objecto continente ideal deveria contemplar um holding adequado.

Bick (1968) atribui particular relevância à proximidade corporal, uma vez que a experiência do pele-a-pele não só antecede, como proporciona ao bebé, a passagem para a introjecção do objecto exterior; o que adverte para o carácter gradual deste processo.

Subentende-se portanto, que a autora incide numa fase ainda mais primitiva do desenvolvimento, relativamente à posição esquizo-paranóide (conceptualização kleiniana), na qual se podem identificar as origens da diferenciação entre espaço interno e externo.

A autora propõe a existência de experiências de não-diferenciação entre o ego em formação e o objecto, que antecederiam as experiências de cisão primária da posição esquizo-paranóide.

Deste modo, a partir da identificação à função contentora, emerge a distinção dentro-fora, que anuncia o contexto favorável à instalação da clivagem e da idealização do self, tal como Klein as concebeu.

A perturbação ou falência da função materna, infligida pelos ataques fantasmáticos destrutivos do bebé, impede a introjecção de um objecto contentor, que o entrega a um estado confusional desesperante, impelindo-o a procurar indiscriminadamente, uma experiência unificadora das partes do seu corpo. A imersão num funcionamento deste cariz pode conduzir à formação, do que Bick (1968) apelidou de *segunda pele*. Esta estrutura é comparada a uma prótese muscular substitutiva, que propicia uma alternativa inviável à dependência do objecto, isto é, o desenvolvimento de uma pseudo-independência.

Perante um funcionamento perturbado do pele-a-pele, a autora visada antecipa uma fragilidade nos processos posteriores de integração e organização, da qual resultará uma submissão a estados de desintegração corporal, postural e motora, com um funcionamento mental correspondente, expresso principalmente na comunicação (Bick, 1968).

Anzieu (1985) refere que uma falha na estruturação dum *continuum* entre as diversas sensações do organismo, desencadeará a angústia de fragmentação do corpo, ou seja, um sentimento de que o funcionamento psíquico-corporal ocorre anarquicamente.

Relativamente, ao conceito de ego-pele, Anzieu (1985) alude ainda à sua bidimensionalidade, remetendo para o que veio a designar como *envelope narcísico*. A dimensão externa deste envelope corresponde ao envolvimento materno, que idealmente se deveria ajustar à superfície do corpo do bebé, numa distância óptima; superfície que por sua vez, constitui a dimensão interna do ego-pele. Isto é, o ego-pele integra um envelope narcísico, assegurando ao aparelho psíquico a continuidade de um bem-estar de base. Este envelope interno não só constitui um receptor de estímulos, como um instrumento de sinalização, perceptível pelo Outro, dada a propensão do bebé para ser interactivamente dinâmico.

Obviamente, o contacto entre duas dimensões de carácter divergente gera tensões, pelo que a sua modulação é predominantemente gerida e sustentada pelo tipo de interacção estabelecida com a mãe. Isto, porque a estimulação consiste num estilo excitativo da carga libidinal e num tipo de contacto significativo que consiste na transmissão de informação.

Neste sentido, a função materna deve assegurar a satisfação das necessidades físicas (excitação) e das necessidades psíquicas (atribuição de significado), pelo que na sua dimensão qualitativa, corresponde à capacidade interpretativa das mensagens transmitidas pelo bebé. Este cenário permitirá a elaboração dum ego-pele capaz de assegurar uma função de recarga libidinal em relação ao funcionamento psíquico, contribuindo para a manutenção e distribuição da tensão energética entre os seus subsistemas.

O fracasso da função materna traduz-se, neste contexto, na colagem do envelope exterior (correspondente ao envolvimento materno) à pele do bebé, cujas consequências o impedem de se desenvolver livremente. Ocorre um sufocamento do Ego, originado pelo contacto materno invasivo, que poderá conduzir o bebé à loucura. Uma vez que o invólucro materno se destina, na sua qualidade de envelope exterior, à protecção contra estímulos agressivos, o bebé submerge no paradoxo funcional desencadeado pela falência da função materna.

A propósito da explicitação desta perturbação, fica subentendida uma função – originalmente proposta por Freud (1895, ref. por Cabral 1998) – também comprometida no processo, que atribui à mãe a capacidade de *pára-excitação* à imaturidade e desamparo do seu bebé.

Na senda da interacção paradoxal que se pode impor entre a díade, Anzieu (1985) reconhece na estimulação excessiva de carácter libidinal, um efeito incongruente da função de pára-excitação, que coloca em risco o desenvolvimento do ego-pele. Numa situação extrema, poderá conduzir à base do funcionamento masoquista, caracterizado pela sensação simultânea de excitação e sofrimento, por parte do bebé.

De facto, a carga libidinal inerente ao toque materno estabelece as condições necessárias, através da pele, para o auto-erotismo e posteriormente para a vida sexual madura.

Depreende-se assim, a importância da formação dum envelope narcísico estável e consistente, pois estabelece os limites cuja expressão virá a consubstanciar-se nos mecanismos de defesa e constitui o filtro que modula as trocas com o exterior. Será esta estrutura que assegurará a independência psíquica da função contentora materna, logo a afirmação do bebé enquanto entidade individual dum corpo que antes era “seu”.

2.3. W. Bion – A incessante procura entre continente e conteúdo (♀ ♂)

Wilfred Bion assina o modelo aqui enunciado, através do qual dá voz às suas concepções sobre o crescimento mental do indivíduo, um processo que na sua perspectiva tem origem na primeira relação do bebé com a figura materna.

O corpo teórico deste modelo denuncia influências de outras ciências, pois o seu autor superou a clivagem entre paradigmas diferentes, adoptando conceitos que, pela sua mão, alcançaram uma nova dimensão.

A universalidade do modelo deve-se à articulação concebida entre o indivíduo e o seu meio social, todavia, é o facto desta articulação ter sido considerada no interior do funcionamento psíquico individual, que o distingue.

De entre os vários factores que contribuem para a singularidade deste modelo, Zimerman (1995) salienta a sua multidimensionalidade. A relação continente-conteúdo é aplicável a diferentes contextos, como a interacção basilar do par analítico, ou a evolução do pensamento; mas foi na relação mãe-bebé que Bion viu a sua primeira expressão.

Este autor concebe o espaço psíquico como um universo incognoscível, como uma realidade pura impossível de ser apreendida pelos órgãos dos sentidos – uma *coisa em si* – que se constitui a partir da inter-relação dos elementos duais *continente* e *conteúdo*. Estas entidades hipotéticas apenas se tornam representáveis e permissíveis ao conhecimento no contexto relacional mãe-bebé, ou no seu homólogo espaço analítico (Symington & Symington, 1997/1999).

Numa tentativa de afastar suposições precipitadas, que normalmente se agregam às palavras e lhes toldam o significado, Bion decidiu substituir continente/conteúdo nos seus textos, pelos símbolos ♀ ♂, cujo arquétipo é seio materno/bebé. Segundo o mesmo, a complexificação do pensamento decorre do encontro de uma *pré-concepção* (expectativa inata do seio) com uma *realização* (experiência real com o seio), de onde nasce uma *concepção*. É nesta conceptualização, que se encontra a pertinência da escolha dos símbolos sexuais, representativos deste modelo – da união ♀ ♂ emerge uma concepção (Symington & Symington, 1997/1999).

Para Bion, a dualidade ♀ ♂ é determinante para o crescimento mental, não num contexto estático ou unidireccional em que o bebé é passivamente suportado, mas sim em que é um agente activo neste processo. Nesta conceptualização “há um ♂ em busca de um ♀, e há uma inter-relação entre os dois” (Symington & Symington, 1997/1999, p.73), criando um contexto dinâmico ao processo de desenvolvimento.

É neste movimento de procura, que reside o processo impulsionador da formação do aparelho mental, como Bion o concebeu.

Bion foi mais longe que muitos autores da sua época, ao admitir a existência de um rudimentar *psiquismo fetal* constituído através da interacção do feto com os estímulos e respostas fisiológicas oriundas da mãe gestante (Zimerman, 1999).

Estas sensações primitivas ficariam inscritas num inato esboço do ego (Bion discordava de Freud, na afirmação de que o ego emergia do *id*), contribuindo num estado precoce, para o que o autor denominou *sistema protomental*.

Este sistema, para o qual a mente e o corpo ainda são indistintos, contém elementos arcaicos em bruto – os *elementos beta* (β). Estes elementos não podem ser acolhidos na mente, porque são impressões sensoriais (oriundas do mundo interno do bebé e do seu mundo externo) desprovidas de sentido e como tal, causadoras de frustração e angústia (Symington & Symington, 1997/1999). Neste sentido, e aludindo ao princípio do prazer, tudo o que provoca desconforto é expelido, através do movimento preferencial do bebé – a identificação projectiva (mecanismo que encontra a sua expressão no conceito ♀ ♂).

A identificação projectiva foi um dos conceitos que Bion adoptou da terminologia kleiniana, atribuindo-lhe porém uma tonalidade diferente. Ao contrário de Klein, Bion não reconhece a identificação projectiva actuante como um processo defensivo, mas sim como um *método primitivo de comunicação* que se caracteriza pela intuição do outro (Meltzer, 1980). É do seio desta comunicação primitiva que emerge a capacidade do pensar.

Segundo Bion, o bebé é “bombardeado” por estímulos sensoriais que lhe são desconhecidos e intrusivos, tornando as suas experiências numa vivência confusa, ao que, Meltzer (1980) chamou “uma nuvem de incerteza”. Como o bebé não detém um aparelho mental, capaz de descodificar a experiência emocional provocada por essa estimulação sensorial, é forçado a evacuá-la num objecto “supostamente” adequado – a mãe. No fundo, “o bebé é desprovido dum aparelho capaz de o alimentar com a verdade e depara-se com a necessidade de ser “alimentado” através da via psíquica da mãe” (Meltzer, 1980, p.357)¹.

Segundo o modelo aqui focado, é possível compreender a experiência emocional, quando os elementos β são transformados em *elementos alfa* (α), através do processo transformatório, designado por *função α* .

Os elementos α são determinantes para a função simbólica e utilizáveis no acto de pensar e sonhar, permitindo uma ligação criativa entre as formas do mundo externo e o seu significado no mundo emocional interno (Meltzer, 1980).

A citação que se segue, ilustra de um modo tão objectivo quanto pleno, a essência do processo que define o acto de pensar:

¹ Tradução livre do original «...le bébé est dépourvu d'un appareil pouvant se nourrir de vérité, et se trouve dans la nécessité d'être nourri par la vie psychique de la mère...»

A função α é aquela acção na parte não-psicótica da personalidade que de alguma forma, permite a extracção do aspecto essencial da experiência emocional que é necessário ao desenvolvimento emocional.

(Symington & Symington, 1997/1999, p.109)

Numa fase primária da vida, como já foi referido anteriormente, o bebé procura um continente para os seus elementos β (conteúdo), projectando-os na mãe.

Metaforicamente, pode dizer-se que a mãe “empresta” a sua função α ao bebé, no sentido de proceder a uma *alfabetização emocional*, como sugeriu Zimerman (1999). Este processo transformatório encontra a sua expressão na função materna, sob a forma de *rêverie*. Esta última define a capacidade de reter na mente a experiência emocional angustiante do bebé, tolerá-la, transformá-la, desintoxicá-la e devolvê-la. Através da reintrojecção dos elementos processados pela *rêverie* materna, o bebé vai progredindo no desenvolvimento mental pela instituição da sua própria função α .

A passagem dos elementos β para a apropriação da função α implica a transição da desintegração para a integração. Este movimento corresponde, em certa medida, à passagem da *posição esquizo-paranóide* para a *posição depressiva*, definida por Klein.

Bion reconhecendo a relevância deste processo, reformulou os seus pressupostos, adequando-o ao seu modelo do pensar. Conceptualizou este movimento, como uma permanente oscilação entre um *estado informe* (*Ps*) – povoado por imagens dispersas e desorganizadas – e um *estado coerente* (*D*) – onde uma nova compreensão é alcançada (Symington & Symington, 1997/1999). Este movimento oscilatório parte duma situação de caos e angústia, que evolui para um nível superior de abstracção do pensamento.

Perante o inquestionável e insubstituível papel que a mãe desempenha na construção do psiquismo do seu bebé, Guignard (1995) assinala o quanto é importante a qualidade da vida psíquica materna. Refere que o facto da identificação projectiva constituir o meio de comunicação preferencial desta díade, sujeita a mãe a um nível mais arcaico de funcionamento que, por sua vez, incita a reactivação dos seus próprios fantasmas originários. Por outro lado, ainda que em simultâneo, a capacidade de *rêverie* também reflecte a evolução do espaço psíquico da mãe, pois resulta do percurso do seu desenvolvimento mental, influenciado pelas identificações maternas e paternas, pela organização edipiana e pelo amor ao companheiro.

O crescimento da personalidade e a evolução do pensamento sucedem assim, duma relação constante entre seres humanos, um contacto activo que pode assumir diversos contornos. Mas este contacto só é promotor do desenvolvimento se implicar um envolvimento mútuo, apenas possível quando se estabelece aquilo que distingue as ligações humanas – os laços emocionais.

A emoção é uma actividade constante que suporta o que Bion definiu como *vínculos*, isto é, os elos de ligação entre duas ou mais pessoas, ou também, entre as partes de uma mesma pessoa. Deste modo, o indivíduo vai-se construindo a si mesmo no seio de uma matriz relacional modulada pelas experiências emocionais influenciadas pela natureza dos vínculos subjacentes.

Segundo o referido autor, os vínculos estão sempre presentes e a sua natureza exprime-se através de três emoções básicas: Amor (L - *Love*), Ódio (H - *Hate*), Conhecimento (K - *Knowledge*). Porém, estas emoções podem também assumir qualidades negativas (-L, -H, -K), constituindo forças que contrariam a compreensão da experiência emocional. Quando um tipo negativo de vínculo impera, esse processo de compreensão pode paralisar, os pensamentos podem ser dispersos por uma acção negativa que reduz a organização mental ao caos.

Guignard (1994) refere-se a esta formulação, como o “tripé pulsional bioniano”, enaltecendo a introdução duma terceira dimensão que permitiu finalmente destituir um sistema pulsional binário que reduzia os elos relacionais a duas alternativas, o que implicava uma reflexão baseada na exclusão.

Como a autora defende, assiste-se ao redireccionar das moções pulsionais da criança, que passam também a ser investidas no estabelecimento de vínculos cognitivos com a mãe. O *conflito pulsional primordial*, que se gera a partir da tensão entre o interno e o externo, mais precisamente, do contacto entre as pulsões do bebé e a capacidade de rêverie da mãe, contribui para a definição das identificações primárias (Guignard, 1995).

A introdução de K veio revolucionar a análise da evolução do pensamento e por conseguinte, do crescimento mental do indivíduo. A essência deste vínculo pode rever-se na essência do pensamento de Martin Heidegger, quando aclamava que “existir é compreender o próprio ser”. Esta compreensão da existência não pode ser encarada como inflação do conhecimento, mas como um processo de realização da existência. “Conhecer a verdade acerca de si mesmo é uma função da personalidade” (Grinberg, 1991, p.101).

K encerra a actividade do “conhecer”, pela qual o indivíduo toma consciência da experiência emocional e dela pode abstrair uma representação relativamente adequada desta experiência; é o vínculo crucial da aprendizagem (Guignard, 1996). Não se trata de um conhecimento intelectualizado, mas sim de um envolvimento emocional, em que o par se dá a conhecer mutuamente sem erguer muralhas defensivas.

A origem deste vínculo remonta ao contexto relacional mãe-bebé (Britton, 1994), onde a comunicação ainda a um nível muito primário, se efectua através de um inter-jogo de projecções e introjecções.

Segundo Bion, a natureza inter-relacional do par ♀♂ pode variar consoante o tipo de vínculo estabelecido. Recorrendo à terminologia do modelo biológico, propôs três

modalidades que sugerem formas distintas de estar na relação. Ou seja, representam o modo como o par interage, tendo sempre presente o contexto e fase em que a relação se encontra, pelo que a natureza interaccional pode converter-se numa modalidade diferente.

Independentemente das mudanças que a relação possa sofrer, existe um factor comum cuja manifestação determina a interacção do par – a capacidade de suportar a *frustração*. Desde o início da vida psíquica, que o indivíduo se depara com a dificuldade da expectativa, “conhecer” (K) implica lançar-se ao desconhecido do Outro.

A superação dessa dificuldade sugere uma interacção ♀♂ capaz de proporcionar um suporte emocional para a dúvida tolerada. É neste contexto que ocorre o crescimento mental, usualmente associado à designada *relação simbiótica*.

Este tipo de relação pode ser formulado como a conjugação de duas ideias, da qual resulta uma terceira, que favorece as três (Grinberg, 1991). Neste contexto subentende-se a presença do vínculo K que, como já foi referido, promove a aquisição do conhecimento.

A possessão do conhecimento, em oposição à sua aquisição, encontra-se ao serviço do vínculo –K, cujo objectivo fulcral é a evitação da experiência dolorosa inerente ao processo activo do conhecer. Neste contexto, a interacção do par ♀♂ é mutuamente despojante e destrutiva, associando-se à designada *relação parasitária*. À semelhança do que fez para a modalidade inter-relacional anterior, Grinberg (1991) formula a modalidade parasitária como um tal envolvimento entre dois objectos, que um depende do outro para produzir um terceiro que é destrutivo para os três. A função discriminativa é afectada, pelo que as fronteiras entre o verdadeiro e falso, a coisa-em-si mesma e a representação, diluem-se.

Contudo, o vínculo simbiótico pode também surgir da transformação da destrutividade típica da relação parasitária, partindo do desenvolvimento da capacidade de expressão, em que ♀ e ♂ são reciprocamente benéficos (Symington & Symington, 1997/1999).

Zimerman (1995) pronuncia-se sobre uma outra modalidade inter-relacional, que na sua perspectiva, condena a relação à esterilidade e ao estaticismo – a *relação comensal*.

Quando o bebé se depara com a ausência do seio materno, ocorre uma *realização negativa*, como o autor a definiu. Esta ausência ou privação do encontro com o seio materno é vivida com grande dor e angústia, a partir da qual constrói uma imagem de um seio frustrante – *não-seio*.

Neste contexto, a capacidade de formar o pensamento dependerá da capacidade que a criança detém para tolerar a *frustração*. Esta última apresenta-se assim, como um vector estruturador da personalidade e do pensamento que, por sua vez, procede das condições constitucionais do bebé e da natureza relacional ♀♂.

É esperado que a mãe consiga responder às necessidades do bebé, transformando o pavor em segurança, para que ele possa identificar-se com um objecto contentor. O encontro da angústia do bebé com o continente materno abre um espaço interno onde a ausência é tolerada, porque a criança conseguiu desenvolver a capacidade criativa que lhe permite evocar um objecto securizador.

O predomínio da intolerância revela uma incapacidade de pensar o ausente, de diferenciar as produções internas do mundo real, que se traduz na construção de um objecto mau que age. Como tal, impõem-se a necessidade de evacuar o sentimento persecutório insuportável, instituindo-se um mecanismo patológico de identificação projectiva, que atingirá o aparelho perceptivo e por conseguinte, o próprio pensamento.

Bion defendeu a existência de um núcleo destrutivo e invejoso do *self*, contaminador da interacção ♀♂ e responsável pela predominância do vínculo – K, que torna o encontro mutuamente destrutivo, culminando num *ataque ao elo de ligação*. Quando este acontece, as ligações são fragmentadas e projectadas para o mundo exterior, ou como Bion ilustrou, o bebé projecta simultaneamente o seu ódio e medo de morte no seio tranquilo. Porém, o retorno dessa projecção intensifica o seu medo, porque é percebido como uma devolução desprovida de sentido, restando um *terror sem nome*.

O esvaziamento de sentido das experiências emocionais, resulta numa reversão do processo de transformação dos elementos α já concebidos, assumindo formas semelhantes a elementos β , dotados de uma personalidade própria. Estes fragmentos projectados para os objectos externos constituem *objectos bizarros*, que enfatizam a angústia persecutória que os levou primeiramente a serem evacuados.

Este processo disruptivo pode manifestar-se através da acção motora, que transporta a carga simbólica do movimento interno, dirigido contra a própria mente (Symington & Symington, 1997/1999).

A acção continuada da função α será também responsável pela produção, do que Bion considerou ser uma estrutura do aparelho mental – a *barreira de contacto*. Esta estrutura que se encontra em contínuo processo de formação, cumpre a função de separar o plano consciente do inconsciente. Contudo, fá-lo de um modo análogo a uma membrana semi-permeável (Grinberg, 1991) que não impõe uma muralha intransponível entre as áreas da mente, mas permite uma troca selectiva de fenómenos mentais conscientes e inconscientes.

O facto de ser constituída por elementos α coadunados entre si, contribui para que seja um instrumento de simbolização, indispensável à abstracção dos elementos conscientes e inconscientes em interacção numa relação ♀♂ , que resulta na compreensão da experiência emocional. Deste modo, viabiliza-se o recalçamento e armazenamento na memória.

A falta de um continente, ou de outro modo, de um espaço interno contendor, promove a formação de uma estrutura antagónica à barreira de contacto – a *tela β* . Esta estrutura corresponde aos estados mentais onde reina a confusão e as realidades interna e externa se interpenetram. Para tal, concorre a predominância de elementos β , incapazes de estabelecer vínculos entre si.

Nos estados mentais onde se verifica a existência desta estrutura, sobressai a tendência para o pensamento concreto e para as actuações (Symington & Symington, 1997/1999), que se deve à simbolização insuficiente e à ausência da delimitação interno/externo.

Olhando para a função materna, através dos olhos de Bion, compreendemos a inigualável contribuição que oferece ao crescimento mental do bebé. É no seio da relação com a sua mãe, que o bebé elabora uma estrutura e desenvolve capacidades que lhe permitem “nascer” mentalmente para um mundo ainda desconhecido para si, que de igual modo o desconhece.

2.4. Pontos de intersecção entre as perspectivas focadas

Ao longo deste capítulo, foi possível olhar a função materna sob a perspectiva dos autores que mais se destacaram neste âmbito.

A curiosidade pelo nascimento psíquico e a urgência de novas abordagens, inerentes à inquietude teórica da época, impulsionaram o trabalho realizado por estes autores, conduzindo-os à primazia do papel materno na construção do mundo interno da criança.

No presente trabalho, a função materna constitui um vector teórico fundamental, enquadrado numa abordagem desenvolvimental, pelo que uma reflexão sobre as convergências e divergências existentes entre as concepções apresentadas se revelou particularmente produtiva. Com base neste exercício reflexivo, foi concebida uma intersecção dos conceitos mais relevantes das perspectivas explicitadas, cuja articulação aqui proposta, serve o actual modelo de investigação.

Ao longo do primeiro ano de vida, o bebé seguirá no sentido da sua própria reinvenção, pois toda a sua condição enquanto ser humano assume uma nova dimensão. O nascimento impõe-se na vida do bebé como um fenómeno ambivalente: por um lado, “expulsa-o” da contenção do meio intra-uterino para um meio desconhecido e intrusivo; por

outro lado, permite-lhe aceder a todo um conjunto de factores que irão impulsionar o seu desenvolvimento.

Deste modo, a capacidade de manter o equilíbrio interno, ou de gerir os estados de tensão, é de extrema importância para o recém-nascido. A regulação deste equilíbrio irá permitir à criança organizar e integrar uma panóplia de estímulos, podendo estes ser conservados sob uma primordial forma de traços mnésicos.

Situando esta actividade psíquica numa fase tão precoce, a referência a um sistema protomental torna-se inevitável, no sentido partilhado por Bion e Winnicott, de reforçar a singularidade dum potencial inato que permite ao bebé lançar-se aos desafios do processo evolutivo.

Nesta fase, a capacidade de auto-regulação do bebé é débil e insuficiente, mas a sua propensão inata para o conhecimento, em particular do Outro (ainda que indistinto), revela-se essencial, dado que o suporte necessário será prestado pela função materna.

Como Bion especificou, o bebé nasce com um pré-pensamento inato sobre o seio da sua mãe, que o fará procurá-lo para a sua sobrevivência.

É neste ponto que emerge a condição determinante para o desenvolvimento, uma condição cuja magnitude é partilhada pelos autores focados e em torno da qual as suas concepções foram delineadas.

O desenvolvimento nas suas várias vertentes, gera-se num contexto interaccional, definido pela natureza do vínculo existente entre mãe e filho, que promove um contacto dinâmico, a partir do qual, o bebé se vai construindo enquanto entidade singular.

Perceba-se que a evolução deste processo não depende das interacções que vão tendo lugar na relação mãe-bebé, mas da integração das experiências emocionais subjacentes. Winnicott nega o absolutismo do crescimento emocional na progressão do desenvolvimento; porém, Bion concretiza a importância das trocas emocionais, através da conceptualização do vínculo K. De facto, numa fase tão precoce, onde o pensar é ainda uma capacidade em construção e a realidade não pode ser representada, chegar ao Outro, conhecê-lo, apenas pode ocorrer num sentido emocional. Isto é, impera a linguagem das sensações e das emoções, pelo que o entendimento advém duma entrega mútua à relação.

Imerso numa vivência difusa das suas experiências, invadido por estímulos constantes que lhe são desconhecidos e intrusivos, o bebé desencadeia o movimento de procura de um objecto seguro, que lhe restitua o tão desejado equilíbrio interno. Segundo Bion, este movimento constitui o processo impulsionador da estruturação psíquica da criança, conceptualizado na busca de um continente por um conteúdo (♀♂).

O estado psicológico inicial a que o bebé sucumbe, reconhecido pelos autores focados como desintegração, - ou estado de não-integração, como Winnicott preferiu designar - reforça a necessidade duma relação mãe-bebé elevada ao estatuto de unidade,

que surge simultaneamente dum incapacidade em pensar o Outro. Esta indiferenciação entre os elementos da díade corresponde a um funcionamento ao nível da identificação primária com a mãe.

Deste modo, no período inicial da vida do bebé, a transformação das impressões sensoriais/emocionais em conteúdos pensáveis realiza-se por intermédio da rêverie materna que nomeia, dá forma, contém e organiza as vivências do filho. A reintrojecção dos elementos processados pela função α materna, permite ao bebé constituir a sua própria função α , e assim esboçar os primeiros contornos dum aparelho mental.

A dinâmica intersíquica, subjacente à relação mãe-bebé, será precursora do tipo de funcionamento intrapsíquico da criança que, de um modo global, implica a transformação do caos em harmonia, ou de outra forma, a transição da desintegração para a integração.

A formulação bioniana relativa à oscilação entre estado informe (Ps) e estado coerente (D), abstrai a essência deste processo, propondo simultaneamente um modelo de construção do pensamento, assente na permanência deste movimento de oscilação.

A rêverie materna, como Bion a descreveu, guarda semelhanças com a formulação de Winnicott, sobre o holding e o estado de preocupação materna primária. No conjunto, estes conceitos reportam à expressão da função materna, porém, é a incidência em dimensões diferentes da realidade, que os distingue.

O modelo proposto por Bion estabeleceu novos horizontes, no que respeita à compreensão da emergência da vida psíquica, operando a um nível mais abstracto, que pensa a natureza das ligações entre continente e conteúdo e figura a função materna na partilha da estrutura psíquica da mãe com o seu filho. Deste modo, a capacidade de rêverie reporta para uma mãe simbólica, não enfatizando a dimensão mais concreta da figura materna, distinguida por Winnicott através do conceito de mãe real.

No entanto, os referidos conteúdos angustiantes (elementos β) são de natureza sensorial, pelo que não pode ser ignorada a participação da dimensão física no processo de desenvolvimento. Neste sentido, a preponderância do toque, abstraída não só da concepção de holding (Winnicott), como do contacto pele-a-pele (Bick), revela-se notoriamente complementar à função bioniana de rêverie, aqui tomada como central.

O encontro do corpo da mãe com o do bebé constitui um espaço propício à partilha de experiências emocionais, pelo que permite à mãe identificar sinais de desconforto do filho e antecipar as suas necessidades, assim como ao bebé associar estímulos mais primitivos.

Como tal, a forma da mãe segurar (*handling*) e manusear o filho, contribui para a integração das diversas funções do corpo do bebé, no sentido dum continuidade psicocorporal. A importância do contacto ocular no desempenho da função especular, defendida por Winnicott, vem reforçar o pressuposto aqui subjacente, o de devolver ao bebé uma imagem do próprio corpo.

Como refere Coimbra de Matos (2002), a própria amamentação excede a satisfação duma necessidade biológica, pois a natureza do contacto corpo-a-corpo que proporciona, permite-lhe desempenhar um papel fundamental na construção da complexa ligação mãe-bebé.

O funcionamento harmónico da díade confere à criança a sensação de ser compreendida e amada, o que lhe permite aprender a gostar de si e a reconhecer-se, prosseguindo no sentido duma independência da mãe, não só física como psíquica. A este enquadramento subjaz a concretização do processo de identificação à função continente materna, central para Bion e Anzieu.

Reúnem-se assim, as condições essenciais a uma das aquisições mais importantes da emergência psicológica da criança – o reconhecimento de si próprio e do Outro – a partir da qual, se fundam os pilares da Identidade.

No entanto, existem mães que não conseguem estar em sintonia na díade, não conseguem proporcionar um suporte afectivo adequado e como tal, não constituem um objecto seguro e contentor.

O bebé perde assim, a continuidade da experiência, não consegue abstrair o seu significado e não aprende a antecipar ou a reconhecer os próprios estados. Este desencontro relacional entre mãe e bebé, que se traduz numa dinâmica perturbada do mecanismo de identificação projectiva, irá corromper o fundamento primordial da função materna.

Bion atesta que o acto do pensar se inaugura, quando o bebé consegue tolerar a frustração de não encontrar o seio desejado, mas sim o seio real; pois a distinção entre estes dois objectos funda o pensamento simbólico.

Porém, se o bebé é impedido de construir um espaço interno contentor, submerge a uma estado confusional permanente, onde o real e a fantasia se interpenetram, figurado num objecto perseguidor e causador de angústias massivas.

Neste seguimento, é implícita a referência à concepção bioniana de barreira de contacto, cuja formação certamente ficará comprometida. As características desta estrutura surtem a sensação tranquilizante dum limite que previne a intrusividade que a relação continente-conteúdo pode infligir.

Este enquadramento sugere uma analogia entre a barreira de contacto e a formulação de Anzieu, sobre a constituição dum envelope narcísico, no sentido em que esta estrutura poderia inaugurar uma organização interna precoce do conceito bioniano focado.

Um contacto materno invasivo poderá invalidar a construção do envelope narcísico e por conseguinte, a autonomia relativamente à função continente materna, promovendo, por sua vez, um quadro de funcionamento interno impulsionado pela ilusão duma pseudo-independência, recorrendo à terminologia de Anzieu.

Independentemente, do nível de perturbação da função materna, é certo que ao longo do percurso do desenvolvimento da criança, se testemunhará o respectivo prejuízo.

Contudo, é possível antecipar as áreas que poderão reflectir essa desarmonia relacional precoce, dado que a construção de determinadas estruturas serão afectadas, tal como já foi mencionado.

Reunindo um consenso entre os autores, prevê-se uma fragilidade nos processos de integração e organização, com afectação directa sobre a capacidade de simbolização, que se traduz numa tendência para o pensamento concreto. Do mesmo modo, espera-se uma perturbação dos limites, onde a debilidade dos mecanismos de contenção promovem a passagem ao acto, ou como especifica Anzieu, a propensão para uma desintegração corporal, com incidência na expressão motora.

3. Objectivos do Estudo

À luz do referencial teórico psicanalítico, foram abordadas concepções fundamentais, que permitem sustentar a relação, aqui proposta, entre a psicogénese da irrequietude motora e o papel estruturador da função materna.

Como já referido, existe um corpo teórico, partilhado por autores de referência, que situa os mecanismos subjacentes à irrequietude numa fase precoce do desenvolvimento da criança, associando-os a um desacordo relacional entre mãe e bebé, isto é, às perturbações na relação com o objecto primário. O mesmo corpo teórico é unânime ao considerar, que este desajuste relacional promove a falência do processo de interiorização de um objecto securizante, que se irá reflectir, com prejuízo para a afirmação da individualidade psíquica, na afecção da capacidade simbólica e da contenção interna. A precariedade de um suporte interno é associada, directamente, à emergência de angústias massivas, que podem ser transportadas para o corpo, sob a forma de agitação motora.

Sedimenta-se assim, a possibilidade do movimento corporal infantil poder constituir a expressão dum processo de desenvolvimento comprometido.

Neste seguimento, emerge a necessidade de introduzir a dinâmica ♀♂ , preconizada no modelo bioniano, que detém um papel de destaque no enquadramento deste estudo. De facto, a primeira expressão deste modelo, assumida na relação dialéctica entre continente (mãe) e conteúdo (bebé), revela-se pertinente para a compreensão das ansiedades precoces associadas à irrequietude infantil.

Ainda que não incidindo sobre esta problemática, Bion (ref. por Franch, 1997) pronuncia-se relativamente ao agir. Na perspectiva do autor, quando o sujeito não detém a capacidade de conter e metabolizar as suas experiências emocionais, impõe-se a necessidade de evacuar os elementos β que asfixiam a mente. Para tal, o sujeito recorre a mecanismos alternativos, tais como alucinações, perturbações psicossomáticas, ou *actings*.

Golse (ref. por Claudon, 2001) subscreve esta lógica, aproximando-a da vivência do bebé que, vulnerável às angústias arcaicas, encontra na agitação motora um mecanismo de evacuação dum experiência emocional dolorosa, o que lhe concede um sensação alusiva à continência.

Abraçando a proposta de Berger (2001), a irrequietude reenvia assim, para uma incapacidade em representar os afectos. Esta concepção remete para um funcionamento perturbado da díade, que acusa a acção negativa do vínculo K, isto é, que impede um

contacto promotor da integração das experiências emocionais, confinando a criança à subversão do movimento Ps-D, segundo uma lógica bioniana.

O corpo teórico acima mencionado, alternando entre diferentes tonalidades do quadro teórico subjacente, pronunciou-se sobre o significado que a expressão corporal pode assumir no funcionamento psíquico da criança, porém, na continuidade da lógica mencionada, o agir pode assumir o valor duma procura incessante de um continente, onde possam ser lançados os conteúdos insuportáveis. Esta dinâmica intrapsíquica denuncia que a criança não se concebe como um continente, ou seja, não detém um espaço interno bem definido, onde os conteúdos arcaicos possam ser alfabetizados.

Neste seguimento, Golse (ref. por Claudon, 2001) sublinha o prejuízo infligido na identificação à função continente materna, apontando a sua influência na constituição dos primeiros envelopes psíquicos. Numa associação com a consideração partilhada por Bergès (1995) e Berger (2001), de que a criança irrequieta sucumbe à intolerável vivência interna do encontro com o Outro, emergem as questões relacionadas com a integridade dos limites, com a indiferenciação Eu-Outro, que remetem para um funcionamento ao nível da identificação primária com a mãe. Anzieu (1985) já se tinha pronunciado a propósito da debilidade da capacidade de contenção, que segundo defende, tem a sua origem na impossibilidade de formar um envelope narcísico estável, associando-a à perseveração de uma descontinuidade entre corpo e mente, expressa através do agir.

Este estudo não se detém na procura das vicissitudes infligidas pela falência da função materna, num quadro de funcionamento inerente à irrequietude motora. Pretende acima de tudo, aceder à lógica individual da criança, através da qual se poderá abstrair o significado da irrequietude no seu percurso do desenvolvimento, enfatizando a preponderância da função materna nesse processo. Designadamente, compreender o sentido dos mecanismos intrapsíquicos instituídos, ou seja, perceber se podem assumir um valor adaptativo, ou se simplesmente traduzem os prejuízos de um desenvolvimento comprometido.

De modo ainda mais específico, pretende-se aceder ao espaço psíquico da criança e identificar as suas características, enquanto espaço contendor; pelo que implicitamente se prevê que desvende a articulação ♀♂, da qual é palco. Pretende-se também, reflectir sobre o carácter das representações dos conteúdos, que possam surgir num contexto intersubjectivo, na expectativa que devolvam a influência das imagens parentais subjacentes. Mas, pretende-se ainda, estabelecer uma ligação entre o padrão relacional da criança e a sua qualidade de transformação simbólica.

4. Modelo de Investigação

Actualmente pode afirmar-se que a Psicologia é uma ciência independente, não centrada em si mesma, que partilha saberes com outras formas de conhecimento, o que permitiu ao longo da sua própria história evolutiva, a definição de diferentes rotas para um destino comum – o indivíduo. Um polémico caminho foi percorrido até ao actual estatuto da Psicologia, que se deve essencialmente a um ajuste entre a dicotomia objectividade-subjectividade.

Foi neste contexto que a Psicologia Clínica – enquanto ciência do individual – definiu a sua especificidade, o seu campo de acção; inicialmente limitada à medição de funções e aptidões, perspectivando a categorização dos sujeitos, através da aplicação de testes validados que possibilitavam uma posterior comparação estatística.

A evolução da Psicologia tem vindo a apoiar-se em dois modelos de natureza oposta: o experimental, cujo alicerce conceptual é a objectividade; e o psicanalítico, que irrompeu dum redireccionamento para a subjectividade.

A emergência do paradigma qualitativo pretende propor uma alternativa de pesquisa, mediante uma representação própria do objecto e as consequências metodológicas que dela advêm. Nomeadamente, seria contraproducente querer substituir o paradigma quantitativo, forçando um “encaixe” entre os pressupostos metodológicos da epistemologia positivista e qualquer outro paradigma que fosse. A padronização de procedimentos não deriva duma metodologia abstracta, mas sim da lógica epistemológica que lhe está subjacente e para a qual deve ser definido um referencial metodológico (Yin, 1994/2003).

A abordagem qualitativa impele à apreensão da situação ou do fenómeno em toda a sua extensão. Em busca da subjectividade implícita no fenómeno humano, o método qualitativo utiliza técnicas que pretendem captar as manifestações observáveis nos fenómenos estudados, e permitem também, alcançar uma dimensão mais profunda, desvendando seus sentidos latentes. A produção do conhecimento, segundo esta abordagem, exclui o imediatismo das conclusões empíricas, implica um trabalho reflexivo mais profundo (Yin, 1994/2003).

Mas a adopção deste paradigma não prevê apenas implicações metodológicas e conceptuais; o papel dos seus intervenientes é também redimensionado. Reconhece-se uma tonalidade mais activa inerente ao estatuto do sujeito, ou seja, a concepção de objecto de estudo é abandonada, no sentido em que o sujeito é um mero alvo da investigação. Neste contexto existe um sujeito activo e interactivo, numa relação intersubjectiva que é a matriz do processo de conhecimento.

A realização deste trabalho exigiu um movimento de aproximação à lógica da subjectividade, uma vez que se pretende compreender o sujeito psicológico, a partir da sua singularidade. Deste modo, a abordagem qualitativa revela-se a mais indicada, dado que não só o estudo reenvia para uma temática pouco desenvolvida sob a perspectiva vigente, como busca um entendimento do fenómeno enquanto um todo na sua complexidade.

É inquestionável, o actual reconhecimento da importância do estudo de caso único, na evolução de uma base de conhecimento teórico na Psicologia, com particular ênfase na área clínica. Facto este, que em muito se deve ao paralelo avanço metodológico e conceptual, subjacente a esta estratégia de investigação.

O estudo de caso tem sido alvo de várias críticas, algumas assentes em preconceitos injustificados, outras relacionadas com a singularidade dos seus pressupostos.

Uma das mais acérrimas críticas incide na incoerência de lhe reconhecer potencial para a generalização de resultados. Contudo, este critério não pode ser interpretado no seu sentido genérico, pois aqui o modelo tradicional é invertido.

Mas o critério de generalização assume particular dimensão e especificidade, quando questionado o potencial de extrapolação dum estudo, baseado num só caso, como o aqui visado. A ironia da questão reside no facto deste critério não assumir considerável relevância para um estudo que, à partida, está justificado pela sua unicidade, pelo facto de ser irrepetível.

O estudo de caso único oferece uma importante contribuição à investigação em Psicologia, pelo que assume diferentes delineamentos, consoante o propósito que serve.

Nomeadamente, pode ser aplicado em investigações, cujo teor não é terapêutico, contribuindo para a definição de estratégias de avaliação; ou por outro lado, pode constituir um recurso essencial, nas áreas clínicas e aplicadas da Psicologia, como método de avaliação de programas terapêuticos.

Incidindo no âmbito da investigação em Psicologia Clínica, o estudo de caso único oferece uma contribuição ímpar, uma vez, que apenas através desta estratégia se pode abstrair informação essencial a um processo de tratamento. Contrariamente, à crença de que as metodologias de caso único se cingem a um indivíduo, verdadeiramente encontram-se adaptadas à avaliação e tratamento individual (Kratochwill, Mott e Dodson, 1989).

Ainda no contexto do acompanhamento individual, constata-se que o caso único permite uma análise da variabilidade do mesmo, uma vez que permite corrigir ou modificar aspectos do acompanhamento que não obtenham resultados satisfatórios para o sujeito (op.cit, 1989).

Posto isto, pode definir-se esta estratégia como um plano de investigação que envolve o estudo intensivo e detalhado de uma entidade bem definida - o caso (Rey, 2000/2002) – que, ao serviço do paradigma qualitativo, delineia a sua aplicação segundo

uma perspectiva holística, sistémica, integrativa, ou seja, pretende preservar e compreender o caso na sua totalidade e unicidade (Stake, 1994).

O referido pressuposto é a razão pela qual vários autores preferem classificar o estudo de caso como uma estratégia, uma vez que não representa uma metodologia específica, mas uma forma de organizar dados, respeitando o carácter único do objecto em estudo (Yin, 1994/2003).

A concretização de um estudo requer a escolha de uma metodologia adequada à especificidade do seu referencial teórico, assim como aos objectivos estabelecidos. Neste enquadramento, essa escolha recai sobre a metodologia projectiva, que será conceptualizada à luz do modelo bioniano continente-conteúdo.

No entanto, o acesso ao sujeito será mediado através do Rorschach, aqui constituído método de investigação, pela inscrição num modelo teórico que permite ser operacionalizado, segundo procedimentos que expressam uma dimensão conceptual potencializadora do seu alcance, enquanto ferramenta de construção do conhecimento.

O Rorschach é ainda abordado como um valioso instrumento de observação, pois como Marques (2001) esclarece, permite evidenciar elementos, aos quais não seria possível aceder, num tempo de observação restrito. Potencialidade esta, que sublinha a importância do Rorschach no delineamento deste estudo, uma vez que a observação do encontro do clínico com a criança assume particular relevância, perante os objectivos propostos.

Ciccione (2000) pronuncia-se relativamente à importância da observação em Psicologia Clínica, pelo que coloca a observação ao serviço da procura do sentido. Para este autor, a observação clínica permite desdobrar o sentido potencial do sintoma, que torna possível um trabalho de pensamento sobre a sua emergência.

A introdução desta dimensão observacional meticulosa permitirá aceder aos vários registos da criança (verbais, comportamentais, relacionais) e assim, contextualizar e clarificar os movimentos psíquicos que povoam o seu universo. No fundo, permitirá uma aproximação mais fiel à realidade da criança, que por vezes se torna tão distante do seu meio envolvente.

5. O Rorschach

5.1. De Instrumento a Método de Investigação em Psicologia Clínica

“O *que é que isto poderia ser?...*” – esta expressão encerra uma instrução que determina o início de todo o processo Rorschach, pois prefigura no sujeito a solicitação duma viagem ao seu mundo interno.

Em tom metafórico, o Rorschach poderia ser visualizado como um mineral facetado, cujas faces representariam o resultado de um longo e exigente percurso de adaptações teóricas.

Como refere Chabert (1997/1998), a dificuldade de estabelecer uma descrição pura do Rorschach, começa pela natureza do material manifesto, cujas características são muito singulares.

O instrumento é constituído por um total de dez pranchas, contendo cada uma delas uma mancha de tinta, que se organiza de forma simétrica em torno de um eixo vertical central. As características destas manchas são dadas por elementos perceptivos concretos, como forma, cor e esbatimento.

No entanto, ainda que dotado de qualidades perceptivas, o material é ambíguo e destituído de significado preciso. Porém, verifica-se que a apresentação das pranchas e as suas características mais proeminentes, permitem organizá-las consoante a temática a que apelam; algumas reenviam para a problemática da identidade e da diferenciação sexual, outras para a fantasmática associada à imago parental.

A conjugação da instrução e do estímulo Rorschach incita a emergência da palavra, que expressa um processo interno desencadeado no sujeito, movimentando-o da percepção para a projecção. Os cartões enquanto realidade material solicitam, num primeiro plano, o recurso à percepção, que revela a inscrição no meio, através do apego ao real. Contudo, o objecto potencial imaginado promove uma elaboração da percepção, sob a influência das preocupações fundamentais do sujeito, da dinâmica relacional que estabelece com os objectos e dos afectos e fantasmas presentes nas palavras-imagens (Chabert, 1997/1998).

Traubenberg (ref. por Marques, 2001) concebe o Rorschach como um espaço interaccional, onde todos os elementos constituintes da situação apresentada ao sujeito, (características do estímulo, valor simbólico da mancha, solicitação, mecanismos inerentes ao processo-resposta e componentes da mesma), promovem uma articulação entre a actividade perceptiva e a actividade fantasmática, isto é, movem o sujeito da realidade para

a vivência subjectiva. O reconhecimento deste movimento no indivíduo, permite aceder à relação que estabelece entre o mundo externo e o mundo interno.

Esta relação pode ser abstraída, através de uma análise estruturada em dois eixos que aludem à representação de si e à representação do Outro, tal como proposto por Chabert (1997/1998). Incidindo na representação do Outro, torna-se visível o registo conflitual e o nível de desenvolvimento libidinal, inerente ao tipo de relação que é estabelecida; mas também, a economia pulsional que é mobilizada pelo arranjo do cartão e pelo impacto que a prancha inflige no sujeito.

Mencionadas as qualidades do instrumento, que potenciam o acesso a um nível mais profundo do funcionamento mental do sujeito, não pode ser descurada a sua dimensão interaccional activa, que lhe confere um estatuto singular na metodologia projectiva.

A organização das manchas pode provocar um impacto no sujeito, do qual resultem emoções que necessitem ser expressas num movimento transferencial, ou seja, dirigidas ao clínico. Por outro lado, como receptora da transferência, encontra-se a estrutura mental do clínico que devolve o movimento, através da modulação de expectativas e da orientação da prova, valorizando aspectos pertinentes ao contexto – emerge a contra-transferência Chabert (1997/1998).

A introdução do referencial psicodinâmico na leitura do Rorschach tem permitido orientar a sua aplicação para uma dimensão mais compreensiva, assim como amplificar a sua concepção clássica de teste a uma nova vertente que o projecta ao estatuto de método (Lerner, 1991).

Assumindo um enquadramento psicanalítico e toda a articulação entre resposta e situação projectiva inerente a essa opção teórica, Marques (2001) concebe o Rorschach como um agente mobilizador de movimentos conscientes, pré-conscientes e inconscientes. Esta mobilização promove o trabalho criativo, a partir do qual se acede à natureza do sujeito, das representações de si e do Outro, que revelam a dinâmica pulsão-defesas-adaptação, logo o balanceamento entre processo primário e secundário. Sucintamente, o Rorschach é definido como um mobilizador de representações e afectos.

O aspecto relacional impera na globalidade do método, aliás, segundo a perspectiva focada, assume-se como a matriz que serve de palco a todos os processos e interacções. Do mesmo modo que as respostas constituem objectos resultantes da construção intersubjectiva, invertendo o prisma de análise, constata-se que a relação se reflecte na criação da resposta. A elaboração de novos significados ocorre, através e com base na intersubjectividade, bem como em novas relações continente-conteúdo, avançando aqui uma analogia com a lógica bioniana.

A análise do processo-resposta, condicionado pelas noções de relação-ligação-transformação, denuncia um suporte teórico psicanalítico, que privilegia o conhecimento do

sujeito a um nível mais profundo. Deste modo, o processo-resposta reenvia para a actividade de pensar, que é abstraída através da simbolização.

Ainda que de forma não tão explícita, a questão relacional reenvia para a revisão do estatuto dos intervenientes, anteriormente assinalada no contexto do paradigma qualitativo, assumindo aqui contornos mais definidos por associação concreta a este método. Segundo Marques, o “universo” Rorschach pode ser definido como uma experiência emocional, na qual “o psicólogo não é o intérprete do que lá está, o psicólogo é o que pensa com e sobre o outro, o que sonha com e sobre o outro” (Marques, 2001, p.203).

Neste enquadramento, o saber em Psicologia Clínica prima pela atribuição de sentido isento de qualquer julgamento, pela identificação do comum e do particular; no fundo “é o expressar do que de mais íntimo rege a lógica de cada ser” (Marques e Aleixo, 1994, p.461).

O objectivo primordial é rumar no sentido da individualidade, é procurar o valor adaptativo dos seus mecanismos, para aceder ao sentido que assumem no seu funcionamento. No fundo, é perceber quem é aquele sujeito particular; aceder ao que partilha com o Outro e ao que o torna único, num determinado contexto e momento do seu percurso.

5.2. Expressão Infantil no Rorschach

A aplicação do Rorschach em crianças prefigura mais uma das inúmeras polémicas que caracterizam o percurso deste instrumento na Metodologia Projectiva.

As opiniões dividem-se e questionam-se parâmetros relativos à técnica, à interpretação e à associação entre o desempenho na prova e as etapas de desenvolvimento, o que inevitavelmente suscita dúvidas quanto à adequabilidade do uso deste instrumento em crianças pequenas ou com perturbações psíquicas graves.

Leichtman (1988) assinala a inflexibilidade dos clínicos, que pela desadequada utilização dos referenciais de análise dos adultos em crianças, reclamam a insuficiência do Rorschach neste contexto. Segundo o autor, esse desajuste apenas confirma a existência de estádios de desenvolvimento, que se reflectem através de diferentes protocolos, dinâmicas relacionais, reacções e desempenhos.

Este autor vai mais longe, ao considerar a divergência de desempenhos no Rorschach infantil, uma das suas mais-valias, enquanto instrumento de investigação clínica. Esta divergência permite estudar o processo de desenvolvimento e a emergência da personalidade, sob uma abordagem que desafia os pressupostos teóricos tradicionais do Rorschach, especificamente a análise do processo de resposta.

Leichtman (1988) sugere ainda, duas alterações de base imprescindíveis à potencialização do instrumento neste contexto: uma referente às condições de aplicação, considerando a maior relevância que a dinâmica interpessoal, o comportamento e as atitudes assumem na análise desta faixa etária (contextualização da informação); outra referente à necessidade dum quadro interpretativo adequado, sensível à influência do estágio de desenvolvimento no desempenho da criança.

Neste sentido, Traubenberg e Boizou, (1984/1999) também se pronunciam sobre a imperativa necessidade de contextualizar a interpretação, ou seja, de nunca descurar o modo como emerge a informação. É assim fulcral, captar os modos de interacção existentes entre o tipo de apreensões, os modos de expressão e a temática. No fundo, pretendem enfatizar a forma como a pressão fantasmática influencia o aparelho perceptivo, nomeadamente, na sua activação ou paralisação.

Este pressuposto denuncia o conflito interno que emerge na criança, quando exposta ao estímulo Rorschach, pela sobreposição de duas necessidades igualmente fundamentais: a adaptação à realidade objectiva e a expressão afectiva e “fantasmática”.

O mesmo conflito expressa-se em função daquilo a que o cartão apela e do modo defensivo individual, expondo uma série de desníveis que indicam as posições de fragilidade e as vias de recuperação. Mais concretamente, deve dedicar-se particular atenção à amplitude de oscilação entre movimentos regredientes e progredientes.

Contudo, a referida oscilação exige uma ponderação diferente na análise da criança, pois uma degradação pode não assumir o valor patológico comum no adulto, pelo contrário, pode atestar uma defesa eficaz de carácter original, que não compromete o processo de recuperação. Usualmente, a pressão da necessidade de expressão fantasmática prima sobre a realidade objectiva e, por vezes, a sua forte implicação projectiva desencadeia uma mobilização máxima dos recursos, equivalente ao processo criativo.

Numa correspondência com os parâmetros Rorschach, a concretização dos movimentos progredientes pode surgir através de modos de apreensão de nível elevado (duplos D ou G combinados), assentes preferencialmente na dinâmica relacional; por outro lado, os movimentos regredientes podem concretizar-se em modos de apreensão de nível primário, como sobreposições ou contaminações, que revelam uma perturbação do suporte formal das imagens (Traubenberg e Boizou, 1984/1999).

A expressão infantil é essencialmente determinada pelo nível de verbalização, porém, até a mera designação de um objecto está impregnada de projecção fantasmática. Aliás, com maior relevância na criança, a resposta formal surge raramente com conotação a-conflitual. A oscilação entre determinantes, como o recurso às cores e às cinestésias, evidencia um mecanismo de substituição ou compensação, recorrente nos protocolos infantis (Traubenberg e Boizou, 1984/1999).

Os conteúdos analisados por si só, não revelam nada de consistente sobre a vivência da criança e a forma como encara o mundo. Contudo, existe uma categoria que se destaca não só pela sua implicação projectiva, como pelo facto de figurar um eixo de análise de particular relevância no desenvolvimento infantil.

As imagens humanas remetem assim, para a necessidade de construir uma representação de si, mais do que o controlo. Esta representação excede a projecção do esquema corporal, contemplando a relação Eu/Outro, ou seja, a maneira que tem de estar no mundo face ao outro, especificamente, face às imagens parentais. A presença de conteúdos humanos indicia assim, a procura de imagens de identificação fundamentais para o processo de consolidação de uma imagem de si diferenciada (Traubenberg e Boizou, 1984/1999).

O presente trabalho seguirá com a análise dum Rorschach, à luz da linha conceptual evidenciada, pelo que se revela apropriado e produtivo, referir o padrão de desempenho esperado para a idade da criança implicada - oito anos. Esta breve exposição terá como base o trabalho de Traubenberg e Boizou (1984/1999), relativo à expressão infantil no Rorschach.

A oscilação entre dois registos opostos de comportamento caracteriza a atitude participativa nesta idade. A participação é, geralmente, muito espontânea e activa, traduzida em exclamações, intervenções directas, observações ou comentários. Por outro lado, pode concorrer uma atitude mais reservada, expressa num registo mais descritivo, que reflecte uma maior contenção. Existem assim, duas posturas diferentes, mas confluentes, cuja alternância entre a subjectividade e a restrição, denota um registo de funcionamento em fase de transição.

A apreensão perceptiva não apresenta um registo preferencial, pode até ser bastante diversificada. A relação G/D surge numa dimensão mais pessoal do que sob a influência do factor idade.

O até então prevalecente domínio da globalização torna-se raro, o que revela um progressivo afastamento do modo de pensar “pré-lógico” infantil. Porém, é ainda possível que surjam algumas apreensões globais marcadas pela confabulação, pelas generalizações abusivas, devido à persistência destes mecanismos.

A apreensão em D é mais recorrente, contudo não poderá ser eleita como o modo perceptivo de referência nesta faixa etária, pois denota-se ainda alguma falta de rigor no investimento do recorte. Note-se, que esta evidência não deverá ser comparada ao insucesso do adulto na apreensão do detalhe, deve-se à característica justaposição da lógica infantil.

Os modos menores, em particular Dd e Do, destacam-se nos cartões fechados e maciços, cumprindo estrategicamente a limitação do domínio perceptivo, o que confirma o

seu carácter defensivo ou a sua função recuperadora perante o impacto da exposição ao estímulo.

A designação das imagens cede preferencialmente ao determinante formal, mesmo quando dinamizada por K e Kan, ou inclua integrações cor.

As reacções cor não são muito expressivas, revelam uma menor implicação do que as reacções cinestésicas e usualmente, surgem contidas pela forma. No entanto, a sensibilidade aos cinzentos deve ser mencionada como susceptível de emergir, enquanto as reacções E e Clob raramente se detectam.

Os conteúdos de referência são essencialmente, as imagens humanas e animais, a natureza e os objectos (que surgem nesta fase). Verifica-se também uma referência recorrente às banalidades da lista clássica (I, V, VIII e X).

A temática predominante reporta para a afirmação e consolidação de uma identificação sexuada, pela superação do conflito edipiano. Dada a problemática, é fácil antever uma diferente vivência do conflito, consoante o sexo da criança. Assim, para as raparigas persiste o temor duma imagem viril, compensado através duma valorização narcísica; e para os rapazes persiste uma certa angústia de castração (com especial relevo nos cartões II, IV e VI), cuja procura de um modo de confronto com uma imagem paterna sobrevalorizada, equivale ao domínio simbólico dessa angústia.

Neste contexto, as imagens parentais apresentam-se nitidamente diferenciadas, com a prevalência da imagem paterna, para ambos os sexos. Atente-se porém, que para os rapazes, acresce a questão da rivalidade com a imagem paterna dominante, nunca abordada frontalmente.

A onnipresença da imagem materna revela a sua função securizante, por isso, é poupada a ataques destrutivos e nunca investida de projecções arcaicas. Esta figura surge através de imagens mais regressivas, ou no caso das raparigas pode surgir ainda, sob objectos tipicamente femininos de investimento narcísico; mecanismos apreensíveis apenas nos cartões cujo valor simbólico é específico.

Existe já uma imagem de si nitidamente presente e diferenciada, o que se verifica é a persistência, nalguns casos, de posições de dependência, que denunciam dificuldades acrescidas na afirmação de si.

Conclui-se então, que o modo de funcionamento esperado para esta idade testemunha uma evolução significativa, relativamente à idade antecedente, no sentido da secundarização dos processos mentais, com prevalência do conformismo sobre a criatividade, enquanto recurso essencial à contenção da expressão fantasmática.

5.3. Expressão da Irrequietude Motora no Rorschach

A irrequietude motora é uma problemática que encerra um historial marcado por fortes divergências teóricas, com implicações claras na sua avaliação. Reclama-se a ausência de metodologias apropriadas ao seu diagnóstico, que por conseguinte se reflecte no delineamento do plano terapêutico, nem sempre adequado às fragilidades da criança.

Mas se a avaliação neuropsicológica tem sido explorada, no sentido de determinar variantes comportamentais e cognitivas inerentes a esta perturbação, não se constata análogo investimento na metodologia projectiva.

No que concerne ao Rorschach, é ainda tímida a expressão da pesquisa que envolve este método, pelo que, aproximadamente nos últimos dez anos, apenas seis estudos foram reconhecidos.

Mesmo com resultados pouco representativos de uma diferença entre crianças assinaladas como hiperactivas e uma população dita normal, a intersecção de estudos como os de Cotugno (1995), de Osório, Bianchi e Loureiro (2000) e de Graeff e Vaz (2004, 2006) (ref. por Graeff e Vaz, 2006), permite revelar uma convergência de conclusões.

Nomeadamente, todos os estudos evidenciaram que as crianças hiperactivas apresentam: níveis elevados de ansiedade e impulsividade; tendência à desorganização do pensamento; interferência na capacidade de concentração/focalização; dificuldade de percepção objectiva da realidade.

Cohen e Guinard (2006) apostaram num delineamento pioneiro neste âmbito, conjugando, no mesmo estudo, duas abordagens metodológicas de cariz oposto – psicodinâmico e neuropsicológico. Este estudo ambiciona não só apreender o tipo de funcionamento psíquico das crianças irrequietas, como avaliar os efeitos a curto e médio prazo dos seus planos de tratamento.

A avaliação projectiva, com particular destaque para os protocolos de Rorschach, foi analisada à luz duma perspectiva compreensiva. Esta opção metodológica permitiu aceder a níveis mais profundos deste tipo de funcionamento, evidenciando vincadas fragilidades ao nível da identidade e das representações internas, que revelam falhas na função pára- excitação e na capacidade de contenção. As referidas evidências permitem contextualizar a dificuldade expressa por estas crianças no contacto com o Outro, denunciando a incapacidade dum funcionamento independente e por isso, a necessidade de sentir um frequente investimento relacional.

Mas a iniciativa de recorrer ao Rorschach, como ferramenta de exploração da dinâmica intra-psíquica inerente a esta problemática, já tinha sido registada por Claudon (1998), ao apresentar um estudo de caso que pretendia contextualizar a emergência do agir no quadro da irrequietude.

Segundo o autor, a situação projectiva desencadeada pelo Rorschach é propícia à mobilização dos mecanismos que alimentam esta instabilidade interna. Nesta lógica, propõe ainda, que a apreensão deste tipo de funcionamento pode ser abstraída através do estudo da estrutura narcísica da criança, da sua actividade simbólica e das suas representações da acção.

O estudo da irrequietude motora não testemunha um investimento significativo na potenciação do Rorschach, como uma ferramenta essencial à exploração desta problemática; porém, a partir dos estudos realizados, é possível perceber a magnitude do seu alcance.

Partindo do estudo de Graeff e Vaz (2006), serão explicitados os resultados mais proeminentes sobre aos parâmetros de análise do Rorschach, no contexto da irrequietude, obtidos através da comparação de desempenhos entre crianças irrequietas e crianças normais.

Numa primeira abordagem, os parâmetros que assumem as diferenças mais significativas entre os grupos estudados, são as localizações e o número de respostas. Este último parâmetro apresenta uma média baixa por protocolo, correspondente a um fraco desempenho, o que denuncia uma capacidade de produção diminuída.

No que concerne às localizações, verifica-se um G% superior, contrapondo-se a um D% inferior, quase sem expressão. Neste contexto, o elevado índice de respostas globais pode indicar um prejuízo na capacidade de organização, análise e síntese, partindo do pressuposto defendido por Ames et al. (1962, ref. por Graeff & Vaz, 2006), que associa este índice a um pensamento mais superficial, impulsionado pelo desejo de terminar rapidamente uma situação ansiogénica. Mais, ao comparar as percentagens das respostas globais com as das respostas de detalhe percebe-se uma dificuldade na percepção da realidade objectiva, ou melhor, uma incapacidade de focalização na tarefa.

O destacado prejuízo na produtividade, expresso pela baixa média de respostas, advém da relação G% - D%, pois uma percepção centrada no todo contraria a exploração do objecto, logo a construção de mais respostas.

Tal como Claudon (1998) descrevera em primeira mão, “a deficiência de inscrições formais é clara” (p.454). De facto, também Graeff e Vaz (2006) verificaram que o determinante formal não impera nas respostas deste tipo de crianças e que a boa qualidade dos seus objectos está comprometida.

O baixo índice de respostas formais ($\sum F <$) denuncia a manifestação mais comum da irrequietude, ou seja, a dificuldade de inibição comportamental, que remete para a fragilidade dos processos auto-reguladores.

Neste sentido, destacam-se as cinestésias, em particular as animais (Kan), ainda que com índices pouco expressivos. Mas Claudon (1998) não reduz o aparecimento das cinestésias à relação directa com a expressão da impulsividade.

Para este autor, os determinantes cinestésicos cumprem uma complexa dinâmica defensiva, que permite à criança irrequieta manter a continuidade de si. Deste modo, as tensões e conflitos intrapsíquicos são figurados numa imagem corporal passível de ser tratada pela mente, que suporta os movimentos pulsionais e inscreve o objecto num contexto diminuído no seu nível de conflitualização.

A temática do controlo surge novamente, através da presença de cor nas respostas, incidindo na vertente afectivo-emocional. As crianças irrequietas tendem a apresentar uma percentagem superior de respostas CF, contrariamente às respostas FC; o que sugere uma incapacidade de modular as emoções de forma adequada, perante o seu estímulo desencadeador.

Evidenciam-se ainda, as percentagens relativas às respostas com inclusão do branco (BI) e à reacção choque, como indicadores de ansiedade situacional.

Neste contexto, a inclusão do branco na produção das respostas reflecte uma incapacidade de elaboração da ausência, que boicota a representação. O efeito do branco afecta o estabelecimento de ligações internas entre as próprias percepções e o material, falha que muitas vezes se reflecte na quebra do discurso por silêncios, que comportam alguma sideração ou revelam uma inibição massiva (Claudon, 1998).

As reacções de choque são muito comuns nos protocolos de crianças irrequietas, normalmente, testemunha-se uma aceleração do discurso ou alguma pressa em devolver o cartão. Estes comportamentos constituem estratégias imediatas para lidar com a enorme angústia suscitada, no sentido de terminar rapidamente com aquela situação incómoda.

Neste âmbito, Claudon (1998) faz ainda referência à emergência da fragilidade dos limites. Este autor denuncia a presença de inúmeras imagens não unitárias que podem surgir ao longo dos protocolos, mas também de um discurso impregnado de advérbios (ex.: “aqui”, “ali”) para precisar as localizações das percepções, como se coexistisse uma necessidade de limitar, de conter a imagem mental. Recursos que reportam para a temática da perda dolorosa do objecto primário e por conseguinte, para a perturbação da função continente e de pára-excitação.

5.4. Procedimentos de Análise

A elaboração dos procedimentos de análise assenta em dois processos fulcrais do crescimento mental, cuja componente intersubjectiva assume particular relevo. Estabeleceram-se assim, os seguintes procedimentos:

- Encontro entre objecto interno/externo: a significação de uma experiência emocional
- Qualidade da transformação simbólica: a representação de si e do objecto

Os procedimentos de análise anunciados conciliam os objectivos propostos com o quadro teórico vigente, seguindo-se um desenvolvimento dos mesmos, de modo a clarificar a sua leitura no Rorschach.

5.4.1. Encontro entre objecto interno/externo: a significação de uma experiência emocional

Neste enquadramento, a situação Rorschach pode ser pensada como uma nova experiência emocional, onde o encontro com o objecto externo é transposto para o encontro com a mancha, contemplando as características de um contexto clínico (Marques, 2001).

Numa associação entre as presentes concepções e os parâmetros do Rorschach, serão explicitados os processos mais adequados à leitura da vivência deste encontro.

Neste sentido, é de reter o contributo do determinante formal, dado que a sua qualidade remete, simbolicamente, para a qualidade do vínculo em que assentam as ligações com uma realidade externa. Tendo presente, que este determinante conjuga a adaptabilidade perceptiva e socializante do sujeito (Chabert, 1997/1998), perante a deterioração da sua qualidade evidencia-se a fragilidade de um envelope que compromete a distinção entre o Eu e o Outro, isto é, que reenvia para a problemática da coesão.

Pelo exposto, a análise deste determinante deve ser acrescida duma consideração qualitativa, ou seja, não é a quantidade de respostas formais (F%) que interessa reter, mas a associação entre contexto, conteúdo e ritmo de sucessão das mesmas (Marques, 2001).

O critério formal pode servir o mesmo propósito, ainda que colorido com a acção, nomeadamente, perante cartões bilaterais que são susceptíveis de induzir movimentos cinestésicos. Dado que a cinestesia remete para o movimento entre duas figuras, constitui um testemunho privilegiado da dinâmica comunicacional entre imaginário e objecto externo.

Contudo, o carácter qualitativo da forma pode ser influenciado pela reactividade à cor; pelo que as respostas resultantes desse processo permitem apreciar a potencialidade contentora dos afectos suscitados. Quando o determinante formal prevalece sobre a cor

(FC), depreende-se uma tentativa de controlo afectivo, de modo a evitar uma rendição ao fantasmático, sentido como demasiado inquietante (Marques, 2001).

Porém, se a dificuldade em elaborar os afectos é premente e a ressonância pulsional é intensa, o continente deixa de estar perdido na procura de um conteúdo, para passar a ser invadido por ele (CF). A forte angústia desencadeada, pode levar o sujeito a sucumbir à invasão pela cor, podendo mesmo, ocorrer um embotamento do processo transformatório (C). A subsequente afecção do aparelho perceptivo impedirá assim, a apreensão de uma imagem diferenciada.

Neste seguimento, deve atentar-se na reactividade às cores acromáticas, na perspectiva do confronto com o incógnito, susceptível de desencadear a projecção de imagens angustiantes. Deste modo, a focalização no contraste perceptivo claro-escuro (Clob) denuncia um encontro frustrante com o objecto externo, sentido como uma ameaça pela eminente aproximação ao desconhecido.

A susceptibilidade aos cinzentos, que indicia o oculto materno, quando especificamente associada a traços femininos, pode assumir um carácter mais inquietante, o que reenvia para um movimento regressivo, ao nível do funcionamento primário (Marques, 2001).

A sensibilidade ao branco é passível de se evidenciar, dado o seu carácter simbólico, ou seja, remete para o vazio, para o nada, para o imóvel, o que pode provocar um movimento de retraimento, representado pela estagnação da dinâmica ♀♂.

À semelhança da qualidade formal, ainda que de modo mais indirecto, uma presença moderada dos conteúdos animais (A) permite aceder à acção do vínculo K, dado que reflecte o prazer de conhecer uma realidade partilhada com o Outro. Este tipo de conteúdos pode sofrer, a um nível mais disruptivo, a acção negativa do vínculo K, surgindo num formato de “bestiário” (Marques, 2001). Esta é a expressão dum processo de desmentalização, provocado pela presença de conteúdos persecutórios que ameaçam a integridade do continente.

Num enquadramento de falência, o registo comportamental da criança é inquieto, apreensivo, desconfiado, excitado, ao qual se junta a reactividade, a emergência de conteúdos específicos, a alternância de respostas idealizadas e fortes investimentos; um conjunto de manifestações correspondentes a associações desagradáveis, ou mesmo insuportáveis.

5.4.2. Qualidade da transformação simbólica: a representação de si e do objecto

Tal como foi enunciado, aceder à significação de uma experiência emocional permite revelar a essência do encontro entre duas dimensões diferentes da realidade, essência essa, cujos pressupostos do crescimento mental determinam que seja transformada em novos conteúdos aplicados a futuras partilhas intersubjectivas ♀♂. Revela-se assim pertinente, explorar a qualidade simbólica no presente enquadramento.

A forma como o sujeito capta a mancha revela o tipo de relação que estabelece com o mundo exterior. Concretamente, a apreensão em G, por referência a um todo, pode indiciar a existência de um envelope contentor bem formado, ou seja, que faculta uma passagem dentro-fora, sem prejuízo para a integridade dos limites, especialmente se associada a uma forma adaptada (Marques, 2001).

A apreensão em D, por sua vez, remete para uma função defensiva, na medida em que reforça a capacidade discriminante duma realidade externa, para combater a invasão de conteúdos destruturantes. Assim sendo, através deste modo de apreensão é possível aceder à dinâmica afectiva e fantasmática, mas também aos movimentos transformatórios desencadeados perante a emergência de emoções inquietantes (Chabert, 1997/1998).

Seguindo a mesma lógica, as confabulações, contaminações ou sobreposições revelam vincadas dificuldades de diferenciação.

A apreensão em Dd deve ser considerada como expressão de uma acentuada confusão entre corpo e mente, com prejuízo para a integridade física. Porém, não deve ser interpretada como um bloqueio defensivo, mas como modalidade de investimento numa procura identitária. Uma tal falha, testemunharia uma relação frágil entre ♀♂, numa realidade sentida como dolorosa, apontando para o efeito destrutivo provocado pelo aparecimento de objectos bizarros, na sequência da evacuação duma realidade persecutória (Marques, 2001). Este movimento interno pode ganhar expressão no corpo, através dum registo actuante.

As apreensões em Gbl ou Dbl também surgem como resposta a um contexto, onde a relação ♀♂ está intensamente debilitada. Dado que este registo perceptivo assenta numa operação inversa figura-fundo, institui-se uma dialética relacional primária, como tal, remete para a afecção da estabilidade identitária. Como referido anteriormente, a inclusão do branco reenvia para a incapacidade de elaborar o ausente, pelo que o encontro entre objecto interno e externo não se reflecte no espaço psíquico, ou seja, a representação é interdita. Este mecanismo pode ser traduzido na interpenetração do envelope pela subversão da função α , pelo que se esperam imagens de um continente poroso ou danificado (Marques, 2001).

Ainda face à noção de identidade deve considerar-se a análise do movimento cinestésico, incidindo na relevância da identificação projectiva. Este eixo parte do pressuposto defendido por Marques (2001), em que enfatiza o carácter dinâmico, envolvente e relacional deste processo, que permite aceder à qualidade da transformação simbólica dos elementos perceptivos (características da mancha).

Argumenta ainda, que o processo de identificação projectiva reenvia para um funcionamento ao nível da identificação primária, ou seja, remete para um estado de indiferenciação e de fusão; o enquadramento psíquico, a partir do qual, é possível apreciar os processos comunicativos sujeito-objecto/dentro-fora, implícitos no investimento cinestésico da resposta.

Deste modo, atente-se na presença de cinestésias animais (Kan), como um compromisso com o imaginário do sujeito, no sentido de evitar a angústia provocada por uma fragilidade identitária.

A propósito das cinestésias humanas, Chabert (1997/1998) aponta a necessidade de proceder a uma análise das mesmas, segundo três critérios – formal, projectivo e de conteúdo – a fim de aceder ao sentido da produção. Como tal, o aparecimento de Kp, frequentemente, surge associado a apreensões em Dbl, indiciando um boicote ao trabalho de ligação e transformação de certos conteúdos, correspondente à tentativa de evacuação duma experiência não tolerável. As implícitas representações humanas fragmentadas (Hd), (à semelhança dos conteúdos anatómicos ou de sangue) denunciam, claramente, a fragilidade de um continente, que pode revelar-se fragmentado, ou mesmo vazio e hostil, perante uma interação ♀♂ destrutiva (Marques, 2001). Tal nível de indiferenciação submete o sujeito a um contacto perturbado, impulsionado pelo processo patológico de identificação projectiva, que se traduz em respostas impregnadas de agressividade oral (ex: dentes, mandíbulas...) ou com a presença de personagens ameaçadoras (ex: monstros, bruxas, bestiário...), numa tentativa de compensar a angustiante perda de domínio.

De um modo genérico, os conteúdos humanos reportam para uma identidade subjectiva, cuja integridade se reflecte no movimento oscilatório Ps-D. Neste sentido, pode reconhecer-se, através da expressão adequada deste parâmetro, um continente capaz de conter os seus conteúdos. Todavia, é necessário contextualizar as respostas humanas no todo, a fim de verificar a existência de cruzamentos com objectos ou imagens de natureza diferente, pelo que esta medida permite apreender o nível de evolução da sua expressão (Traubenberg & Boizou, 1984/1999).

Pode ainda invocar-se os conteúdos dados pelo sujeito, na senda de uma temática regressiva, cuja emergência se certifica isenta da influência simbólica do cartão. Sendo que esta temática reenvia para um nível de funcionamento primário, permite aceder ao índice de perturbação infligido na construção de um espaço interno diferenciado. Deste modo, os

referidos conteúdos regressivos podem sofrer a acção de dois mecanismos diferentes. Na continuidade de um movimento progressivo, estes conteúdos podem ser simbolizados e integrados, através de um processo criativo, num funcionamento habilitado a contornar as suas próprias fragilidades. Contrariamente, pode testemunhar-se uma incapacidade em atribuir sentido ao material desconhecido, retratada por imagens de continentes vazios ou artificiais, onde os referidos conteúdos são colocados, remetendo para uma articulação ♀♂ simbiótica, ou de outro modo, estática, contraproducente (Marques, 2001).

As dificuldades no acesso à identidade e, conseqüentemente, à identificação, revelam as vicissitudes da relação de objecto, pois, a diferenciação interno/externo, a projecção do sentimento da não existência, da falta de limites contentores, demonstram a persistência de relações onde domina a onnipotência, a ligação com o materno-arcaico, a indiferenciação Eu-Outro e a ameaça eminente de intrusão, ou até, de fusão.

5.5. Etapas de Análise

A análise do protocolo, referente ao caso aqui focado, cingir-se-á aos procedimentos anteriormente definidos, porém, cumprirá uma sequência estruturada em dois momentos complementares.

No **primeiro momento**, a análise apresentará um teor mais descritivo, numa leitura individual das respostas dadas, todavia, sensível a uma articulação elaborada a dois níveis: resposta a resposta e cartão a cartão. Esta primeira fase denuncia uma abordagem mais qualitativa do protocolo, que pretende evidenciar as trocas intersubjectivas, num contexto relacional continente-conteúdo, excedendo os parâmetros clássicos de análise do protocolo Rorschach.

No **segundo momento**, a análise terá um enquadramento mais formal e sintético, dado que se procederá à realização do Psicograma, na intenção de tornar mais visíveis as saliências e particularidades do protocolo, à luz dos procedimentos de análise estabelecidos.

A integração final de todos os parâmetros nomeados, que não só estão ligados entre si como se complementam, permitirá revelar a sequência subjacente ao processo de construção de respostas.

Pretende-se, portanto, aceder ao processo de construção das respostas do sujeito, perceber como surgem as suas produções, na intenção de abstrair o significado que esse processo assume na sua lógica individual, a matriz do seu funcionamento psicodinâmico.

6. O Participante

6.1. Dados Relevantes

Mariana

A selecção do caso enunciado foi sensível, não só, à especificidade teórica, mas também metodológica, do presente estudo. Como tal, foi despistada a existência de défices cognitivos e confirmado um sintoma predominante de inquietude motora.

A Mariana, com oito anos e um mês², surge na consulta de Psicologia do Hospital da Marinha, acompanhada pela mãe, que recorre ao serviço na ânsia de uma “solução mágica” para o problema da filha. Contudo, esta preocupação é partilhada não só pelos familiares mais próximos, como pela professora, que incentivou a procura de acompanhamento psicológico.

O reencaminhamento da criança para a consulta de Psicologia foi então motivado pelas queixas de intensa agitação e falta de concentração, em casa e na escola. Por vezes, desencadeia crises de ansiedade que culminam em vómitos, retomando episódios de enurese nocturna e intensificando o hábito de chuchar no dedo (que nunca abandona por completo).

A Mariana é filha única e vive com os pais, com algumas dificuldades económicas. Nomeadamente, quando a Mariana pede algum brinquedo (como fez para o Dia Mundial da Criança) a mãe responde-lhe: “não temos dinheiro para isso”, situação que a afecta e à qual reage num primeiro momento com revolta, embora depois a acate.

A Mariana frequenta o 2º ano do ensino básico e dado que o horário de trabalho dos pais não é conciliável com o dela, esta fica a cargo dos avós paternos.

A mãe descreve a Mariana como uma criança muito agitada, condição que lhe é característica desde sempre. Mantém, desde o início do acompanhamento, uma atitude colaborante e interessada, embora se note no seu discurso um afastamento do problema.

Especificamente, apreende-se uma demissão do papel parental, delegando na psicóloga a função contentora que só ela poderá assumir. Escuda-se na repetição de expressões como “já não sei o que hei-de fazer a esta miúda...”, “Ninguém faz nada dela, está cada vez pior...”, ou recorre à manipulação, dizendo “se te portas mal, depois a Dra. não te quer mais aqui”.

² Idade da criança na altura da recolha do protocolo.

A Mariana foi, desde início, um bebé agitado e instável, com dificuldade em dormir. Esta perturbação do sono foi parcialmente superada aos quatro anos, pois até essa idade, dormia muito pouco e de forma interrupta. Contudo, não se registam percalços significativos no seu desenvolvimento, pelo que fisicamente se revelou sempre saudável

Aos cinco anos, surgiram os sintomas acima mencionados como motivo para acompanhamento psicológico. Usualmente, as referidas crises de ansiedade desencadeiam-se quando é contrariada ou tem de se confrontar com alguma situação nova (ex. conhecer alguém ou um lugar que nunca viu). Ao que parece, num contexto semelhante, o pai também apresentava os mesmos sintomas em criança.

O investimento relacional da Mariana incide, sobretudo, nos adultos com quem idealiza uma relação de exclusividade, em detrimento da relação com os pares, que como a própria afirma, “tem só duas amigas e três amigos”.

Normalmente, quando conhece alguém pela primeira vez (perceba-se um adulto), evidencia-se uma grande ansiedade no contacto com o Outro, que se reflecte num comportamento ambivalente. A agitação motora aumenta, assim como a velocidade do discurso que, por outro lado, se torna infantilizado e enquadrado numa atitude teatral e exuberante.

Já com os pares, o nível de relacionamento é mais superficial ou circunstancial. Manifesta aliás, uma grande dificuldade na partilha, é muito possessiva com os seus pertences.

Esta resistência à partilha e o seu comportamento excessivo e intenso tornam-na pouco popular aos olhos dos colegas de turma. A professora confessa ser difícil gerir o grupo na presença da Mariana, pois as inúmeras tentativas de monopolizar a atenção para si destabilizam a dinâmica da turma.

6.2. Recolha do Protocolo

Este protocolo foi recolhido no mesmo gabinete onde a criança tinha acompanhamento psicológico semanalmente.

Uma vez que a prova não iria ser aplicada pela psicóloga com quem a criança construiu uma relação terapêutica, estabeleceu-se previamente um plano de sessão, que contemplasse um período de familiaridade com o novo técnico.

O objectivo desta iniciativa era facilitar a adesão à prova e diminuir o nível de ansiedade perante o desconhecido, evitando também uma posterior contaminação da relação criada naquele *setting*.

Na sessão anterior, houve o cuidado de familiarizar a criança com o procedimento que teria lugar na semana seguinte. Medida esta, que surtiu um efeito positivo, pois a criança mostrava disponibilidade e entusiasmo no dia da recolha do protocolo.

A sessão iniciou-se com a presença dos dois técnicos e da criança, como se tratasse de um ritual de “passagem de testemunho”. Após as apresentações iniciais, realizaram em conjunto um jogo de cartas, o que permitiu uma primeira interacção mediada pela figura de confiança da criança.

No início do jogo, observou-se ainda alguma inibição por parte da Mariana, que rapidamente se desvaneceu e deu lugar à curiosidade e ao encantamento pela pessoa que agora dirigia a sessão.

Enquanto recebia as primeiras instruções para a aplicação da prova, interpelou a psicóloga e pediu se podia fazer um desenho. Foi-lhe concedido o pedido, desde que primeiro terminasse a tarefa proposta. Muito satisfeita concordou e endireitou-se na cadeira à espera de instruções.

As condições de aplicação foram pensadas a partir das propostas de Trautenberg e Boizou (1984/1999). A influência do contexto relacional na produção assume um papel central, pelo que é essencial, reunir ou criar condições óptimas que promovam um ambiente securizante, no qual emergirá a expressão da criança.

Para tal, é fundamental que o técnico assuma as implicações dessa opção teórica, adoptando uma atitude mais flexível, em detrimento da rigidez protocolar, uma vez que se busca a compreensão da dimensão afectiva individual. Nomeadamente, o respectivo inquérito não deve ser subsequente à prova, mas sim, alargado e simultâneo à produção das respostas. Pretende-se especificamente com esta medida, clarificar o conteúdo, a localização e fazer surgir as qualidades expressivas que determinam as respostas. Desta forma, não só se promove o esclarecimento e contextualização das respostas, como o interesse na prova, sem induzir a produção.

Como as próprias autoras defendem, não faz sentido sacrificar a produção em função do procedimento, quando se pretende aceder à individualidade do sujeito; deve ocorrer um investimento na criação duma matriz relacional contentora, que possibilite a expressão do mesmo.

No entanto, quando se trata da expressão infantil, deve existir uma maior prudência na recolha do protocolo, ou seja, embora seja importante frutificar os dados e enriquecer a produção, não se pode abdicar do rigor para impedir uma invasão na espontaneidade das respostas da criança.

A intenção de querer aproximar o momento da passagem da prova a uma actividade lúdica, isenta de cariz avaliativo para a criança, deve estar implícita logo na instrução, pelo que a recolha do protocolo se iniciou com a seguinte indicação: “*Gostas de ver imagens?*”

Então, vou-te mostrar algumas imagens e tu vais-me dizendo o que se pode ou poderia ver nelas.”

A Mariana manteve uma postura activa e participativa, durante a recolha do protocolo. No final, comentou entusiasmada que adorou fazer aquele jogo e perguntou se o poderia repetir noutro dia. Foi-lhe devolvido o carácter esporádico daquela situação e a necessidade de manter um acompanhamento com a sua psicóloga. Tal como ficara combinado, o resto da sessão foi dedicado ao desenho. Revelou alguma dificuldade na separação que, com a devolução de algum suporte, acabou por aceitar, embora numa postura mais entristecida

7. Apresentação e Análise do Protocolo de Rorschach

7.1. Análise das respostas cartão a cartão

- Protocolo de Rorschach de Mariana (8 anos e 1 mês) -

I 2"

Agarra o cartão com as duas mãos. *Mocho*. Num só gesto repentino, passa a mão por cima da imagem, sem tocar no cartão, como se quisesse indicar toda a mancha. *Acho que é feio (...) detesto mochos são pretos! Tenho medo do escuro*. Arregala os olhos. *É feio, horrível! Não tenho mais nada a dizer*. Pousa o cartão virado para baixo, ao seu lado.

A prova é abraçada com uma forte expectativa positiva, num movimento de aproximação ao Outro, que se traduziu numa entrega à tarefa. A postura inicial revela um grande empenho na procura de um sentido, visível no segurar do material. Como se ao agarrar o cartão, agarrasse o seu significado. No entanto, este investimento esbate-se com o impacto do encontro com o objecto, que embora apreendido na sua totalidade, de modo quase imediato, rapidamente, revela um carácter ansiogénico.

Denota-se uma crescente retracção relacional e postural, acompanhada por um comentário (*Acho que é feio (...) detesto mochos são pretos! Tenho medo do escuro*.) que não só anuncia uma vivência dolorosa da situação, como antecipa o efeito de choque (*É feio, horrível! Não tenho mais nada a dizer*.) que viria a bloquear o contacto com o objecto.

A primeira resposta do protocolo (*Mocho - G FClob A*) reporta a uma ave nocturna e solitária, que permanece expectante na escuridão, construção que permite adivinhar, desde o primeiro contacto, uma problemática central ao longo da prova. O efeito do contraste claro-escuro da mancha desencadeou a vulnerabilidade perante o desconhecido, não tolerável, culminando numa invasão pela angústia, que boicotou o trabalho de construção simbólica. Num primeiro momento, através de um compromisso com o

imaginário, o acolhimento de um conteúdo inquietante parece ser concretizável, porém, resulta numa interacção debilitante para permeabilidade do envelope.

A experiência emocional sofreu uma alteração brusca de registos, atestando uma galopante degradação do contacto, pelo que o único recurso encontrado, para lidar com a sua negatividade, foi o afastamento do objecto.

II 1'

Agarra o cartão. *Não sei o que é isto. É pintada.* V *É muito bonito. Vê-se assim ou assim?* ^
V (?) agarrando o cartão com as duas mãos, afasta-o, olha para a imagem e depois olha para o examinador que lhe sorri. *É uma borboleta a voar!* V Levanta-se, rodopia e agita o cartão como se fosse uma borboleta a esvoaçar. Volta a sentar-se e devolve o cartão.

A disponibilidade para o encontro com o objecto mantém-se, pelo que o cartão é novamente agarrado. Porém, rapidamente se denota uma dificuldade em atribuir um significado ao encontro, pela hesitação em configurar o objecto numa resposta (*Não sei o que é isto.*). Ao primeiro contacto evita o encontro, depois procede a uma caracterização superficial do material (*É pintada. – Crit. Obj.*), destituída de implicação projectiva para, num terceiro momento, recuperar o investimento no objecto.

As manipulações do cartão dão conta da procura de novas perspectivas sobre o material percebido, que lhe permitam gerir a inquietação suscitada. A sequência dos comentários (*É muito bonito. – Crit. Obj.*) serve a destituição da carga ansiogénica suscitada pelo objecto, culminando no recurso à sua valorização, um mecanismo que facilitou o ingresso numa reaproximação. A necessidade de reforço, perante a insuficiência dos mecanismos mobilizados, conduziu à implicação do clínico (*Vê-se assim ou assim?*). A carência de um suporte interno incitou a procura de um continente externo, desta feita, encontrado no contacto ocular com o clínico.

O reenvio directo para a temática relacional, suscitado pela bilateralidade do cartão, foi sentido como invasivo, indiciando uma dificuldade de representar a relação. A única resposta dada (*É uma borboleta a voar!* – G Kan A) resultou de um compromisso com o imaginário, que lhe permitiu criar um meio de ligação com a realidade externa, preservando a sua integridade através de uma imagem unitária, ainda que frágil. A função α foi colocada

ao serviço da reconstrução do objecto, no sentido da perseveração dos limites, primando pela qualidade da transformação simbólica.

A forte implicação projectiva presente na resposta é denunciada, quando assume corporalmente a cinestesia da produção mental. O recurso ao corpo assume uma função auto-calmante, dado que permite a libertação da angústia desencadeada pela solicitação relacional indesejada, possibilitando, por conseguinte, novas tentativas de significação da experiência.

III 3"

Pega no cartão com a ponta dos dedos e vira-o de imediato. V *Oh!... Olha tão giro! É um gatinho com um laço.* (?) *Está aqui a carinha.* Coloca-se de lado para mostrar o cartão e passa o dedo por cima do D central inferior. *E o lacinho está aqui.* Aponta D vermelho central. (?) *A carinha é mesmo parecida. É giro e eu adoro todo!* Apertou o cartão contra o peito e sorriu.

Em sequência da tensão vivida na exposição a uma situação intrusiva, a expectativa de uma aproximação satisfatória ficou debilitada. O cartão já não é agarrado, mas seguro com a ponta dos dedos, o que revela retraimento perante uma situação ansiogénica. De facto, ao primeiro contacto, a expectativa negativa foi confirmada, pelo que procedeu imediatamente à exploração do objecto sob outra perspectiva.

As questões suscitadas no cartão anterior emergem aqui numa expressão mais vincada, denunciando uma deteoração dos mecanismos de recuperação.

A solicitação de uma implicação relacional não é passível de se concretizar, pelo que a resposta surge num movimento de retraimento (*É um gatinho com um laço* – Dbl F⁻ Ad). A fragilidade coesiva do continente evidencia-se, abertamente, pela degradação da qualidade formal. Por sua vez, a inclusão do branco, numa apreensão já parcial, indica uma interacção ♀♂ particularmente afectada, cuja dialéctica remonta a um nível de funcionamento primário. A fragilidade do envelope interno é de tal modo vigente, que corrompe a tentativa de estabelecer um compromisso viável com o imaginário, resultando numa imagem animal não-unitária. A solicitação da representação relacional, implícita no cartão, reactiva uma ameaça à estabilidade identitária, como tal, o encontro entre o objecto externo e interno não se reflecte internamente. O contorno da mancha surge na precisão de

uma localização, porém, assume uma função contentora agida, presta um reforço dos limites perante a proximidade do Outro.

A infantilização do discurso, pela utilização de diminutivos (*gatinho, carinha, lacinho*), assim como o recurso à valorização do objecto (*É giro e eu adoro todo!*), remetem, novamente, para uma tentativa de destituição das características negativas do objecto. Se bem, que esta estratégia lhe permite manter um contacto limitado com o objecto, sem que ocorra uma fragmentação do continente, não constitui uma alternativa viável à consubstanciação do pensamento e à evolução do nível de abstracção.

A manifesta atitude de contentamento, quando abraça a prancha, revela o alívio de não ter sucumbido à indiferenciação, de não ter “desaparecido” na presença assumida do Outro. Deste modo, o agarrar do cartão assume, externamente, o acolhimento de si mesma.

IV

É um bocadinho feio... Pousa o cartão e fica a olhar para ele, com os braços cruzados em cima da mesa. (?) *Porque é preto... é feio!* Faz uma careta de rejeição. *Gosto de coisas com cores. Que cores gostas mais?* (?) *Não me parece nada!* Enquanto falava sobre as cores preferidas, pegou subtilmente no cartão e arrumou-o por cima dos outros.

Na sequência de aproximações ao objecto, cada vez mais angustiantes, o choque face ao cartão é quase imediato (*Porque é preto... é feio! – choque Clob*). A crítica inicial (*É um bocadinho feio...* - crit. Obj.) revela alguma hesitação quanto à apreensão do percepto, ainda que evidenciando a tensão do confronto com um estímulo difuso.

Neste seguimento, escuda-se na postura defensiva de cruzar os braços, como se erguesse uma muralha impeditiva dum contacto invasivo, no fundo, um evitamento da concretização de uma experiência negativa. Tenta encontrar um sentido, mas não consegue estabelecer ligações que permitam a transformação e criação de um novo conteúdo. Esta retracção postural e obviamente, relacional, impõe um afastamento do objecto e estabelece uma separação provisória entre interno e externo, não sólida o suficiente para permitir a contenção da angústia suscitada.

Os incentivos por parte do clínico conseguem uma manutenção do contacto, embora retraído e infértil, dado que apenas viriam a precipitar a realização negativa da experiência.

O apelo à implicação do clínico detinha uma elevada expectativa, dada a emergência de suporte, pelo que o recurso se revelou insuficiente. À semelhança do cartão II, implica o clínico, quando a necessidade de encontrar um suporte é premente, perante a ameaça de invasão do continente. Contudo, a persistência do clínico em reenviar a sua atenção para um estímulo destruturante, devolve-a a uma experiência frustrante, que rejeita (*Não me parece nada! – Recusa*), num movimento perturbado de identificação projectiva.

A reincidente impressionabilidade, associada ao obscuro, esvazia a experiência emocional de uma eventual significação. O processo simbólico é bloqueado pela invasão de angústias intensas, que reportam a um nível mais arcaico de funcionamento, suscitando a representação da relação com o materno pré-genital onnipotente e esmagador. A alusão ao espectro cromático sugere uma necessidade de contenção, vivida num registo mais depressivo, ou seja, remete para uma sensação de desamparo.

Na tentativa de evitar um novo reenvio para um encontro ameaçador, monopoliza a interacção com o clínico, de modo a terminar a tarefa subtilmente, sem confronto ou conflitos, preservando a cordialidade.

V

É feio, é horrível! Detesto... se fosse com cores aqui... Pega no cartão com uma mão, sem tocar na mancha, e começa a abanar o dedo como se estivesse a pintá-la, partindo do D central superior. *Detesto preto! Toma, toma!* Vira a cara e entrega o cartão.

Perante a sequência imposta, a expectativa de uma aproximação ao objecto prevê-se cada vez mais negativa, dado que a actual experiência é vivenciada como prolongamento da anterior, revivendo neste encontro a mesma problemática.

A densidade do percepto, suggestionada pelas características fechadas da mancha, configura um objecto unitário e diferenciado, cuja consistência remete para uma imagem poderosa e ameaçadora. Deste modo, o primeiro impacto do encontro resultou numa intensa reacção de choque (*É feio, é horrível! Detesto...*), que reactivou o apelo à cor, aqui mais vigorante (*se fosse com cores aqui...*).

A explícita degradação dos movimentos transformatórios denota uma vivência dolorosa da experiência, associada à ameaça da perda de si, pela dissolução do seu envelope contendor. A força atribuída ao objecto torna o encontro impossível de ocorrer sem

danos para a sua integridade identitária, acentuando uma tonalidade mais depressiva, mais diminuída de si mesma, que a remete para a vincada carência de acolhimento emocional e suporte relacional.

A submissão a um estado confusional, onde dentro/fora, sujeito/objecto já não constituem entidades diferenciadas, conduz a um registo actuante, pelo que a simulação da pintura da mancha, surge no sentido de alcançar a completude tão ansiada.

A notória e progressiva degradação dos recursos internos, observada desde o primeiro cartão, culmina aqui, numa recusa peremptória ao investimento relacional, numa fuga ao contacto (*Detesto preto! Toma, toma!*).

Na intenção de terminar uma experiência angustiante e invasiva, apela à participação do clínico, cuja verbalização encerra um pedido arcaico de suporte. A entrega do cartão, em mãos, apresenta-se como uma “passagem de testemunho”, uma medida concreta que atesta o afastamento do objecto externo.

VI 3”

Uma alforreca ou um polvo. (?) O polvo aqui (D superior) e a tinta dele aqui (faz um círculo à volta do resto da mancha, sem tocar). Olha atentamente para a prancha, debruça-se sobre a mesa. A alforreca com os tentáculos. Toca em D superior. Gostava que isto fosse tudo azul (fundo). (?) Não sei, gosto muito de azul... assim ficava como se fosse o mar. O mar tem estas coisinhas. (?) Estes animais. Finge que está a pintar o fundo.

Restituída alguma tranquilidade, segue numa reaproximação ao objecto, pela busca de um sentido. A hesitação entre duas imagens marca o primeiro contacto com a mancha, denunciando, não só alguma retracção na sua apreensão, como alguma incerteza sobre o carácter do objecto. Incitada pelo clínico, a uma exploração mais concisa da mancha, opta por identificar em primeiro lugar, a última imagem referida. A capacidade discriminante, investida na apreensão do percepto, serve um movimento defensivo contra a invasão de conteúdos destruturantes, que deste modo surgem encaixados num contexto.

A primeira resposta (*O polvo aqui – D F A*) dá conta de um conteúdo regressivo, através da imagem de um animal aquático, invertebrado e de estrutura pouco diferenciada, cuja má qualidade formal, reenvia para a eminente fragilidade do envelope. Esta temática encontra-se perpetuada na resposta seguinte (*a tinta dele aqui – D C' Elem.*), atestando

uma degradação do processo transformatório, onde a definição formal desaparece, ou seja, onde o continente é penetrado por conteúdos irrepresentáveis. Esta tinta, que sai do interior do polvo, pode representar em si um espaço psíquico, carente da função continente, onde os conteúdos não podem ser dotados de significado. A forte reactividade ao espectro acromático contrapõe-se à reconstrução do objecto, que submerge à angústia desencadeada pelo carácter oculto do espectro.

Perante a projecção do seu espaço interno, retoma a primeira imagem dada (*A alforreca com os tentáculos* – D F A). É recuperada a definição formal, ainda que deteorada, através de um conteúdo regressivo, que denuncia a dinâmica da experiência emocional com o objecto externo. Embora partilhando uma descrição geral com o primeiro objecto, a alforreca prima pela sua transparência, num contorno tão subtil que, por vezes, deixa a dúvida da sua existência; mais, foi enfatizada a presença de tentáculos, cujo contacto agride a pele. Esta sequência deixa patente uma articulação ♀♂ simbiótica, onde a aproximação ao Outro ameaça a integridade identitária, onde um investimento relacional implica um desinvestimento e si.

A alusão à cor azul (*Gostava que isto fosse tudo azul* – Obs. Cor) suporta a transposição para um elemento vital que, por sua vez, representa uma regressão ao materno. Esta observação final denuncia a necessidade de uma contenção materna plena, pela qual anseia, num registo deprimido, pois “...o mar tem estas coisinhas...”. A acção surge, novamente, na substituição de um trabalho simbólico, colmatando aqui, a necessidade de acolhimento.

VII 4”

Uh! Toma, não tenho nada para dizer neste! Fica muito nervosa e mal consegue agarrar o cartão, como se lhe queimasse as mãos. Ia estender a mão para o entregar, mas deixou-o cair com a atrapalhão. Olhou para cima estarrecida, esperando uma repreensão. O clínico sorri-lhe, tenta acalmá-la e pede-lhe que apanhe o cartão, ao que acedeu e retribui com um sorriso. V *Parece um monstro dançarino... assim como os duns desenhos animados que eu vejo*. Pousou o cartão virado para baixo. Levantou-se, deu uma pequena volta à sala, debruçou-se sobre a mesa e perguntou: *Então, já podemos ver outro?*

A reacção de choque (*Uh! Toma, não tenho nada para dizer neste!*) é manifestada no primeiro contacto com o cartão. Esta situação previa-se, dado que ao longo da prova, a

temática identificada como central vem convergir com a sugestionabilidade do presente cartão. A carga simbólica do conteúdo percebido é de tal modo intensa, que o mero toque do material se revela intrusivo, reportando para uma ténue distanciação símbolo/objecto. A subsequente descoordenação motora reflecte a desmentalização da angústia desencadeada, deixando-a sucumbir a um estado mental confusional.

Perante uma conduta errante, ou seja, perante a falha, denota-se a expectativa de uma crítica, de uma devolução castrante; antecipação que vive com grande afecção. Numa lógica de devolução oposta, traduzida na contenção de uma vivência dolorosa, é possível uma reaproximação ao objecto. O suporte prestado pelo clínico permitiu a elaboração de uma margem de segurança suficiente, a partir da qual, estabeleceu um movimento de recuperação.

A inversão da prancha serve o evitamento das características proeminentes do percepto, incorrendo numa apreensão global, imediata, isenta de detalhe exploratório. A resposta (*Parece um monstro dançarino...* - G Kan (A)) dá conta de um compromisso com o imaginário, pelo que o objecto ameaçador é colocado em movimento. A cinestesia animal vem atestar a possibilidade de um investimento relacional condicionado, apenas possível pela recuperação parcial do trabalho de transformação simbólica. Atente-se, por isso, na acção negativa do conteúdo emergente, cuja potência foi transposta para o domínio do irreal, o que denuncia a ausência de uma imagem materna diferenciada, prevalecendo a sensação de insegurança na procura do Outro. Na senda, da iminente fragmentação do continente, a gestão da angústia apenas pode ser operada através do corpo. Assim, o afastamento físico do cartão surge como um mecanismo alternativo de libertação da angústia, permitindo-lhe restabelecer a disponibilidade para um novo investimento, mas não, uma reaproximação ao objecto.

VIII 1"

Isto é tão bonito, tão colorido! < Não vejo nada... ^ Ovelhas... (D rosa lateral) Aqui em baixo o pôr-do-sol... (D laranja inferior) Gelo. (?) Como se fosse uma montanha com gelo em cima e neve mais abaixo... (?) O gelo é aqui, este verdinho mais claro (passa o dedo por cima) e a neve está aqui mais abaixo, é este verde mais escuro. Passa o dedo por cima do D verde central. Arruma o cartão e suspira, ansiosa pelo próximo cartão.

A introdução de cor no estímulo perceptivo foi atestada, de imediato, com particular entusiasmo (*Isto é tão bonito, tão colorido!* – Obs. Cor). Contudo, o investimento numa experiência nova, não seguiu a mesma linha de prontidão. A dispersão evocada conduziu à manipulação do cartão, na procura de um sentido para o potencial envolvimento. Precaução esta, que permitiu uma reorganização interna do estímulo, seguindo numa exploração discriminante do objecto.

Consegue, de facto, construir uma resposta adequada e de boa qualidade, indiciando um contacto satisfatório com o objecto, numa dialéctica onde o conteúdo é acolhido pelo continente (*Ovelhas...* - D F⁺ A Ban). O conteúdo subjacente a esta resposta alude a um animal afável, pacífico, ordeiro, de essência passiva, associado à ingenuidade, mas também ao toque macio. De outro modo, este conteúdo encerra o desejo de proximidade e de contacto físico contentor.

A emergência desta temática suscita, simultaneamente, uma forte sensação de carência afectiva. A segunda resposta (*Aqui em baixo o pôr-do-sol...* - D CF⁻ Nat.) expressa a necessidade de colmatar esse vazio interno, incita-a à procura duma energia vital, mas este movimento de recuperação não é, inteiramente, bem sucedido. Neste seguimento, o continente é invadido pelo conteúdo, a dialéctica regride a um registo primário de indiferenciação. O objecto não é transformado, apenas mascarado. A luz, o calor da mãe natureza, são reduzidos a um pôr-do-sol difuso, que anuncia a ausência de um objecto reparador.

Uma submissão à sensação de desamparo afecta a integridade do objecto, que não assume forma precisa e é destituído de vitalidade, como manifesto na terceira resposta (*Gelo. (?) Como se fosse uma montanha com gelo em cima e neve mais abaixo...* - D CF⁺ Nat.). A imprecisão dos limites formais suscita um movimento de reforço, procedendo ao delineamento do objecto, onde a cor é mais ténue, ou seja, onde se torna saliente a problemática latente do medo da perda do objecto. Ateste-se que esta perda encontra paralelo na perda de si.

Surge novamente, o recurso a diminutivos (*verdinho, escurinho*), que vem sublinhar a incorrência num registo mais regressivo de funcionamento.

A vivência desta experiência emocional recoloca-a na incompletude, ansiando porém, um novo encontro que lhe permita recorrer a uma nova significação, a uma nova busca de preenchimento.

IX 2"

Parece uma borboleta. (?) Aqui a cabeça (D central superior) e o resto são as asas. (?) Aqui dos lados, isto tudo... o laranja, aqui o verdinho, o rosa... Com o dedo sobre o cartão percorreu as cores, à medida que as nomeava. Quem fez este desenho? (?) Devia ter feito a cabeça mais para cima (?) Está muito para baixo, não sei.

A perseveração da disponibilidade para um novo investimento relacional desencadeou o movimento transformatório de um percepto pouco diferenciado.

A única resposta dada (*Parece uma borboleta.* – G F A) denuncia a precipitação de uma apreensão global, ainda que pouco adequada, serve a integridade dos limites. Neste processo, é devolvido um conteúdo unitário, porém, de natureza frágil, impotente. Incitada a especificar as características da imagem construída, denuncia as fragilidades do processo de transformação, que remontam à dificuldade de conceber a unidade, a individualidade. A enumeração das cores não serve tanto um referencial perceptivo, mas uma estratégia para dar conta da constituição do objecto, reforçada pela passagem do dedo sobre a mancha, como se traçasse uma linha de continuidade entre as partes enunciadas.

Denota-se novamente, a emergência de um registo mais regressivo do funcionamento, através da aplicação de um diminutivo na designação da cor verde, uma tonalidade ténue que acentua a carência de acolhimento. Neste sentido, segue numa crítica ao objecto (*Quem fez este desenho? Devia ter feito a cabeça mais para cima. Está muito para baixo, não sei.*), apontando uma falha estrutural que remete para uma postura de abatimento, pela qual necessita de implicar o clínico. O objecto, cujos contornos se apresentavam pouco diferenciados, surge agora mais claro, anunciando um carácter perturbador. A inesperada atribuição de sentido, retém-na na sensação angustiante de um encontro indesejado.

X 1"

Quis agarrar o cartão assim que viu a mancha, mas conteve-se. Batia palmas e dava pequenos pulos sentada na cadeira; passava as mãos pela mesa, num movimento rítmico, como se estivesse a alisá-la. Estava ansiosa para ver a próxima imagem. *Tantas borboletas!* Observa durante alguns segundos. *Já sei, é uma mulher!* Debruça-se sobre a mesa e vira o cartão, de modo a partilhar a imagem. Estava muito entusiasmada e disposta a revelar tudo

o que via na mancha. Enquanto respondia, ia apontando para o que se estava a referir. O casaco (D rosa lat.), *soutien* (D azul central), *aqui uma tatuagem ou a boca...* (D laranja central) *não, é uma tatuagem, a boca está lá em cima...* (Dd cinza superior – prolongamentos descendentes) *os sapatos...* (D verde central inf.) *aquelas coisinhas levezinhas que se usam, que fazem assim quando se anda... Como se chamam?* Levanta-se e encena que coloca algo ao pescoço. Com as mãos simula um movimento muito leve, como o de plumas. (?) *Ah, é isso!* (plumas) Volta a sentar-se e continua a descrição. *Deixou cair os óculos* (aponta D cinza lat. esq.). *Tem aqui um bocadinho de perfume a pairar no ar* (D amarelo lat. esq.). Volta a levantar-se e teatraliza. Rodopia e cantarola uma espécie de ópera, desfila pela sala como uma estrela de cinema. Deixa-se cair na cadeira, encenando uma cena dramática e depois ri. Sem qualquer indicação para tal, retoma a descrição. *É a mala das pinturas* (D castanho lat. dto) *e a mala dela, de sair* (D castanho lat. esq.). *Gostei muito deste!*

A fragmentação da mancha apresenta-se como um descompressor da tensão acumulada, perante a expectativa negativa do encontro com um objecto perturbador. O carácter difuso do percepto ameaça a sua integridade identitária, pelo que um estímulo mais aberto lhe permite criar uma margem de segurança, para explorar e recriar o objecto. A efusividade transposta para a agitação motora, em alternância com movimentos rítmicos, revela o mecanismo de gestão da tensão mencionada.

O registo expectante mudou perante um novo objecto, assim como a disponibilidade para um investimento relacional, porém, a experiência não é dotada de significado ao primeiro contacto. À semelhança de referências anteriores, o indício de uma implicação projectiva surge sob a forma de uma imagem frágil, metamórfica e com pendor feminino (*Tantas borboletas!* – Comentário), povoando a imagem com vida.

A sequência das respostas revela que o objecto não é concebido como um todo, mas como a soma das suas partes. Consegue apreender o objecto num movimento integrativo, mas atesta um trabalho de ligação interno muito débil, por outras palavras, o continente não é capaz de conter os seus conteúdos.

A primeira resposta (*Já sei, é uma mulher!* – D F H) surge na lógica anteriormente mencionada, recurso que lhe permitiu inaugurar a elaboração de um conteúdo humano. Consegue, deste modo, criar uma representação humana na sua acepção integral, ainda assim, sem grande profundidade subjectiva. Contudo, este processo é vivenciado numa

partilha aberta e entusiasta, pelo sucesso de uma afirmação identitária, mesmo que desadequada.

A construção da figura humana ocorre assim, a um nível muito superficial, não surge da reunião das partes do corpo humano, mas da enumeração de acessórios e peças de vestuário. A imagem é de uma mulher, que vai sendo vestida (ou revestida) e investida narcisicamente.

A vincada deteoração da qualidade formal das respostas, vem reforçar a recorrente dificuldade de articulação ♀♂, denunciando a fragilidade do envelope narcísico. Atesta-se porém, a criação de uma ligação interna, numa oscilação Ps – D, no sentido de um aprofundamento subjectivo (*O casaco – D F⁻ Vest. ⇔ soutien – D F⁺ Vest.*). A recuperação da qualidade formal apela à fineza da articulação interno/externo, que implica um contacto estreito com o objecto.

Mas esta aproximação, rapidamente, desvirtua o propósito de um trabalho criativo de reconstrução, resultando numa indiferenciação perceptiva (*aqui uma tatuagem ou a boca... não, é uma tatuagem, a boca está lá em cima... - D F⁻ Hd/Tatuagem*). A integridade identitária é tão frágil, que não suporta um aprofundamento do contacto, sem risco de uma invasão dos limites. A referência à tatuagem denuncia a porosidade deste continente.

Retoma o registo de funcionamento inicial, que lhe permite investir, superficialmente, numa representação diferenciada de si (*os sapatos... – D F⁻ Obj.*). No entanto, a resposta atesta um movimento de retraimento, pela mudança categorial do seu conteúdo. Os conteúdos de vestuário são substituídos pelos de objecto, numa retirada emocional que atesta uma distanciação do objecto, evitando uma nova degradação do processo.

As respostas subsequentes, assim como a postura e comportamento, denotam uma grande teatralidade (*aquelas coisinhas levezinhas que se usam, que fazem assim quando se anda. Como se chamam? (?) Ah, é isso! (plumas) – D F⁻ Obj.; Deixou cair os óculos – D F⁻ Obj.; Tem aqui um bocadinho de perfume a pairar no ar – D F⁻ Abst.*) e a referência a objectos de investimento narcísico, tipicamente femininos (*É a mala das pinturas – D F⁻ Obj.;...e a mala dela, de sair – D F⁻ Obj.*), marcam presença no desfecho do desempenho.

Deste modo, é possível assumir que mediante tais falhas contentoras, reflectidas numa capacidade de simbolização empobrecida, a superficialidade das ligações estabelecidas entre as duas dimensões do real, permite a manutenção da sua integridade psíquica, pelo que se justifica o comentário final de contentamento (*Gostei muito deste! – Comentário*).

Prova de Escolhas:

Escolha +: **X** - *Porque tem cores muito vivas e a forma é bonita.*

Escolha -: **IV** - *Tem uma língua grande que sai...(D central inf.) (?) é feio, é preto.*

Perante as indicações para a concretização desta prova, foi peremptória na selecção de um cartão por escolha.

A escolha positiva detém-se no carácter fragmentado da mancha, que lhe permite uma afirmação identitária sem prejuízo para a sua integridade. A vivência sumptuosa do encontro com a mancha, permite-lhe recuperar o registo comportamental que lhe é característico, que lhe é confortável no contacto com o real. Um registo que prima pela superficialidade, mas que permite, acima de tudo, manter um território de segurança perante o Outro. A vivência desta experiência contrastou com todas as suas antecedentes, no sentido em que o objecto não se impôs à sua percepção, foi progressivamente assumido, cedendo uma sensação de domínio sobre si mesma, até então boicotada por uma entidade omnipresente intrusiva, angustiante.

A escolha negativa reporta à primeira recusa, à primeira realização negativa da experiência, que se impõe numa lógica oposta à da escolha anterior. A impossibilidade de atribuir um significado ao objecto potencia o seu efeito destruturador, que a expõe à vivência intolerável da perda de si. O encontro com o objecto atemorizador figura-se na penetração do continente, cujo sentimento de total impotência, desencadeia a procura, não de um conteúdo, mas da fuga ao mesmo. O reencontro com o objecto não surge destituído dessa angústia, pelo contrário, é vivenciado num registo mais arcaico, onde o percepto se destaca do cartão num movimento dirigido, atacante.

Tempo total: 30 minutos

7.2. Psicograma

R - 21

Recusas - 2

Tempo Tot. – 30'

Tempo Lat. Méd. – 9,5"

Tempo/Resposta - ~1'

Localizações:

G – 4

D – 16

D bl – 1

↳ G% - ~19%

↳ D% - ~81%

Determinantes:

F⁻ - 13

C' - 1

Σ F = 15

Kan - 2

FClob - 1

F⁺ - 2

CF - 2

Conteúdos:

A – 6

H – 1

Elem. - 1

Vest. – 2

Abst. - 1

Ad – 1

Hd/Tatuagem - 1

(A) - 1

Nat. - 2

Obj. - 5

Percentagens:

F% - 71,4%

F+%alargado – 22,(2)%

H% - 9,5%

A% - 38%

F% alargado – 85,7%

F+% - 13,(3)%

Ban. – 1 (VIII)

Tipo de Apreensão: \overline{G} – \underline{D} – \underline{Db}

T.R.I.: 0 K/2,5 Σ_C

F.C.: 2 K/0 Σ_E

R.C. %: 66,(6)%

Elementos Qualitativos:

Choque – 4

Crít. Obj. – 3

Coment. Subj. – 1

Coment. Cor – 4

8. Discussão da Análise

8.1. Encontro com o objecto interno/ externo: a significação de uma experiência emocional

Aceder ao padrão relacional da Mariana, implica rever o modo como investe na experiência emocional, mas também, que dinâmica estabelece no encontro com o objecto externo.

Uma observação atenta da atitude face à prova permite distinguir, desde logo, um constrangimento no contacto com o Outro. Denota-se uma atitude oscilatória que, aparentemente, poderia ser enquadrada na norma, porém, não é aqui atestada uma confluência entre subjectividade e contenção. De facto, o psicograma permite certificar a presença expressiva de elementos qualitativos, habitualmente associados a uma atitude espontânea, mas neste caso, detêm uma forte implicação projectiva, que remete para uma inquietação perante a proximidade. Do mesmo modo, as respostas curtas que surgem num discurso pouco elaborado, denunciam um retraimento relacional. Na senda desta análise, surge um registo comportamental expectante, reactivo, inquieto e, por vezes, teatralizado, que remete para uma vivência ansiosa da experiência.

Numa leitura sensível aos movimentos entre cartões, é possível verificar que a disponibilidade para um novo investimento relacional resulta, em grande medida, das suas experiências anteriores. A expectativa de um novo encontro com o objecto preserva o registo emocional da vivência antecedente. Especificamente, os encontros que se revelam negativos (ex. IV, V), ou os que atestam uma degradação da experiência (ex. I), inicialmente positiva, suscitam desinvestimentos relacionais externos.

Todavia, este movimento não cristaliza a possibilidade de retomar o investimento no objecto, apenas a condiciona, independentemente, da evidência do pedido de suporte externo, que reflecte esta restrição. Aliás, o envolvimento do clínico é aceite positivamente, pois não só se verifica um esforço em aceder aos incentivos deste, como a sua implicação é solicitada.

Constata-se uma propensão para o envolvimento emocional, para a partilha intersubjectiva, mesmo perante um contexto que se prefigure adverso. Numa alusão ao quadro teórico, este movimento de procura pode ser considerado um recurso positivo para o crescimento mental, no sentido da concepção defendida por Bion e Winnicott, que reconhece uma necessidade intrínseca de evolução na disponibilidade inata para a relação.

Esta persistência pode traduzir-se, simbolicamente, na incessante procura ♀♂, que se reflecte na luta pela conservação das características positivas do encontro, porém, a precariedade da qualidade do objecto interno boicota o sucesso do investimento de que foi alvo.

Deste modo, é possível compreender a tendência à degradação do contacto prazeroso (ex. X), sempre assombrado pelo risco da sua subversão, ou seja, pela acção negativa do vínculo K. Esta lógica é denunciada, através da análise qualitativa do critério formal que, neste contexto, apresenta um elevado índice de incidência. À semelhança do que é esperado para esta faixa etária, a construção das respostas revela um forte pendor formal, ou seja, atesta-se um acentuado investimento nos contornos da mancha, contudo, a qualidade desse processo está comprometida ($\Sigma F=15$; $F^- =13$). A proximidade, ou seja, a possibilidade de um contacto estreito com o Outro, reactiva a fragilidade dos limites, transformando esse encontro numa experiência perturbadora.

Todavia, é na significação do efeito claro-escuro da mancha que a experiência se configura assustadora ou mesmo insuportável, despertando angústias intensas, por vezes, massivas e transbordantes. Esta insuficiente modulação das angústias reflecte-se no elevado índice de reacções de choque, segundo Claudon (1998), um lugar-comum nos protocolos das crianças irrequietas. A vivência deste encontro é marcada pela desvalorização do objecto e pelo desinvestimento relacional, na tentativa de não sucumbir ao efeito destruturador da experiência. A insuficiência deste mecanismo culmina na procura de um suporte externo específico, ou seja, de um continente onde possa lançar as suas angústias. Contudo, a omnipresença de uma entidade oculta revela-se de tal modo atemorizadora, que desencadeia o afastamento do objecto, por vezes, sem tentativa de exploração (recusas).

Esta busca de contenção externa, que se configura na implicação do clínico, comporta um pedido de anáclise, uma modalidade de investimento externo que Chabert (1998/2000) associa aos quadros de funcionamento limite, em contextos semelhantes ao presente, onde o conflito de um contacto ambivalente com o objecto esgota os recursos internos.

Esta incapacidade de estar perante o incógnito, dotado de poder, remete para a concepção partilhada por Berger (1999/2001) e Bergès (1995), sobre o significado da irrequietude motora, no âmbito da dinâmica relacional estabelecida por estas crianças. A referida concepção reporta para a dificuldade da criança em se conceber numa relação, de “estar sozinha na presença do Outro”, como referiu Bergès (1995), ou seja, de conseguir entregar-se à relação sem recear prejuízo para si. Como Berger (1999/2001) reforça, esta dificuldade está ancorada a uma adversidade na relação precoce com o objecto primário, onde é suposto interiorizar-se um suporte emocional para a dúvida tolerada. O sucesso desta aquisição está intrinsecamente relacionado com a elaboração da realização negativa, uma experiência, que segundo Bion, é vivenciada com grande dor e angústia. Neste caso, evidencia-se a perseveração dessa vivência, assombrando todas as aproximações ao objecto externo, a uma realidade que não lhe é garantida, segura, consertante.

O índice de reactividade à cor é expressivo (R.C.% = 66,(6)%), porém, se esta manifestação não for enquadrada, poderá incorrer-se na precipitação de uma interpretação superficial. De facto, é o número de respostas cotadas do cartão X, que inflama esta expressão, se bem que não traduz o processo real, dado que remete para uma imagem única, concebida a partir da enumeração das suas partes.

Contudo, o espectro cromático é solicitado, ao longo do protocolo, particularmente, quando a experiência se adivinha mais dolorosa. Esta solicitação surge, fundamentalmente, numa temática de preenchimento, denunciando uma susceptibilidade ao vazio. No seguimento desta lógica, é possível enquadrar o registo mais regressivo do desempenho nos cartões-cor. Embora a introdução do espectro cromático tenha sido aceite com manifesto agrado, mantém-se o padrão relacional e atestam-se as mesmas angústias, ainda que a sua manifestação seja menos vincada. Num encontro com o objecto, agora destituído das suas características mais atemorizadoras, evidencia-se a carência de acolhimento, o desamparo, na acepção de Coimbra de Matos (2002), que nos remete inequivocamente para uma descontinuidade da função continente materna.

A discussão deste procedimento permite atribuir significado aos movimentos relacionais da criança, numa extrapolação para o seu contexto de vida. A incidência do investimento relacional num adulto de referência, em detrimento da disponibilidade para os seus pares, serve a sua emergente carência de suporte. Esta vigente fragilidade imprime alguma avidez na gestão dos movimentos relacionais, não só visível através da carga ansiosa, transposta para o contacto com o Outro, mas também, pela rivalidade dirigida aos que interferem na relação idealizada com as figuras de referência (ex. colegas). Este desajuste interaccional com a realidade externa, enfatiza a vertente solitária de uma procura

incessante por um continente, uma vez que torna a sua presença inconveniente e como tal, promove a desinserção do seu contexto social. Uma dinâmica que, em primeira instância, serve a colmatação de uma falha interna, acaba por reflectir o vazio interno no contacto com o externo. A reincidente dificuldade em lidar com uma situação nova, ou melhor, com o desconhecido, encontra correspondência na significação do encontro com o incógnito, cuja vivência é dominada pelo efeito destruturador de uma angústia massiva. A insuficiência dos mecanismos moduladores impede a transformação desta vivência emocional, como tal, transposta para o soma, assumindo diversas expressões que assinalam o sofrimento de uma resistência à fragmentação.

O esquema seguinte permite visualizar a sequência de movimentos que ocorreram ao longo da prova, denunciando a dinâmica relacional estabelecida pela Mariana no encontro do seu imaginário com o objecto externo.

Aproximação - Afastamento brusco → Aproximação cautelosa → Aproximação receosa → Aproximação angustiante - Afastamento (recusa) → Evitamento - Afastamento (recusa) → Aproximação hesitante → Evitamento - Aproximação receosa - Afastamento físico → Aproximação cautelosa - Retraimento → Aproximação - Inquietação → Aproximação – Retraimento

8.2. Qualidade da transformação simbólica: a representação de si e do objecto

A análise dos encontros com o objecto-mancha revela uma predominância de significações emocionais negativas, através do padrão relacional e também das manifestações indirectas ou directas de intensa angústia, denunciando implicações no processo de pensamento, especificamente, a afecção da qualidade simbólica. Deste modo, os movimentos de investimento relacional encontram paralelo na alternância entre degradação e recuperação, assumida numa lógica de oscilação Ps-D.

Com excepção de uma única resposta, a captação do percepto oscila entre dois modos de apreensão, embora se verifique a preponderância clara, de um desses

mecanismos. Contudo, ambos atestam uma função defensiva aquando o seu recurso, no sentido da perseveração dos limites.

A dominante captação parcial da mancha (D%=81%) impõe-se como mecanismo defensivo, perante a iminência de uma interacção corrosiva ♀♂, servindo a possibilidade de reconstruir o objecto, através de uma exploração discriminante do percepto. Na tentativa de reforçar o mecanismo descrito, verifica-se um recurso ao determinante formal, quase exclusivo, porém, como mencionado anteriormente, a qualidade deste critério denuncia a falência do movimento transformatório. Atesta-se assim, uma dificuldade permanente na delimitação e reconstrução do objecto, cuja operação remete para um nível de funcionamento primário, onde vigora o estado de indiferenciação dentro/fora.

Ora, esta falha remete, inequivocamente, para as vicissitudes na relação precoce, em específico, para a qualidade da função materna de que a criança foi alvo. Este registo regressivo atesta um processo incompleto de independência psíquica, que reporta para a introjecção perturbada da função α , resultante de uma rêverie materna intoxicante, à qual Bion atribui dialécticas relacionais ♀♂ marcadas pela acção negativa do vínculo K. Na senda desta lógica relacional precoce, a concepção winnicottiana de holding desadequado vem reforçar a distorção concreta do contacto mãe-bebé, que deveria ter promovido uma continuidade entre corpo e mente, actualizada numa fluente articulação interno/externo. Numa intersecção de perspectivas, pode atribuir-se este quadro de funcionamento ao impedimento da identificação à função continente materna.

Esta limitação adverte para uma lacuna na função simbólica, que encontra extensão na problemática da significação da ausência, bem vigente neste caso, evidenciando-se a incapacidade de transformar a ausência numa experiência gratificante. É possível verificar um maior relevo desta incapacidade no confronto com as manchas mais compactas. O aprofundamento desta problemática conduz à questão basilar da perda do objecto, cuja elaboração configura dois mecanismos. Na sequência de um funcionamento primário, a perda do Outro, implica a perda de si, sentida com grande angústia e desespero. Num contexto de falência dos recursos defensivos, permanece no vazio não transformado, que bloqueia o trabalho criativo do pensamento e permite a emergência de angústias muito intensas, que contaminam o reencontro com o objecto. Mas verifica-se também, a procura de novos significados para a experiência, a partir de uma tentativa de reconstrução do objecto, ainda que mal sucedida, pela perturbação da actividade de ligação interna, comprometida pela ausência de um espaço interno contentor.

Esta alternância de mecanismos permite aceder à dinâmica do pensamento e determinar as potencialidades do funcionamento instituído. Efectivamente, as vicissitudes

atestadas originam movimentos regredientes no pensamento, impedindo uma ligação criativa entre real e imaginário, dado que a mobilização dos recursos internos serve a vigilância dos limites. No entanto, esta gestão interna institui um mecanismo que previne uma interacção mutuamente destrutiva entre continente e conteúdo, evitando uma dialéctica parasitária. Verifica-se assim, que mesmo operando a um nível menos abstracto do pensamento, pela submissão do processo a movimentos projectivos primários, a possibilidade de mobilizar movimentos progressivos mantém-se.

O sucesso da recuperação parcial da qualidade simbólica depende de condições concretas, com reflexo na dimensão externa, constituindo um equivalente às vias de recuperação afectadas. Neste seguimento, surge a solicitação da implicação do clínico, numa procura de contenção externa; a procura táctil ou descritiva dos contornos da mancha, com recurso a advérbios de lugar, num reforço externo dos limites; e o recurso à esfera motora, como forma de expressão e descarga da tensão ansiosa. Este último recurso admite, no presente funcionamento, um carácter auto-calmante como atestado por Szwec (1993), porém, assumindo um valor diferente do atribuído pelo autor, dado que restaura a possibilidade de novos investimentos relacionais. Este último recurso encontra paralelo na associação estabelecida por Bion (ref. por Franch, 1997) entre *acting out* e evacuação de conteúdos angustiantes (elementos β). O autor considera que, perante uma insuficiente modulação das angústias, a mente pode recorrer ao agir, como alternativa ao efeito devastador da incontinência psíquica. Neste, mesmo sentido se expressou Golse (ref. por Claudon, 2001), reportando ao contexto mental prematuro do bebé relativamente à vulnerabilidade perante angústias arcaicas.

A associada e já mencionada tendência à degradação do contacto com o Outro, reflecte-se na dificuldade de elaborar a representação da relação. Ao serviço de uma estratégia defensiva, que permite gerir o encontro angustiante com o objecto, denota-se o claro evitamento do carácter bilateral das manchas, pelo tendencial recurso à sua apreensão global. Neste caso, é explícita a restrição na representação relacional, motivada pela ameaça de indiferenciação, traduzida numa interpenetração ♀♂ , dado que, em todo o protocolo, não se verifica uma única elaboração da interacção dual.

No entanto, a susceptibilidade ao relacional é atestada pela presença de duas induções cinestésicas (Kan - cartão II e VII), onde consegue evitar a imiscuição interno/externo, através de um compromisso estreito com o imaginário. As referidas cinestésias atestam um movimento integrador e organizador do pensamento, assegurando a continuidade de si perante o objecto percebido. Todavia, a escassez em qualquer uma das suas formas anuncia dificuldades de acesso a uma identidade diferenciada. Neste

sentido, é também relevante sublinhar a ausência quase total de respostas H, numa proporção inversa à expressão dos conteúdos animais (H%=9,5%; A%=38%), o que denuncia imaturidade no reconhecimento da individualidade. Ao longo de todo o protocolo, surge apenas uma imagem humana total, de má qualidade, no último encontro com o objecto (cartão X). Imagem esta, seguidamente, destituída do seu carácter unitário e revista nas suas partes constituintes, que remontam para conteúdos de Vestuário e de Objecto. Uma reconstrução da imagem de si, só foi possível, a partir de uma mancha fragmentada e isenta das características negativas do objecto atemorizador, operada a um nível superficial, num investimento dos contornos da figura.

A premente debilidade dos limites reflecte-se na dificuldade de elaborar a representação de si, sempre acompanhada de uma angústia de dissolução, do medo de se perder no contacto com o Outro. Mais uma vez, a compreensão da dinâmica interna da criança impõe a necessidade de retomar uma fase precoce da sua vida, onde se comprova um desajuste relacional com o objecto de amor primário. Especificamente, atesta-se um contacto materno invasivo, pela predominância de relações onde domina a onnipotência, ou seja, pelo facto do materno-arcaico constituir a matriz relacional das ligações preconizadas pela criança.

Mas esta desarmonia afectiva assume a sua primeira expressão na organização interna do bebé, diluindo a qualidade contentora do seu espaço psíquico. Nomeadamente, o impedimento da constituição de um envelope narcísico estável compromete a concretização da independência psíquica, relativamente à função continente materna, como já referido, a condição basilar para o reconhecimento de si próprio e do Outro, enquanto entidades singulares e individuais. Dado que as questões identitárias reportam a uma fase precoce do desenvolvimento infantil, revela-se congruente procurar o cerne das mesmas, nos primeiros esboços do aparelho mental, pelo que a formulação de Anzieu (1985) cede uma base a esta associação. A ausência precoce de uma estrutura que permita mediar o contacto com a realidade externa, ou seja, que regule a articulação ♀♂, promove um estado confusional, onde a criança tem dificuldade de se representar perante o Outro.

Retomando uma leitura dos conteúdos, onde já foi mencionado o domínio das imagens animais, atente-se na análise da sua natureza em associação à representação de si. Deste modo, em isenção à influência simbólica do cartão, ressaltam imagens animais de carácter frágil, passivo e regressivo, que não só reportam para as questões identitárias apontadas, como lhes acrescem uma tonalidade depressiva. Destaca-se assim, uma imagem de si diminuída, incapaz, despida de reactividade pulsional, que se resigna ao encontro da força e do poder objectais.

Todas as fragilidades, aqui assinaladas, apontam para a problemática da falta de contenção interna, que se reflecte internamente, numa descontinuidade afectiva, na persistência do vazio. Na terminologia bioniana, a referida problemática encontra expressão na incapacidade de elaboração da ausência, que reactualiza a presença do mau objecto, ao mesmo tempo que reforça a ameaça de indiferenciação do Eu.

Tal como as representações anteriormente descritas, as de objecto são igualmente deficitárias. Deste modo, surgem envoltas de angústias persecutórias e desencadeiam defesas, que tentam evitar a invasão do mau e a perseveração do bom. O objecto surge assim, como inquietante, pois mesmo quando a reconstrução é bem sucedida, a angústia no seu encontro é quase permanente. A insuficiente estabilidade do objecto assombra a sua intensa procura, pelo que permanece a ameaça do seu desaparecimento.

9. Conclusão

Foi prioridade no presente trabalho delinear uma investigação que procurasse o significado mais profundo da expressão da irrequietude motora, no enquadramento de falência da função materna, procurando, para tal, um sentido que tem de ser esclarecido no sujeito, pois só assim se revela o que de mais íntimo gere a lógica de cada ser.

Essa lógica foi explicitada através do Rorschach, utilizando-o enquanto técnica, mas sobretudo enquanto método, conceptualizado por Marques (2001), como facilitador de um processo de criação de novos objectos que possuem características, ao mesmo tempo, do mundo externo e do mundo interno.

A centração na singularidade, para se aceder ao conhecimento e compreensão mais profunda de cada ser psicológico, exigiu um afastamento das preocupações diagnósticas e o estabelecimento de critérios para que fosse possível o enquadramento num plano observacional e descritivo, que pudesse estabelecer uma observação minuciosa ocorrida num contexto relacional intersubjectivo. Assim, foi propósito deste trabalho reajustar a técnica para dar conta de diversos registos verbais relacionais e comportamentais.

Para tal, de forma coerente e convergente com o quadro teórico de referência e com os objectivos definidos, estabeleceram-se procedimentos de análise necessários à expressão e revelação do caso. A diversidade e riqueza humana não se compatibilizam com uma lógica psicopatológica, segundo o referencial teórico traçado para este estudo. Deste modo, pretende contribuir-se para uma recolocação da criança no enquadramento conceptual da irrequietude motora, procurando-a para além da sua agitação corporal, ou seja, de uma manifestação incomodativa para os que a rodeiam, cuja prioridade é eliminar esse alarme de sofrimento.

Foi possível verificar que as modalidades de investimento na relação externa são influenciadas pela reactualização de encontros, que suscitam vivências subjectivas negativas, fazendo emergir as precauções relacionais. De qualquer forma, existe uma apetência relacional positiva, que possibilita a utilização da relação externa como contenção facilitadora de novos investimentos relacionais e associativos.

Relativamente, ao processo de pensamento, este encontra-se perturbado no seu processo associativo e na sua qualidade simbólica, devido à invasão fantasmática ou aos

imperativos defensivos que visam detê-la. As principais perturbações estão associadas às dificuldades de diferenciação e ao acesso à identidade, revelando, portanto, uma precariedade nos limites e uma falha na reconstrução de objectos, que se desejariam ser bem construídos e bem delimitados. Ainda assim, mesmo após movimentos regressivos, mantém-se possível a emergência de movimentos progressivos, que é facilitada em circunstâncias externas favoráveis que se revelem contentoras.

No que respeita às representações expressas nas respostas, constatou-se que estas são subsidiárias da porosidade dos limites e de falhas na introjecção de um bom objecto, estável e securizante. Sendo assim, este objecto pode ser comparado com um objecto estranho e desconcertante, que emerge em representações contrastadas, ora ameaçadoras, ora mais tranquilizantes ou mesmo idealizadas. A angústia é evidente, pela reactivação da vivência de falhas precoces, que emergem numa situação de avidez e de intolerância às frustrações. Consequentemente, as relações são inquietantes e evitadas, dado que prevalece a dimensão persecutória associada aos fantasmas arcaicos.

Neste trabalho, estabeleceu-se uma via de acesso ao conhecimento, que se insere num âmbito de acção mais alargado da Psicologia Clínica. Foi através dos modelos da psicanálise que a psicologia clínica se demarcou do positivismo e estabeleceu novas vias de acesso ao conhecimento do ser humano: as que procuram aceder ao objecto de estudo considerando-o sujeito, porque singular e dotado de lógicas individuais.

A evolução das concepções permitiu considerar esse sujeito interveniente e agente/reagente, portanto com características de intersubjectividade, transformação, criação e expressão (Marques, 2001). Este avanço nas concepções, sobre o sujeito psicológico, abriu uma nova via, que introduz alterações na forma como a psicologia clínica produz conhecimento.

O Rorschach foi assim dotado de novas potencialidades, constituindo-o como método de investigação que permitiu ampliar esta visão e preconizou-se que a natureza primeira do saber e do conhecimento em psicologia clínica é a de conferir sentido.

Referências

- Ajuriaguerra, J. (1991). Instabilidade Psicomotora. In: *Manual de Psicopatologia Infantil* (2ª ed.) (pp. 95-97). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Ajuriaguerra, J., Marcelli, D. (1984). *Psychopatologie de L'enfant*. Masson: Paris.
- Anzieu, D. (1985). *Moi-peau*. Paris: Dunod.
- Anzieu, D. (1976/1986). *Os Métodos Projectivos* (5ªed.). Rio de Janeiro: Editora Campus.
- Berger, M. (1999/2001). *A Criança Instável* (1ª ed.). Lisboa: Climepsi Editores.
- Bergès, J. (1995). Les troubles psychomoteur chez l'enfant. In S. Lebovici, R. Diatkine, M. Soulé. (Eds), *Nouveau Traité de Psychiatrie de l'enfant et de l'adolescent* (2, pp.1571-1590). Paris : Quadrige/PUF.
- Bick, E. (1968). Experience of the skin in early object-relations. *International Journal of Psycho-analysis*, 49, (2/3), 484-486.
- Britton, R. (1994). Mantendo Coisas em Mente. In R. Anderson (Eds), *Conferências Clínicas sobre Klein e Bion* (pp.117- 127). Rio de Janeiro: Imago.
- Cabral, Mª F. (1998). *Pensar a Emoção*. Lisboa: Fim de Século.
- Chabert, C. (1997/1998). *O Rorschach na Clínica do Adulto*. Lisboa: Climepsi.
- Chabert, C. (1998/2000). *A Psicopatologia à Prova no Rorschach*. Lisboa: Climepsi.
- Ciccione, A. (1998/2000). *Observação Clínica*. Lisboa: Climepsi.
- Claudon, P. (2001). Instabilité Psychomotrice Infantile et Pathologie du Lien. *Neuropsychiatrie de l'enfant et de l'adolescence*, 49 (3), 200-210.

Claudon, P. (1998). Dynamique psychique de l'agir dans l'instabilité infantile – approche projective à partir d'un cas clinique. *Bulletin de Psychologie*, 51 (4), 449-458.

Cohen de Lara, A. & Guinard, M. (2006). Attention Deficit Hiperactivity Disorder : 1st psychodynamic results of a pluridisciplinary research. *Neuropsychiatrie de l'enfance et de l'adolescence*, 5, vol.54, 277-283.

Coimbra de Matos, A. (1996). Da emoção ao pensamento : o afecto no conhecer do Outro. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, nº 15, 83-92.

Coimbra de Matos, A.(2002). Estados-limite: etiopatogenia, patologia e tratamento. In: *O Desespero* (1ª ed.) (pp. 405-427). Lisboa: Climepsi.

Coimbra de Matos, A.(2002). Lactação e Instinto Maternal. In: *O Desespero* (1ª ed.) (pp. 95-98). Lisboa: Climepsi.

Coimbra de Matos, A.(2002). O Objecto na Relação Objectal. In: *O Desespero* (1ª ed.) (pp. 137-139). Lisboa: Climepsi.

Flavigny (1988). Psychodynamique de l'instabilité infantile. *Psychiatrie de l'enfant*, 31 (2), 445-473.

Franch, N. (1997). Agir, Alucinar, Sonhar – da paixão às dores da alma. In: *Bion em São Paulo: ressonâncias* (pp. 287-299). São Paulo: S.B.P.S.P.

Graeff, R. & Vaz, C. (2006). Personalidade de Crianças com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperactividade (TDAH) por meio do Rorschach. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 3, vol. 22, 269-275.

Greenberg, J. & Mitchell, S. (1983/2003). *Relações de Objecto na Teoria Psicanalítica* (1ª Ed.). Lisboa: Climepsi.

Grinberg, L., Sor, D. & Bianchedi, E. (1991). *Nueva Introduccion a las Ideas de Bion*. Madrid: Tecnipublicaciones, S.A..

Guignard, F. (1994). Sigmund Freud et Wilfred R. Bion: Filiation et Comensalité. *Revue Française de Psychanalyse*, 5, 1619-1637.

Guignard, F. (1995). Maternel et le féminin : deux espaces de la vie psychique. *Psychologie Clinique et Projective*, vol. 1, 7-26.

Guignard, F. (1996). Épreuve d'amour, déni d'amour. *Revue Française de Psychanalyse*, 3, 805-812.

Guignard, F. (1997). Universalidade e Especificidade das contribuições de W. Bion a uma Teoria do Pensamento. In M. França (Eds), *Bion em São Paulo: Ressonâncias* (pp.253-261). São Paulo: Sociedade Brasileira de Psicanálise.

Kratochwill, T., Mott, S., & Dodson, C. (1989). Estudio de caso e investigación de caso único en psicología clínica y aplicada. In A. Bellack, & M. Hersen *Métodos de Investigación en Psicología Clínica* (pp.67-87). Bilbao: Biblioteca de Psicología.

Leichtman (1988). When Rorschach become the Rorschach? Stages in the Mastery of the Test. In H. D. Lerner, & P. M: Lerner *Primitive mental states and the Rorschach* (pp.559-600). Madison, Connecticut: International Universities Press.

Lerner, P. M. (1991). *Psychoanalytic Theory and the Rorschach*. Hillsdale, New York e London: The Analytic Press.

Lopes, J. (2003). *A Hiperactividade*. Coimbra: Quarteto Editora.

Mahler, M. (1958/1989). Autismo e Simbiose: duas graves perturbações da identidade. In *Psicoses infantis e outros estudos* (3ªed.) (pp.52-61). Porto Alegre: Artes Médicas.

Mahler, M. (1963/1982). Alguns aspectos da fase de separação-individuação. In *O processo de separação-individuação* (pp.25-35). Porto Alegre: Artes Médicas.

Mahler, M. (1974/1982). Simbiose e individuação : o nascimento psicológico do bebé. In *O processo de separação-individuação* (pp.119-131). Porto Alegre: Artes Médicas.

Marques, M. E., Aleixo, P. (1994). O Rorschach e a revelação do trabalho de ligação e de transformação do interno e do externo. *Análise Psicológica*, XII, 4, 456-462.

Marques, M. E. (2001). *A Psicologia Clínica e o Rorschach* (2ª ed.). Lisboa: Climepsi.

Meltzer, D., & Harris, M. (1980). Les Deux Modèles de Fonctionnement Psychique selon Melanie Klein et selon Wilfred Bion. *Revue Française de Psychanalyse*, 1, 44, 355-367.

Rey, F. (2000/ 2002). Pesquisa Qualitativa em Psicologia. São Paulo: ABDR.

Rodrigues, A. (1997). “Gritos de Movimento”: Contributos para o Estudo da Expressão Motora de Crianças Instáveis. *Revista Portuguesa de Pedopsiquiatria*, 14, 9-31.

Sá, E. (2003). *A patologia borderline e psicose na clínica infantil*. Lisboa: ISPA.

Salgueiro, E. (2002). *Crianças Irrequietas* (2ª Ed.), Lisboa: ISPA.

Santos, J. (1988). *A casa da praia – o psicanalista na escola*. Lisboa: Livros Horizonte.

Stake, R. (1994). Case Studies. In N. Denzin, Y. Lincoln (Eds), *Handbook of Qualitative Research* (pp.236-247). London : Sage Publications.

Symington, J., & Symington, N. (1997/1999). *O Pensamento Clínico de Wilfred Bion*. Lisboa: Climepsi.

Szwec, G. (1993). Les procédés autocalmants par la recherche répétitive de l’excitation. *Revue Française de Psychosomatique*, 4, pp.27-51.

Trautenberg, N., & Boizou, M. (1984/1999). O Rorschach na clínica infantil – o imaginário e o real na criança. Lisboa : Climepsi.

Winnicott, D. (1956/2000). A preocupação materna primária. In: *Da Pediatria à Psicanálise* (pp. 399-405). Rio de Janeiro: Imago.

Winnicott, D. (1960/1983). Teoria do relacionamento paterno-infantil. In: *O ambiente e os processos de maturação* (pp. 38-54). São Paulo: Artmed.

Winnicott, D. (1971). *Playing and Reality*. London: Routledge.

Yin, R. (1994/2003). *Estudo de Caso – Planejamento e Métodos* (2ª Ed.). Porto Alegre: Bookman.

Zimerman, D. (1995). *Bion: da Teoria à Prática*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Zimerman, D. (1999). A Formação da Personalidade. In: *Fundamentos Psicanalíticos – Teoria, Técnica e Clínica – uma abordagem didáctica* (pp. 88-101). Porto Alegre: Artmed.

ANEXOS

PROTOCOLO DE RORSCHACH DE MARIANA, 8 ANOS E 1 MÊS

I	
<p>2''</p> <p>- Mocho... acho que é feio (...) detesto mochos são pretos! Tenho medo do escuro. É feio, horrível! Não tenho mais nada a dizer.</p>	<p>G F Clob A</p> <p>(Choque)</p>
II	
<p>1'</p> <p>Não sei o que é isto. É pintada.</p> <p>- V (?) É uma borboleta a voar!</p>	<p>(Crítica Obj.)</p> <p>G Kan A</p>
III	
<p>3''</p> <p>- V Oh!..Olha tão giro! É um gatinho com um laço. (?) Está aqui a carinha (D central superior) e o lacinho está aqui (D verm. central). (?) A carinha é mesmo parecida. É giro e eu adoro todo!</p>	<p>D bl F⁻ Ad</p> <p>(Coment.)</p>
IV	
<p>1''</p> <p>- É um bocadinho feio (...) (?) Porque é preto...é feio! Gosto de coisas com cores. Que cores gostas mais? (?) Não me parece nada.</p>	<p>(Crít. Obj.)</p> <p>(Choque Clob)</p> <p>Recusa</p>
V	
<p>10''</p> <p>- É feio, é horrível! Detesto... se fosse com cores aqui (D central superior). Detesto preto! Toma.</p>	<p>(Choque)</p> <p>Recusa</p>
VI	
<p>3''</p> <p>Uma alforreca ou um polvo...</p>	

<p>- (?) O polvo aqui (D superior)</p> <p>- e a tinta dele (parte restante da mancha).</p> <p>- a alforreca com os tentáculos (D superior).</p> <p>Gostava que isto fosse tudo azul (fundo). (?) Não sei, gosto muito de azul... assim ficava como se fosse o mar. O mar tem estas coisinhas. (?) Estes animais.</p>	<p>D F⁻ A</p> <p>D C' Elem.</p> <p>D F⁻ A</p> <p>(Observ. Cor)</p>
<p style="text-align: center;">VII</p> <p>4''</p> <p>Uh! Toma não tenho nada para dizer neste!...</p> <p>- V Parece um monstro dançarino... assim como os duns desenhos animados que eu vejo.</p>	<p>(Choque)</p> <p>G Kan (A)</p>
<p style="text-align: center;">VIII</p> <p>1''</p> <p>Isto é tão bonito, tão colorido! < Não vejo nada...</p> <p>- ^ Ovelhas... (D rosa lateral)</p> <p>- Aqui em baixo o pôr-do-sol... (D laranja inferior)</p> <p>- Gelo. (?) Como se fosse uma montanha com gelo em cima e neve mais abaixo. (?) O gelo é aqui este verdinho mais claro (D verde superior) e a neve está aqui mais abaixo, é este verde mais escurinho (D verde central).</p>	<p>(Observ. Cor)</p> <p>D F⁺ A Ban</p> <p>D CF⁻ Nat.</p> <p>D CF Nat.</p>

<p style="text-align: center;">IX</p> <p>2''</p> <p>- Parece uma borboleta. (?) Aqui a cabeça (Dd central superior) e o resto são as asas. (?) Aqui dos lados, isto tudo... o laranja, aqui o verdinho, o rosa...</p> <p>Quem fez este desenho? (?) Devia ter feito a cabeça mais para cima (?) Está muito para baixo, não sei.</p>	<p style="text-align: center;">G F⁻ A</p> <p style="text-align: center;">(Crít. Obj.)</p>
<p style="text-align: center;">X</p> <p>1''</p> <p>Tantas borboletas! (...)</p> <p>- Já sei, é uma mulher...</p> <p>- O casaco, (D rosa lateral)</p> <p>- soutien, (D azul central)</p> <p>- aqui uma tatuagem ou a boca... (D laranja central) não, é uma tatuagem, a boca está lá em cima... (Dd cinza superior – prolongamentos descendentes)</p> <p>- os sapatos... (D verde central inferior),</p> <p>- aquelas coisinhas levezinhas que se usam, que fazem assim quando se anda... Como se chamam? (?) Ah, é isso! (plumas) (D azul lateral)</p> <p>- Deixou cair os óculos (D cinza lateral esq.)</p>	<p style="text-align: center;">(Coment.)</p> <p style="text-align: center;">D F⁻ H</p> <p style="text-align: center;">D F⁻ Vest.</p> <p style="text-align: center;">D F⁺ Vest.</p> <p style="text-align: center;">D F⁻ Hd/ Tatuagem</p> <p style="text-align: center;">D F⁻ Obj.</p> <p style="text-align: center;">D F⁻ Obj.</p> <p style="text-align: center;">D F⁻ Obj.</p>

- Tem aqui um bocadinho de perfume a pairar no ar... (D amarelo lateral esq.)	D	F ⁻	Abst.
- É a mala das pinturas (D castanho lateral dto)	D	F ⁻	Obj.
- e a mala dela, de sair (D castanho lateral esq.)	D	F ⁻	Obj.
Gostei muito deste!		(Coment.)	

Prova das escolhas:

Escolha +

X: Porque tem cores muito vivas e a forma é bonita.

Escolha –

IV: Tem uma língua grande que sai...(D central inf.) é feio, é preto.

(Quis seleccionar apenas uma prancha para cada escolha)